

ONJALI Q. RAÚF

O
Garoto
do
Fundo
da
Sala





ONJALI Q. RAÚF

O
Garoto
do
Fundo
da
Sala

Traduzido por Carol Dias
Ilustrado por Pippa Curnick

1ª Edição

 **The
GiftBox**
E D I T O R A

2020

Copyright © Onjali Q. Raúf, 2018
Illustrations copyright © Pippa Curnick, 2018
Copyright © The Gift Box, 2020
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastácia Cabo

Gerente Editorial:

Solange Arten

Ilustração:

Pippa Curnick

Adaptação de Capa:

Bianca Santana

Revisão:

Louise Branquinho

Diagramação e tradução:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

R188g

Raúf, Onjali Q., 1981-

O garoto do fundo da sala [recurso eletrônico] / Onjali Q. Raúf ;
tradução Carol Dias. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2020.
recurso digital

Tradução de : The boy at the back of the class

Formato: mobi

Requisitos do sistema: auto executável

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5636-028-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. 3. Livros eletrônicos. I.

Dias, Carol. II. Título.

20-67142

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(410.1)

Sumário

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Um agradecimento especial para todas as crianças \(e os adultos super legais\) que leram este livro](#)

[Você sabia?](#)

[7 perguntas para ter Pensamentos Profundos a respeito \(sem dar uma Dor de Cabeça a si mesmo...\)](#)

[Qual é o significado de uma palavra?](#)

[Sussurros no mundo inteiro](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a The Gift Box](#)

DEDICADO A RAEHAN, O BEBÊ DE CALAIS.
E PARA MILHÕES DE CRIANÇAS REFUGIADAS AO REDOR DO MUNDO PRECISANDO DE UM
LAR SEGURO E AMOROSO.
E PARA MINHA MÃE E ZAK. SEMPRE.



A cadeira vazia

Costumava ter uma cadeira vazia no fundo da minha sala. Não era uma cadeira especial. Só estava vazia porque ninguém sentava nela. Mas aí, um dia, três semanas depois de as aulas começarem, a coisa mais legal que poderia acontecer com qualquer um aconteceu comigo e meus três melhores amigos. E tudo começou com aquela cadeira.

Geralmente, a melhor parte de começar um novo semestre na escola é que a gente ganha dinheiro extra para comprar material novo. Todo ano, no último domingo do verão, minha mãe me leva em uma Aventura Muito Especial para caçar meu material para o novo ano na escola. Às vezes minha animação é tanta que meu pé fica formigando e não sei em que loja quero entrar primeiro. Não existem muitas papelarias legais onde eu moro — elas só têm coisas de dinossauros chatos para meninos e de princesas para meninas. Então mamãe me leva de ônibus e de trem para a cidade com uma rua cheia de lojas — até mesmo uma daquelas enormes de departamento que parecem blocos de prédios altos do lado de fora.

Ano passado, encontrei um com tema de espaço e imagens de um astronauta voando na lua. Estava em promoção também, então comprei um estojo, um conjunto de réguas de matemática, borrachas e uma régua longa — e ainda sobrou quase uma libra de troco! A régua é uma das minhas coisas favoritas do material, porque o astronauta flutua em uma parte com água misturada com estrelas cinza. Brinquei tanto com isso que o astronauta ficou preso de um lado e não se incomodou em se mover novamente. Mas não foi minha culpa. O Sr. Thompson, nosso professor do ano passado, tinha uma voz tão entediante que minhas mãos precisavam de algo para fazer. É por isso que é importante ter um material divertido com você na aula — nunca se sabe quando vai precisar impedir que seu cérebro durma ou faça alguma coisa que pode colocar você na detenção.

Este ano comprei um do Tintim e do Milu. Amo o Tintim. Mesmo que ele seja apenas um personagem em um quadrinho e não seja real, quero ser igual a ele quando crescer. Acho que ser repórter, solucionar mistérios e sair em aventuras deve ser o melhor trabalho do mundo. Mamãe e papai costumavam comprar um novo quadrinho do Tintim a cada aniversário meu, e ela guardou todos os que a biblioteca dela estava prestes a jogar fora porque estavam muito velhos ou rasgados e me deu. Já li pelo menos cinquenta vezes. Mas vou ter que pensar em outro animal para viajar comigo, porque tenho alergia a cachorros. Não acho que gatos, hamsters ou até mesmo ratos treinados possam ser metade de tão úteis quanto o cachorro do Tintim, Milu. E mesmo que esteja pensando sobre isso há pelo menos um ano, ainda não encontrei nenhum.

Já que o material de papelaria do Tintim era muito mais caro que o do astronauta e não estava em promoção, só pude comprar o estojo, uma régua pequena e duas borrachas. Tive que pensar nisso por muito tempo, mas, no final,

decidi que gastar todo meu dinheiro de uma vez valeria a pena. Não porque tudo tinha o Tintim, mas porque, se você apertar um botão no estojo, Milu late e a voz do capitão Haddock[1] grita um “Com mil milhões de malditos macacos!”. Já chamaram minha atenção por apertar o botão no meio da aula de matemática este ano, mas, se eu não puder apertar um botão para o cachorro latir no meio da aula de matemática, então não consigo entender qual o ponto de colocarem um.

Não gosto de matemática. A simples tudo bem, mas este ano estamos aprendendo divisão com vírgula, números quadrados e todo tipo de coisa que meu cérebro não gosta. Algumas vezes eu peço ajuda, mas é embaraçoso ficar erguendo a mão toda hora para perguntar a mesma coisa. Tenho sorte, porque Tom, Josie e Michael sempre me ajudam com as coisas em que travo. Eles são meus melhores amigos e fazemos tudo juntos.

Tom tem um cabelo curto espetado, um sorriso de lado e um pomo de Adão que parece que uma bola de pingue-pongue ficou presa na garganta dele. É o melhor no nosso grupo e o mais divertido. Só entrou na nossa turma no ano passado, depois que seus pais se mudaram dos Estados Unidos para cá, mas nós ficamos amigos instantaneamente. Ele tem três irmãos mais velhos que sempre o provocam e o intimidam. Não é nada sério, apenas de brincadeira. Mas acho que roubam a comida dele também e é por isso que ele é tão magro e está sempre com muita fome. Uma vez eu o vi comer uma pizza inteira com cobertura extra e um x-burger duplo sem ficar cheio! Então escondo meus lanches e barras de chocolate dele quando posso.

Josie tem olhos grandes e castanhos e pelo menos um milhão de sardas no rosto. Ela é alta, desengonçada e sempre tem um chiclete no cabelo. É a garota mais rápida do nosso ano e consegue chutar uma bola de futebol e passar por qualquer goleiro do outro lado do campo. Ela é a pessoa mais legal que eu conheço, e olha que a conheço desde que tínhamos três anos. Nossas mães dizem que nossa amizade começou instantaneamente no primeiro dia do berçário, então elas decidiram se tornar amigas também. Sinceramente, não lembro muito de mim na época, mas Josie está em todas as minhas memórias de escola. Até pegamos nossa primeira detenção ano passado — tudo por causa de um hamster chamado Herbert.

Josie tinha ouvido um dos valentões mais velhos da escola dizer que iria dar descarga no hamster da nossa sala, o Herbert, na hora de irmos embora. Ela me contou e decidimos ir em uma Missão de Resgate ao Hamster. Escondemos Herbert na minha mochila antes do horário de saída e levei-o direto para casa. Mas, é claro, mamãe o encontrou e me fez levá-lo de volta bem no dia seguinte. Tentei explicar para o chato do Sr. Thompson o que acontecera, mas ele não me ouviu e me deu uma detenção. E, mesmo que não precisasse, Josie ficou de pé e disse que ajudou a roubar o Herbert também — apenas para ficar na detenção comigo. A gente sabe

que alguém é o seu melhor amigo quando se oferece para ficar na detenção com você.

Michael tem o cabelo black power mais fofo e arrumado de todos os garotos da nossa série. A maioria das pessoas acha que ele é estranho. Mas não para nós. Seus óculos estão sempre quebrados e os laços dos seus sapatos nunca estão amarrados direito, então ele está sempre tropeçando e esbarrando nas coisas enquanto anda. Porém, estamos tão acostumados agora que nem percebemos. Ele está quase sempre quieto, mas, quando fala alguma coisa, os adultos parecem impressionados e dizem que é “engenhoso”, “perspicaz”, ou usam outras palavras estranhas. Não sei o que significam, mas acho que querem dizer que ele é inteligente. Adultos sempre gostam de vir com palavras longas para coisas simples.

Michael é muito zoador por não poder correr rápido ou chutar uma bola em linha reta, mas não liga. Também não ligaria tivesse tanta grana quanto ele. Seu pai é professor e sua mãe, advogada, e, por estarem sempre ocupados, compram para ele os aparelhos e livros mais modernos e os jogos mais legais. Quando fomos visitar a casa dele no ano passado para sua festa de aniversário, vimos seu quarto pela primeira vez. Parecia a parte de dentro de uma loja de brinquedos. Acho que é mais fácil não ligar para o que as pessoas pensam quando se tem esse tanto de coisas na vida.

Josie e Michael estão sempre competindo um com o outro para ver quem ganha mais estrelas douradas e notas A na turma. Michael é melhor em História e Josie, em Matemática. Mas eu sou melhor em Leitura e Soletração do que os dois — especialmente a Josie. Ela odeia ler e nunca, nunca lê nada fora da aula. Diz que não possui imaginação, então não há motivos para ler um livro. Acho isso estranho, porque, como pode alguém não ter imaginação? Acho que ela teve uma quando era mais nova, mas isso saiu de dentro dela quando caiu de bicicleta no verão passado. Mamãe diz que pessoas sem imaginação estão mortas por dentro. Não acho que Josie esteja morta em lugar nenhum — ela fala muito.

Ter três melhores amigos pode fazer a escola parecer o melhor lugar para se estar, mesmo nos dias mais chatos. Apesar de que, este ano, a escola se tornou um pouco mais divertida — e tudo por causa da nossa nova professora, Sra. Khan.

A Sra. Khan tem um cabelo que fica balançando o tempo todo e sempre cheira a geleia de morango — o que é muito melhor do que ter cheiro de meia velha, como o Sr. Thompson. Ela é nova na escola e superinteligente — mais inteligente do que o Sr. Thompson já foi um dia. E ela nos dá prêmios na sexta-feira quando somos bonzinhos. Nenhum outro professor do nosso ano faz isso.

Ela nos deixa fazer todo tipo de coisa interessante que nunca fizemos antes. Na nossa primeira semana na escola, ajudou-nos a fazer instrumentos musicais com coisas que encontramos nas lixeiras de reciclagem da escola; na

segunda semana, trouxe um novo quadrinho para ler para nós que não estava nem na biblioteca ainda.

Aí, na terceira semana, algo aconteceu que deixou todo mundo tão surpreso que nem a Sra. Khan conseguiu nos fazer manter o foco nas nossas tarefas direito. E tudo começou com a cadeira vazia.



Foi na terceira terça-feira depois da volta às aulas. A Sra. Khan estava fazendo a chamada, prestes a falar meu nome, quando houve uma batida alta na porta. Normalmente, quando há uma batida na porta, é apenas alguém de outra turma trazendo um bilhete, então ninguém realmente presta atenção; mas, dessa vez, era a Sra. Sanders, a diretora. A Sra. Sanders sempre arruma o cabelo da mesma maneira exata e espia por cima dos óculos toda vez que fala com alguém. Todo mundo tem medo dela, porque, quando dá detenção, não faz você ficar apenas sentado em uma sala; ela manda decorar palavras longas do dicionário e não o deixa sair até aprender todas de cor — o significado *e* como se escreve. Ouvi que alunos das séries abaixo ficaram presos na detenção por horas porque tinham que aprender palavras tão longas quanto esta página.

Então, quando vimos que era a Sra. Sanders na porta, todos caímos em silêncio. Ela parecia bem séria, andou direto para a Sra. Khan e todos nós nos perguntamos quem estava com problemas. Depois de sussurrar e assentir por alguns segundos, virou do nada e, espiando por cima dos óculos para nós, apontou para a cadeira vazia no fundo da sala. Todos nós nos viramos e demos uma olhada para lá. A cadeira era esta:



Como eu disse, era uma bem comum e estava vazia porque uma garota chamada Dena saiu da nossa turma no final do ano passado para se mudar para Wales. Ninguém sentiu muita falta dela, menos sua melhor amiga, Clarissa. Dena gostava de se mostrar um pouco e estava sempre falando de quantos presentes os pais dela compravam toda semana e quantos pares de tênis tinha, além de mais um monte de coisas que ninguém ligava. Gostava de sentar no fundo da sala porque ela e Clarissa podiam fingir fazer as tarefas enquanto estavam desenhando suas estrelas pop favoritas e falando mal de alguém que não gostavam. Outra pessoa poderia ter pegado o lugar, mas ninguém realmente queria sentar perto da Clarissa. Era por isso que a cadeira permanecia vazia.

Depois de sussurrar por mais alguns segundos com a Sra. Khan, a diretora deixou a sala. Esperávamos que a professora dissesse algo, mas ela parecia estar esperando por alguma coisa, então também esperamos. Era tudo muito sério e empolgante. Mas, antes que pudéssemos começar a adivinhar o que estava acontecendo, a Sra. Sanders voltou, e dessa vez não estava sozinha.

Parado atrás dela estava um garoto. Um garoto que nenhum de nós tinha visto antes. Ele tinha um cabelo escuro e curto, olhos grandes que mal piscavam e uma pele pálida e lisa.

— Atenção, todo mundo — disse a Sra. Khan, enquanto o garoto entrou e parou ao lado dela. — Esse é o Ahmet, e ele se juntará à nossa turma a partir de hoje. Acabou de se mudar para Londres e é novo na escola, então espero que todos vocês deem o seu melhor para fazê-lo se sentir bem-vindo.

Assistimos em silêncio enquanto a Sra. Sanders o guiou para a cadeira vazia. Senti pena dele, porque sabia que não iria gostar muito de se sentar perto da Clarissa. Ela ainda sentia falta da Dena e todo mundo sabia que odiava garotos — dizia que eles eram estúpidos e fedorentos.

Acho que deve ser uma das piores coisas do mundo ser novo em um lugar e ter que se sentar com pessoas que não conhece. Especialmente quando as pessoas encaram você e franzem as sobrancelhas, como a Clarissa estava fazendo. Fiz uma promessa secreta para mim ali mesmo de que faria amizade com o garoto novo. Eu tinha algumas balas de limão na minha mochila naquela manhã e pensei em tentar dar uma a ele na merenda. E perguntaria para a Josie, para o Tom e para o Michael se eles ficariam amigos dele também.

Afinal, ter quatro novos amigos seria muito melhor do que não ter nenhum. Especialmente para um garoto que parecia tão assustado e triste quanto o que estava sentado no fundo da nossa sala.

[1] Personagem das Aventuras de Tintim, um dos melhores amigos do personagem principal, que tem a fama de estar constantemente zangado e soltar insultos engraçados.



O garoto com olhos de leão

Pelo resto do dia, continuei roubando olhares por cima do ombro para o novo garoto e percebi que todos os outros estavam fazendo o mesmo.

Na maior parte do tempo, ele manteve a cabeça baixa, mas, de vez em quando, eu o peguei encarando a gente de volta. Ele tem os olhos com as cores mais estranhas que já vi — como um oceano brilhante, mas em um dia metade ensolarado, metade nublado. Eles são cinza e azul-acinzentado, com pontinhos marrons e dourados. Eles me lembram de um programa que vi sobre leões uma vez. O câmara deu um zoom no rosto do leão tão grande que fez seus olhos ficarem do tamanho da tela inteira. Os olhos do novo garoto são como os daquele leão. Fazem você nunca querer parar de encarar.

Quando o Tom se juntou à nossa turma no ano passado, eu o encarei bastante também. Não queria, mas continuava imaginando que ele tinha vindo de uma família americana espia — como aquelas que a gente vê nos filmes. Ele me contou depois que tinha pensado que havia algo de errado comigo. O garoto novo provavelmente achava que havia algo de errado comigo também, mas é difícil parar de encarar pessoas novas — especialmente quando elas têm olhos iguais aos de um leão.

Tivemos Geografia no primeiro tempo daquela manhã, então não pude levantar para dizer oi ao novo garoto. Depois, no recreio, procurei por ele pelo parquinho, mas não consegui vê-lo em lugar nenhum. No segundo período, tivemos Educação Física, mas o garoto novo não se juntou a nós; ele se sentou em um canto, encarando sua mochila, que era vermelha com uma listra preta e parecia bem suja. Achei que ele devia ter esquecido suas coisas de Educação Física, porque a mochila parecia vazia e murcha. Tentei acenar para ele, que nunca olhou para cima — nem mesmo uma vez.

Sempre que fazemos essa aula, gosto de fingir que estou treinando para me juntar ao Tintim em uma aventura e tenho que ser a pessoa mais veloz do planeta. O único problema é que minhas pernas ainda não são tão longas quanto gostaria que fossem, então, mesmo que eu pule o mais alto que posso, sempre acabo me prendendo no meio do obstáculo. Em todos os meus aniversários, faço um pedido para ficar pelo menos dez centímetros maior e bebo o máximo de leite que puder para que meus ossos se estiquem. Mas, ainda que eu tivesse nove anos e nove meses, só havia crescido 3,8 centímetros desde o aniversário anterior. Pelo menos tinha sido isso que minha mãe havia dito. Fiz o meu melhor para pular o obstáculo de primeira na frente do garoto novo, mas me prendi outra vez. Por sorte, ele não me viu, porque estava encarando a mochila o tempo inteiro.

Depois da Educação Física, nós paramos para o almoço. Josie, Tom, Michael e eu decidimos que tentaríamos encontrar o garoto novo para que ele não ficasse totalmente sozinho. Esperamos bem do lado das portas do parquinho. Mas o

garoto novo não apareceu. Tom até foi olhar no banheiro dos meninos, porque foi lá que ele tentou se esconder no primeiro dia, quando não conhecia ninguém, mas não havia ninguém lá.

— E se ele estiver almoçando com as turmas mais novas por engano? — perguntou Josie. Mas, quando chegamos ao refeitório, não conseguimos vê-lo em lugar nenhum.

À tarde, tivemos História e fomos divididos em grupos, mas o garoto novo teve permissão para sentar sozinho e não se juntou a ninguém. A Sra. Khan passou mais tempo com ele do que com qualquer um dos nossos grupos e apontava para as coisas no novo livro que dera a ele.

— Talvez ele seja surdo — alguém sussurrou.

— Talvez não consiga falar inglês — murmurou outra pessoa.

— Tem algo de errado com ele com certeza! — todo mundo falou baixinho.

Naquela tarde, não acho que alguém aprendeu sobre como era ser um gladiador vivendo nos tempos romanos, porque estávamos todos ocupados sussurrando sobre o garoto novo. Ele devia saber o que estávamos fazendo, porque seu rosto ficou vermelho o tempo inteiro. Então, no último recreio, ele desapareceu de novo.

— Deve ter ficado lá dentro — disse Michael depois que terminamos de procurar por todo o parquinho pela terceira vez seguida.

Aquela altura, minhas balas de limão estavam ficando meladas dentro do bolso e começando a parecer bolas de pelo amarelas.

Na hora de ir para casa, todos ainda estavam falando sobre o novo garoto e se perguntando quem ele era. Acho que era porque um dia inteiro havia passado e ninguém sabia nada sobre ele, exceto seu nome. Nem mesmo Clarissa — e ela estava sentada bem ao lado dele! As pessoas continuavam indo até ela para perguntar se o garoto novo tinha dito algo, mas a garota apenas balançava a cabeça e dizia que ele estava usando um livro de um ano anterior, então sua leitura e escrita não deveriam ser muito boas.

No nosso caminho para o ponto de ônibus, vimos todo mundo se reunindo ao redor da Jennie do lado de fora, em frente ao portão. Jennie é famosa na escola por sempre saber tudo sobre todas as coisas, então corremos para ouvir o que ela estava dizendo.

Jennie é da sala ao lado da nossa e tem o maior cabelo da escola. Gosta de espionar as pessoas e depois conta histórias sobre elas para os outros. Algumas vezes as histórias são verdade, mas, na maior parte do tempo, são apenas meio verdadeiras, porque ela gosta de inventar coisas. Ano passado, ela contou uma história sobre a Josie estar trapaceando em uma partida de futebol ao fingir cair para

conseguir um pênalti. Mas eu estava lá e Tom também, nós dois a vimos cair depois de levar um chute na perna por um garoto mais velho chamado Robert. Ela ficou com uma marca grandona na perna no formato da Austrália por semanas! Mas não importava quantas vezes nós mostrássemos a marca a todo mundo e contássemos o que acontecera, ninguém acreditava. Nem mesmo as pessoas que estavam lá.

Às vezes eu acho que todo mundo gosta de acreditar em uma mentira, mesmo quando sabem que é mentira, porque é mais legal que a verdade. E gostam ainda mais de acreditar se ela estiver impressa em um jornal. Aprendi isso agora. Também aprendi por que a mamãe diz que os políticos são mentirosos e sempre grita com eles quando aparecem na TV. Talvez a Jennie vá ser da política quando crescer.

Quando nos aproximamos, ouvimos a Jennie dizer a todo mundo que o garoto novo tinha passado todos os intervalos com a Sra. Sanders, porque havia feito algo ruim na escola antiga e era perigoso demais deixá-lo à solta no parquinho com a gente. Mas não acreditei; dava para dizer que o Michael também não, porque perguntou a ela como sabia tanto sobre isso. Jennie ficou brava e jurou de mindinho ter ouvido o Sr. Owen falando com a Sra. Timms do lado de fora da sala dos professores sobre o quanto eles sentiam pela Sra. Khan e quão felizes estavam que o garoto novo não estava na turma deles, porque não seria fácil de lidar. Mas, antes que pudéssemos fazer mais perguntas, o pai da Jennie começou a buzinar do carro, então ela saiu correndo.

Assistimos enquanto ela se afastava e depois encaramos os portões da escola para ver se o garoto novo já tinha saído. Mas não conseguimos vê-lo em lugar nenhum.

— Ele já deve ter ido embora — disse Josie.

Tom e Michael assentiram.

— Vamos esperar só mais dois minutos — pedi, esperando que ele ainda estivesse do lado de dentro.

E fiquei feliz por ter feito isso, porque, poucos segundos depois, o garoto novo saiu de dentro do parquinho. Estava segurando a mão da Sra. Khan e encarando o chão. Uma mulher que estava esperando nos bancos do lado de fora gritou do nada:

— Cooo-eee! — E correu para ele.

Estava usando um casaco longo marrom, um chapéu de lã e um lenço vermelho vivo. Ela parou e falou com a Sra. Khan por bastante tempo, assentindo muito, mas não conseguimos ouvir nada, porque estávamos muito longe.

— Queria saber se essa é a mãe dele — comentou Josie.

Achava que não, porque o garoto não a abraçara e parecia bem tímido ao redor dela também.

— Vamos logo — disse Michael.

Estava apontando para o relógio, que apitava igual um submarino. Ele tem um relógio especial que diz quando o próximo ônibus está vindo. É para ajudá-lo a chegar aos lugares no horário, mas só vi isso fazer com que ele batesse nas coisas com mais frequência.

— Não! Espera! — pedi. E, antes que eu pudesse pensar muito sobre, corri para onde o garoto novo estava. — Olá! — disse, batendo no ombro dele.

A Sra. Khan e a mulher de lenço vermelho olharam para baixo, em minha direção, e coloquei a mão no bolso para pegar a bala de limão.

— Aqui! — disse, estendendo-a. Fiquei meio envergonhada, porque a bala já estava com um pouco de pelos. Mas ainda dava para comer. Essa é a parte boa das balas de limão. Não importa quão feias se parecem, ainda têm um gosto delicioso.

Acho que falei alto demais, porque o garoto novo deu um passo para longe de mim e acredito que estava assustado.

— Está tudo bem, Ahmet, você pode pegar — falou a mulher, movendo as mãos para ele como se estivesse falando em língua de sinais.

Mas o garoto novo pegou a mão dela e escondeu o rosto atrás do seu braço. Não sabia o que fazer, porque nunca havia assustado tanto ninguém antes disso a ponto de querer se esconder de mim. A mulher falou gentilmente outra vez e, depois de alguns segundos, ele pegou a bala e olhou diretamente para mim com os olhos de leão, antes de se esconder novamente.

— Obrigada — disse a mulher. Olhou para mim e sorriu. Gostei dos seus profundos olhos castanhos, porque pareciam gentis, e das suas bochechas rosadas vibrantes. Mas, o que mais gostei foi a maneira como seu grande cabelo loiro balançava com o vento debaixo do chapéu. — Ahmet irá desfrutar no caminho para casa.

Assenti e voltei correndo para onde Josie, Tom e Michael estavam esperando por mim. Senti-me extremamente feliz, porque a Sra. Khan sorriu para mim com o rosto inteiro e me deu uma piscadinha também — assim como meu pai costumava fazer quando pensava que eu tinha feito algo bom ou quando estava brincando com a minha mãe. Quando eu crescer, vou piscar para as pessoas como ele fazia apenas para que se sintam especiais também. Enquanto fazíamos nosso caminho para casa, decidi que, no dia seguinte, toda vez que eu visse o garoto novo me encarando, daria a ele tantas piscadinhas quanto eu pudesse.



Quarenta piscadinhas

No dia seguinte, e no outro dia seguinte e no dia que veio depois, sorri para o garoto novo e dei piscadinhas amigáveis tanto quanto eu podia. Meu objetivo era dar a ele pelo menos quarenta piscadinhas por dia, porque era isso que a mamãe dizia que todo mundo precisava, mas, depois de um tempo, minhas sobrancelhas começaram a se sentir de um jeito engraçado. Dava para dizer que o garoto novo tinha achado interessante, porque havia parado de olhar para todos os outros, mas continuava olhando para mim. Mas aí Michael me viu tentando piscar com os dois olhos, um depois do outro, e disse que eu parecia precisar de um médico. Provavelmente disse isso porque eu não conseguia piscar com meu olho esquerdo tão bem quanto com o direito. Então decidi parar de piscar tanto.

Naquela semana, a Sra. Khan estava ensinando fotossíntese e deu para cada um de nós um pequeno pote com uma semente para cuidarmos. Todo mundo estava animado, porque ela disse que haveria um prêmio para quem deixasse crescer a melhor plantinha. Até mesmo o garoto novo recebeu uma e acho que isso o deixou feliz, porque ficou olhando para o pote. Tentei sussurrar um monte de palavras animadoras, como “arco-íris”, “pipoca” e “marshmallow” para a minha, porque li em algum lugar que, se você contar para as plantas sobre coisas felizes, isso fará com que cresçam mais rápido. Nunca ganhei um prêmio antes. Nem mesmo no parque de diversões. Pensei que, se me esforçasse bastante e continuasse conversando com a minha planta, poderia ganhar daquela vez. Se não fosse eu, queria que fosse o garoto novo, porque ele realmente parecia gostar da planta.

Mas fiquei preocupada com Brendan Brooker Valentão. Ele era o valentão da turma. Suas bochechas estavam sempre vermelhas, porque passava a maior parte do tempo perseguindo alguém menor que ele pelo parquinho. Ele não era muito inteligente e odiava todo mundo que era. Se alguém conseguia uma nota máxima na turma ou ganhava um prêmio, ele tentava bater na pessoa na hora da saída. Eu o vi olhando para a planta do Ahmet e franzindo os olhos, assim como fazia quando estava pensando em algo malvado para fazer. Não gostei nem um pouquinho disso.

Sua maldade mais comum era fazer você tropeçar no pé dele. Também gostava de jogar a sua bandeja de almoço para cima enquanto andava para que a comida caísse no seu peito como ovos escorrendo. Já fez isso comigo. Algumas vezes ele era pego, mas na maioria não era. E, mesmo quando era, não conseguia nenhuma detenção.

Boa parte dos professores parecia gostar dele. Talvez fosse porque, quando ele sorria, parecia um daqueles garotos que cantavam em corais na televisão. O Sr. Thompson costumava chamá-lo de “patife” — que deve ser uma palavra boa, porque dava uma piscadinha e um tapinha nas costas do Brendan Valentão sempre que dizia isso, depois o deixava sair correndo novamente. Isso fazia todo mundo na sala — menos o Liam e o Chris, únicos dois amigos dele —

odiá-lo ainda mais. Até mesmo os valentões das séries mais velhas achavam que ele era irritante. Era engraçado que valentões não gostassem de valentões. Talvez isso os fazia deixar de se sentirem especiais. Mas, na escola, todo mundo sabia quem eram essas pessoas e quem eles gostavam de incomodar. Dois valentões não podiam ir atrás do mesmo aluno. Era um sistema estranho. Porém, essas eram as regras e todo mundo as seguia. Até mesmo os professores.

Mas a Sra. Khan é diferente.

Ela não parece gostar tanto do Brendan Valentão quanto os outros professores. Sempre fica de olho nele e, desde que fomos colocados na turma dela, ele tem tomado cuidado para não fazer nada quando ela estiver por perto. Mesmo assim, vou continuar mantendo o olho nele.

Logo depois que o garoto novo se juntou à nossa turma, muitos rumores sobre ele começaram a circular pelo parquinho, como se estivéssemos brincando de batata quente.

A maioria das pessoas acreditava na Jennie e dizia que o garoto novo deveria ser perigoso, por isso nunca permitiam que ficasse aqui fora. Mas aí outras pessoas começaram a dizer que ele tinha uma doença supercontagiosa e que essa era a verdadeira razão para que não permitissem que falássemos com ele. O rumor sobre a doença assustou tanto a Clarissa que ela tentou sentar o mais longe possível que conseguisse sem sair da cadeira. Teve uma hora que se inclinou tanto para fora que caiu direto no chão! Ela não se inclinou tanto depois disso, mas sempre colocava os braços para cima ou usava um livro de exercícios como divisória.

Não achei que o garoto novo se parecia nem um pouquinho perigoso ou que tivesse uma doença, então o rumor que eu acreditava ser mais verdadeiro era o de que ele era de uma família super-rica e os pais dele o haviam enviado para a nossa escola disfarçado para não ser sequestrado. Michael disse que sequestradores não viriam à nossa escola para procurar por ele porque não ficava em uma área chique, e Tom concordou. Disse que, quando se mudou dos Estados Unidos, seus irmãos mais velhos disseram que deviam estar pobres porque iriam morar na Ponta Pobre de Londres, e não na Ponta Rica. Não entendi muito bem o que quiseram dizer, porque Londres não tem pontas. No mapa parece apenas uma gota de geleia esparramada.

Queria perguntar ao garoto novo se o rumor sobre os sequestradores era verdade e se ele precisava que nos tornássemos seus guarda-costas. Mas ele ainda estava fazendo todas as tarefas sozinho e sumia em todos os recreios e na hora da merenda. Então ninguém, menos a Clarissa, poderia falar com ele. E ela não queria! Tentei prender seu olhar, assim conseguiria sorrir e sussurrar “olá”, mas a Sra. Khan me viu e me mandou prestar atenção ao meu dever.

Na vez em que tentei mandar um bilhete para ele em um aviãozinho de papel — porque tenho um talento para isso —, ele voou com dificuldade e bateu na cabeça do Nigel. Ele é um dedo-duro e abriu o bocão na mesma hora. Odeio dedos-duros, porque eles parecem gostar de colocar as pessoas em problemas mais do que qualquer outra coisa no mundo e estão sempre sorrindo enquanto fazem isso. A Sra. Khan veio, pegou o bilhete e leu apenas para si mesma. Balançou a cabeça para mim, mas penso que ela achou o desenho que eu fiz engraçado, porque sua boca deu um pequeno sorriso que apenas eu vi. Mesmo não tendo sobrado para mim, sei que seria muito arriscado mandar outras mensagens aéreas. Especialmente com dedos-duros por aí.

No outro dia, no recreio, Josie, Tom, Michael e eu decidimos seguir o garoto novo e descobrir aonde ele iria. Mas a Sra. Khan nos pegou o seguindo pelos corredores e disse para não fazermos de novo. Não parecia brava, mas disse que o menino precisava ficar em “Reclusão” por um pouco mais de tempo e era para o seu próprio bem, então prometemos não segui-lo mais.

— O que “Reclusão” significa? — Josie perguntou quando voltamos para o parquinho.

Nenhum de nós sabia exatamente, nem mesmo Michael, embora tenha dito que soava como se o garoto novo precisasse de tratamento privado, como uma pessoa muito doente no hospital, então talvez ele tenha uma doença contagiosa, afinal.

Mas não demorou muito para que descobríssemos o que Reclusão realmente significava e por que o garoto novo precisava tanto disso.

4

*O que o Sr. Brown e a Sra.
Grimsby disseram*

Meu pai costumava dizer que, se você quisesse muito, muito alguma coisa, precisa continuar tentando. E, como ele sempre dizia que tinha tudo que poderia querer, acho que ele devia saber tudo sobre tentativas.

Sabia que queria fazer amizade com Ahmet. Não entendia por que, apenas sabia. Desisti de falar com ele durante o dia — por causa de toda a Reclusão que ele precisava —, mas percebi que depois da escola era ok, porque a Sra. Khan tinha sorrido para mim e piscado na primeira vez. Então, todos os dias durante duas semanas inteiras, esperei no portão da escola na hora da saída.

Assim que o garoto novo e a Sra. Khan saíam para encontrar a mulher com o lenço vermelho, eu corria até ele e dava ao garoto novo uma bala de limão — e, às vezes, uma barra de chocolate inteira. Mas não importava quantos doces eu dava a ele ou o quanto a Sra. Khan o encorajava a falar comigo, o garoto novo nunca dissera uma palavra e nunca, nunca sorria de volta. Nem mesmo quando dei um pacote inteiro de doces no formato de ratinhos brancos, que são meus favoritos. Ele apenas os pegava em silêncio e, olhando para o chão, andava para trás da mulher de lenço vermelho como se precisasse se esconder de mim.

— Talvez ele não goste de doces — disse Michael na sexta-feira da segunda semana.

— Não seja bobo! — falou Josie, mordendo o próprio cabelo. — Todo mundo gosta de doces!

— Talvez ele seja alérgico — apontou Tom. Nunca tinha ouvido sobre ninguém que fosse alérgico a chocolate e doces antes, mas, enfim, tenho alergia a cães, mesmo que ninguém tenha. Então talvez ele estivesse certo.

Depois daquilo, decidi dar ao garoto novo as frutas do meu almoço em vez dos meus doces. Ele ainda ia para a Reclusão em todos os horários de almoço, então, na segunda-feira da terceira semana tentando fazer amizade, peguei a maior laranja que consegui encontrar na cantina da escola e esperei nos portões. Estava superfeliz porque havia desenhado uma carinha sorridente na casca e Tom tinha me dado um adesivo de dinossauro para colar lá — então eram duas coisas que faziam a laranja mais especial. Tom ama colecionar adesivos — ele tem cartelas e mais cartelas deles em casa e, sempre que ganha um que gosta, traz para nos mostrar. Nunca o vi dar um adesivo para alguém que não conhecesse muito bem, então esperava que o garoto novo gostasse e soubesse quão especial era.

Mas, enquanto esperávamos o garoto novo sair, ouvimos algo sobre ele que não entendemos muito. Na verdade, era mais confuso do que aprender sobre a Reclusão em que ele estava.

Havia muitos adultos parados atrás de nós nos portões — sempre havia muitos deles no horário da saída. Às vezes, eles falavam sobre as notícias e o que fariam para o chá. Mas a maioria conversava sobre o clima. Não sei por que, pois

não há nada mais entediante do que falar algo que qualquer um pode ver por conta própria, mas acho que é isso que se deve fazer quando se torna um adulto.

Normalmente, não ouvimos, porque temos coisas mais interessantes para conversar, como o que iremos assistir assim que chegarmos em casa ou quem é nosso atleta olímpico ou jogador de futebol favorito. Mas, nessa tarde, depois de alguém ter dito quão ensolarado estava, que isso era adorável e que eles esperavam que estivesse com sol amanhã também, outra pessoa disse:

— Ouviu sobre a nova criança refugiada que entrou na escola? Ele foi colocado na turma da Sra. Khan. Não conseguiram encontrar uma assistente que fale a língua dele. Pobre coitado!

Josie, Michael e Tom olharam para mim e olhei para eles, depois ficamos parados bem juntinhos. Sabia que estávamos pensando a mesma coisa, porque nossos rostos se franziram ao mesmo tempo: estávamos nos perguntando o que uma criança refugiada estava fazendo na nossa turma.

Depois, a moça que falava sobre o sol disse:

— Isso dará problema, anote o que eu digo. Eles virão apenas para roubar nossos empregos!

Com cuidado, assim ninguém iria nos ver, todos olhamos por cima dos ombros e vimos que era o Sr. Brown e a Sra. Grimsby que estavam falando.

O Sr. Brown deu de ombros e disse:

— Se ele veio daquela guerra horrível do jornal, sinto muito pelo garoto. Não posso culpá-los por querer sair daquela ameaça mortal.

— *Pff* — disse a Sra. Grimsby. — Um incômodo, todos eles! Não confio em nenhum deles. Espere e veja; serão nossos filhos que sofrerão, só porque esses daí virão e farão o que quiserem. — Dava para dizer que o Sr. Brown não gostou do que ela estava falando, porque franziu o rosto, balançou a cabeça e deu um passo para longe.

Gosto do Sr. Brown. Ele é o pai do Charlie. Charlie é um dos garotos das séries mais velhas. Todo mundo sabe quem ele é, porque rouba pelo menos três pudins da bandeja em todo almoço, então nunca temos o suficiente para todos. Ele também é famoso por ter ligado o alarme de incêndio para fugir de um teste de ciências. Sempre está arrumando problema. Mas não acho que o Sr. Brown saiba disso, porque toda vez ele diz: “Charlie, meu garoto! O que você aprontou hoje?”, o Charlie responde: “Nada” e o Sr. Brown sorri para ele. Charlie diz a todo mundo que seu pai é boxeador, mas não acho que isso possa ser verdade. Ele tem uma barba enorme e, se eu estivesse lutando contra ele, puxaria sua barba todas as vezes e venceria.

Olhei para a direita, em direção à Sra. Grimsby, com o rosto azedo, vermelho e bravo, e decidi que não gostava muito dela. Ela é avó de uma garota

chamada Nelly, que está um ano abaixo de nós. Nelly é uma das meninas mais populares daqui, principalmente porque venceu todas as competições de arroteio que a escola já teve. Ela consegue arrotar músicas famosas e está sempre desafiando alguém a tentar vencê-la.

Eu estava olhando para a Sra. Grimsby e pensando em todas as coisas que ela havia dito quando Josie me cutucou no braço do nada.

— Veja!

Quando olhei pelas grades, a Sra. Khan e o garoto novo estavam no parquinho e já conversavam com a mulher do lenço vermelho. Então corri o mais rápido que pude e dei ao garoto novo a laranja especial.

Como sempre, ele não agradeceu nem sorriu, mas vi seus olhos se abrirem com o desenho da carinha sorridente e o adesivo na laranja. E, pela primeira vez, ele olhou para cima, na minha direção, com seus olhos de leão e não os afastou. Soube naquele momento que ele não estava mais com medo de mim.

Eu o encarei de novo e dei a ele um pequeno sorriso. Queria que soubesse que não me importava que ele fosse uma criança refugiada. Ainda queria sua amizade. Acho que ele deve ter entendido, porque me deu um aceno que ninguém mais conseguiu ver. Queria que ele sorrisse de volta, porque só dá para saber mesmo se a pessoa realmente é sua amiga quando ela gosta de você o suficiente para sorrir de volta. Mas tudo bem, porque o aceno parecia uma promessa e eu soube que não teria que esperar por muito tempo até que ele sorrisse.



A criança refugiada

Quando cheguei em casa naquela noite, fiquei de olhos abertos o máximo que consegui e esperei minha mãe voltar do trabalho. Passava sempre das nove quando ela chegava às segundas, porque essas eram noites prolongadas na biblioteca. Já deveria estar na cama nesse horário ou ela ficaria brava, mas não ligava de levar uma bronca — não se isso significasse que eu poderia saber o que fazia do garoto novo uma criança refugiada e por que a Sra. Grimsby achava que eles causariam problemas e pegariam os trabalhos das pessoas o tempo inteiro.



No ônibus para casa, Michael disse que crianças refugiadas vêm de grandes tendas no deserto. Mas aí a Josie disse que ninguém tinha permissão para viver em tendas na Inglaterra, porque é contra a lei, exceto quando você vai acampar. E Tom disse que ele ouvira sobre os refugiados na televisão, mas não conseguia lembrar por que eles fugiram, e que a Inglaterra não tinha nenhum deserto com um monte de tendas, de todo jeito. Foi tudo muito confuso, mas eu sabia que minha mãe saberia, porque ela trabalha em uma biblioteca e bibliotecas têm livros sobre tudo.

Minha mãe é incrível e é a pessoa mais inteligente que eu conheço — mais do que a Sra. Khan. Ela trabalha em dois empregos — é bibliotecária durante a semana e, aos sábados, é uma cuidadora. Ela olha um monte de gente que não pode comer, andar ou lembrar as coisas direito, ou pessoas que estão doentes demais para viverem sozinhas. Já que a mamãe trabalha muito, não consigo vê-la o tempo inteiro — menos nos domingos. Domingos são nossos Dias Especiais de Aventura — costumávamos fazer isso todo o tempo com meu pai. Sempre que ele tinha um dia livre, acordava-nos cedo, empacotava um lanche e entrávamos no carro para uma aventura! Geralmente à beira-mar ou em um parque safari; ou, se o tempo estivesse frio, para o boliche ou cinema.

Não temos como pagar por nada disso agora, porque, quando eu tinha seis anos, meu pai morreu em uma batida de carros. Às vezes eu me preocupo de esquecê-lo, mesmo que sinta saudades dele todo dia. Mas, quando penso com força e mergulho na parte mais profunda da minha mente, ele continua lá. Ele era o pai mais engraçado que alguém poderia ter. Costumava ser um carpinteiro e amava construir coisas com o que quer que encontrasse.

É assim que meu pai se parece na minha memória:



Ele sempre falou mais do que a mamãe e amava inventar histórias. Porém, mais do que qualquer coisa, ele amava ouvir música. Tinha uma coleção musical enorme e estava sempre consertando a vitrola antiga que o vovô comprara para ele no seu aniversário de treze anos. Ensinou-me como colocar os grandes discos pretos e polir a grande corneta dourada da forma certa.

A mamãe quis vendê-la no ano passado para ajudar a pagar as contas — porque, aparentemente, quanto mais velha a coisa, mais dinheiro vale. Apenas para objetos, é claro — as pessoas não. Mas, felizmente, meu tio Lenny a fez me dar em vez disso. Tio Lenny é irmão da minha mãe e o melhor tio do mundo, mesmo sendo casado com a tia Christina, que não gosta muito de mim, e tenha um filho chamado Jason, que gosta de quebrar coisas. Ele tenta nos visitar pelo menos uma vez por semana, geralmente sozinho. Sempre me pergunta se preciso de alguma coisa. Amo isso nele. E sempre o amarei por me ajudar a ficar com a vitrola do papai. Está no meu quarto agora, mas nunca toco música, a menos que a mamãe esteja fora de casa. Ela não gosta muito que eu use. Acho que a lembra de quando meu pai costumava dançar com ela depois de fazer uma cadeira ou mesa que estivesse orgulhoso e isso faz com que fique muito triste.

Fiquei tocando um dos álbuns antigos favoritos do meu pai para que não conseguisse dormir, quando ouvi do nada a chave da minha mãe na porta. Dá sempre para dizer quando é a chave dela e não a do meu tio Lenny, porque o barulho é mais alto. Rapidamente, desliguei a música e corri para a sala.

— Ei, oi, amorzinho! — disse a mamãe. Dava para dizer que ela estava surpresa em me ver, porque suas sobrancelhas pularam e desapareceram no cabelo. — O que está fazendo de pé tão tarde?

— Não consegui dormir — respondi.

— Ah... — disse. Dando-me um abraço, ela me encarou com o rosto franzido e tocou minha testa. Ela sempre faz isso quando está preocupada. — Não está se sentindo mal, está?

Balancei a cabeça.

— Já jantou?

Assenti. Normalmente, tomo um pouco de sopa com um pãozinho nas noites que mamãe não chega a tempo do jantar. A Sra. Abbey, do outro lado do corredor, vem e me ajuda a fazer quando sabe que estarei por conta própria. Ela é velha e tem problemas para andar, mas, às vezes, faz peixe frito com batatinhas se estiver se sentindo bem. Minha sopa favorita é a de tomate, porque me lembra de ketchup. Ketchup é uma das minhas coisas favoritas para comer no mundo inteirinho. Dá para adicionar um bocado em praticamente todos os pratos que não sejam sobremesa, e aposto toda a minha mesada com você que fará o prato ficar

melhor na hora! Está em terceiro lugar na minha lista de comidas favoritas, depois de chocolate e sorvete de casquinha do carrinho que vende na rua.

— Ok, então — disse a mamãe, enquanto colocava a bolsa no chão. — Vamos ver se um pouco de chocolate quente resolve! Venha e me faça companhia enquanto tomo chá. Não estou tão faminta hoje.

Segui mamãe para a cozinha e assisti enquanto ela pegava o pote de chocolate e ligava a chaleira. E, então, antes que eu percebesse, perguntei:

— Mãe, o que é uma criança refugiada?

Não queria mesmo jogar isso de qualquer jeito, mas, às vezes, minha boca fala coisas para as quais meu cérebro ainda não está preparado.

Mamãe parou o que estava fazendo e me encarou.

— Uma *criança refugiada*? — perguntou, franzindo o rosto. — Onde você ouviu essas palavras?

— Na escola — respondi. — Alguém chamou o garoto novo da nossa turma de criança refugiada.

— Tem um garoto novo na sua turma?

Assenti.

— E a Sra. Khan não falou nada sobre ele?

Balancei a cabeça.

— Apenas que ele se chamava Ahmet e que nunca esteve em Londres. Andei tentando fazer amizade, mas ele não fala com ninguém, então não sei dizer se ele quer ser meu amigo também...

— Entendi... — Mamãe caiu em silêncio. Derramou leite na leiteira e esperou aquecer. Sabia que ela estava pensando em algo sério, porque estava coçando muito o queixo. Mamãe apenas coça muito o queixo quando está prestes a dizer algo sério.

— Mãe? — sussurrei.

Mas ela continuou em silêncio, o que me fez começar a ficar preocupada. Mamãe geralmente responde minhas perguntas na mesma hora. Talvez isso que o Sr. Brown havia chamado o garoto não fosse uma coisa legal para dizer afinal.

Enquanto esperava pelo meu chocolate quente, sentei na minha cadeira e olhei para fora. Nosso apartamento não é muito grande, mas temos uma mesa pequena perto da janela com quatro cadeiras ao redor. Sempre sento na cadeira perto da geladeira, porque gosto de conseguir abri-la sem me levantar. É como se eu estivesse olhando para um cômodo extra na casa — mas um que está cheio de comida.

Sempre que vou para a casa do meu tio Lenny, olho dentro da geladeira dele, porque a sua é tão grande que quase toca o teto da cozinha. Se precisasse, meu tio Lenny poderia viver lá dentro. Teria que tirar todas as prateleiras e coisas, mas

definitivamente daria para morar e ficar de pé se quisesse. Acho que é bom ter uma geladeira grande o suficiente para se esticar dentro. Significa que você nunca vai ficar sem comida, como nós ficamos às vezes. E, se ficar, pode entrar nela e aproveitar.

Quando mamãe terminou de fazer meu chocolate quente e o chá dela, sentou-se na sua cadeira, que é do lado oposto à minha, e pegou dois cubinhos de açúcar do pote. Mantendo-os na colher, lentamente os dissolveu no chá, fazendo círculos. Assistimos enquanto eles ficavam cada vez menores, até desaparecerem.

— Mãe, então, será que você pode me dizer... o que uma criança refugiada... Quer dizer, de onde elas vêm?

Mamãe me deu um olhar. Ela tem pelo menos vinte tipos diferentes de olhares que me dão uma mensagem secreta e sei o que cada um significa. Esse dizia: *pare de me perguntar*. Depois respondeu:

— Lembra-se daqueles botes salva-vidas na televisão, amorzinho? Aqueles cheios de pessoas espremidas que você estava perguntando a respeito?

Assenti. Tinha sido no meio das férias de verão. Mamãe e eu estávamos no sofá da sala. Ela estava fazendo palavras cruzadas e eu estava colorindo alguns desenhos que tinha feito, o jornal passando ao fundo. A tela da TV mudara de uma repórter parada na praia para um vídeo de várias pessoas em botes no meio de um oceano, todas parecendo assustadas. Havia sentido pena deles e perguntado para a mamãe o que estava acontecendo.

— Lembra o que eu falei? — perguntou.

— Você disse... que eles estavam tentando encontrar um lugar novo para viver porque a casa deles não era boa para se estar mais.

— Exatamente, meu amor. Eles eram o que as pessoas chamam de refugiados. E crianças como o garoto novo da sua sala são chamadas de crianças refugiadas, porque tiveram que deixar seus lares, viajar para bem longe e encontrar uma casa nova para morar.

— Tipo a Dena? — perguntei, em dúvida se a Dena seria chamada de criança refugiada em sua nova escola também. Ela teve que se mudar para Wales porque seus pais não conseguiam encontrar uma casa em Londres.

Mamãe balançou a cabeça.

— Não exatamente — disse. — Os pais da Dena *quiseram* se mudar. Eles tinham uma escolha, queriam viver em uma casa melhor e maior do que a que tinham. Mas as crianças refugiadas foram *forçadas* a fugir, porque pessoas más fizeram com que fosse impossível ficar. Essas pessoas más jogam bombas nas casas delas e destroem todas as partes bonitas das cidades. E os lugares onde os refugiados costumavam viver se tornaram tão horríveis e assustadores que não podem mais ficar lá. Então eles andam por quilômetros e mais quilômetros, entram

em botes para viajar para países onde nunca estiveram antes e vão para lugares estranhos que não conhecem apenas para encontrar onde seja seguro o suficiente para morar novamente.

— Oh — disse calmamente. Perguntava-me o que os refugiados haviam feito para as pessoas más estarem tão bravas. Ano passado, dois alunos do primeiro ano do ensino fundamental foram até Brendan Valentão para enfrentá-lo por ficar perseguindo-os, o que o deixou tão bravo que ele abriu as lancheiras dos dois e pisou em toda sua comida. — O que os refugiados fizeram para as pessoas más quererem machucá-los? — perguntei, pensando que devia ser algo bem ruim para alguém jogar bombas na casa deles.

Mamãe balançou a cabeça.

— Nada, amorzinho. As pessoas más apenas são mais fortes que eles e gostam de se sentirem grandes e poderosas ao intimidá-los. Veja, algumas pessoas acham que tirar coisas dos outros e machucá-los dá mais poder. E quanto mais poder elas têm, mais querem e mais gananciosas ficam. Então continuam machucando mais e mais pessoas até todo mundo querer fugir.

— Igual os valentões da escola! — falei, sentindo raiva.

— Bem... Acho que é algo assim. — Mamãe sorriu. — Só que os valentões de quem os refugiados estão fugindo são maiores e bem mais horríveis. Eles forçam as pessoas a deixarem tudo que têm para trás. Mesmo aquelas pessoas que mais amam no mundo.

Pensei no garoto novo e senti-me mal por ele. Talvez ele tivesse sido forçado a deixar para trás um monte das coisas que mais amava no mundo e era por isso que não falava com ninguém e precisava de um monte de Reclusão. Tentei pensar no que eu deixaria para trás se tivesse que fugir de um monte de valentões. Mas não consegui me decidir. Tudo que sabia era que nunca poderia deixar a vitrola do meu pai — ou seu martelo favorito, que ainda estava na última gaveta da cozinha.

Mamãe ficou de pé e levou a caneca até a pia.

— Sei que você quer fazer amizade com o garoto novo, mas precisa controlar a ansiedade. Ele precisa de um monte de tempo e espaço primeiro. Ok?

Assenti, embora não tivesse entendido totalmente o que ela queria dizer. Se eu fosse o garoto novo, usaria todo meu tempo para fazer tantos amigos quanto conseguisse — especialmente se eu tivesse acabado de fugir de valentões que eram maiores e mais horríveis do que os da escola! Perguntei-me se deveria contar para minha mãe sobre todas as balas de limão, os doces de ratinho e a laranja com a carinha sorridente que havia dado a ele, mas ela acabou dizendo:

— O mundo nunca foi gentil com refugiados — soou triste. Do mesmo jeito que fica quando fala sobre meu pai. Então, mesmo que eu quisesse fazer pelo

menos mais quatro perguntas a ela, decidi não dizer nada. — Agora, termine de beber e vá para cama. Vou até lá para cobrir você em alguns minutos. — Mamãe passou e bagunçou meu cabelo. Ela sempre bagunça meu cabelo quando quer que eu pense que está mais feliz do que realmente está.

Bebi o resto do chocolate quente tão rápido quanto pude e corri para a cama. Mamãe apenas me coloca na cama quando chega em casa cedo, então isso foi meio que um tratamento especial. Amo que ela faça na cama — mais do que amo derrotar alguém em uma corrida ou marcar um gol. É o melhor sentimento do mundo ser envolvida por um cobertor quente e felpudo por alguém que você ama mais do que qualquer outra pessoa no planeta e que também ama você.

Deitei enquanto esperava mamãe vir e pensei sobre todas as coisas que ela dissera — sobre as bombas, os botes e as pessoas ruins que eram tão gananciosas que faziam todo mundo fugir delas. Tinha tanto para contar para Josie, Tom e Michael! Especialmente porque não achava que suas mães e pais haviam dito a eles metade do que a minha mãe tinha me contado.

É uma das coisas que mais amo na mamãe. Ela sempre tenta responder minhas dúvidas, não importa quão cansada esteja ou quão difíceis sejam. E ela sempre me conta a verdade absoluta. Os pais do Michael sempre dizem “agora não, querido” ou “contaremos quando for mais velho”; a mãe da Josie continua falando que garotas deveriam ficar quietas e não fazer tantas perguntas. Mas mamãe nunca diz nada assim para mim. Acho que é por causa de todos os livros que lê. Ela diz que os melhores livros deixam você com mais perguntas que respostas e que essa é a parte engraçada — você precisa tentar encontrar as respostas sozinho em outro lugar. E o papai costumava dizer que, quanto mais perguntas você faz, mais inteligente é. Porque essa é a única forma de saber mais do que já sabe.

Acho que foi a primeira vez na minha vida que já quis ser super, superinteligente sobre qualquer coisa, porque, no momento que mamãe chegou para me cobrir, tinha uma longa lista de perguntas na cabeça que queria fazer para o garoto novo. Onze, para falar com exatidão. Foi assim que fiz a lista:

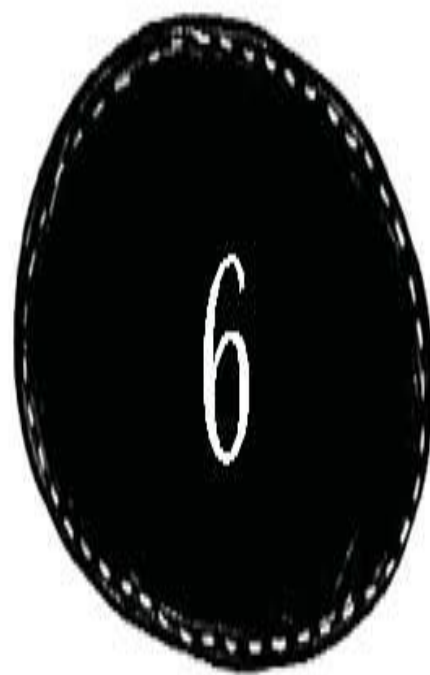
Minhas 11 perguntas:

1. De onde você teve que fugir?
2. Que idioma você fala?
3. Quem é a mulher do lenço vermelho?
4. Você tem algum irmão ou irmã?
5. O que os valentões fizeram para você querer fugir?
6. Você entrou em um bote como as outras pessoas do jornal?
7. Quais esportes você mais gosta?
8. Qual é a sua fruta favorita?
9. Quanto você teve que andar para fugir dos valentões?

10. Você gosta daqui ou sente mais falta da casa antiga?

11. Tem um melhor amigo?

Minhas 11 perguntas me ajudariam com tudo que precisava saber sobre o garoto novo para sermos amigos. E eu iria descobrir a resposta para cada uma delas.



A mulher do lenço cinza

Assim que cheguei ao ponto de ônibus no dia seguinte, contei para Josie, Tom e Michael tudo que minha mãe tinha falado sobre as crianças refugiadas, e também sobre o garoto novo ter tido que, provavelmente, entrar em um bote sem banheiro para conseguir fugir das bombas e todas as outras coisas ruins que os valentões haviam feito ao país dele.

— Mas meu pai disse que as crianças refugiadas são perigosas, que elas mentem e roubam coisas — falou Josie, parecendo confusa. — Disse para ficar longe do garoto novo e não falar com ele, porque provavelmente é um criminoso!

— Mas a *minha* mãe e o *meu* pai disseram que nós deveríamos ser mais legais com ele. Veja! — E, abrindo a mochila, Tom nos mostrou uma grande bolsa de doces. — Mamãe mandou dar a ele no horário do almoço. *E* disse que temos que ser legais com ele e não fazer muitas perguntas.

— Minha mãe disse o mesmo — começou Michael, enquanto entrávamos no ônibus para a escola. — Só que ela me disse para dar uma banana. E meu pai disse que crianças refugiadas estão fugindo da guerra que aparece na televisão o tempo inteiro. Ele não falou nada sobre valentões!

Olhamos para Josie, que estava mastigando as pontas do cabelo e franzindo o rosto. Ela não falou nada, mas eu sabia que estava pensando que o pai dela devia ter cometido um erro. De jeito nenhum que o garoto novo poderia ser perigoso ou criminoso — não quando ele era do mesmo tamanho que nós e tinha acabado de fugir de valentões e de uma guerra de verdade.

O Sr. Thompson nos ensinou tudo sobre guerras no ano anterior. Foi um ano dedicado às guerras, e a Sra. Sanders disse que era nosso dever nunca nos esquecermos delas. Aprendemos sobre as papoulas vermelhas e como elas foram flores importantes, porque cresciam nos túmulos dos soldados, e sobre como vários países se juntaram para lutar na primeira guerra de todas. Os anos superiores fizeram uma apresentação sobre e nós tivemos um dia especial em um passeio para a Torre de Londres, onde a Rainha guarda sua coroa, porque é lá que milhões de papoulas vermelhas foram plantadas nos jardins e presas nas paredes.

O Sr. Thompson disse que nunca deveríamos nos esquecer de quantas pessoas morreram na guerra para nos salvar, mas não consigo me lembrar de números longos, especialmente os que continuam aumentando o tempo todo. Porém, nunca esquecerei aquele castelo. Parecia que estava sangrando. E, mais tarde naquele dia, um homem que sabia tudo sobre a primeira grande guerra nos deu uma aula superespecial dentro do castelo. O nome dele era Oficial Denny. Lembro-me dele porque seu nome rimava com o do meu tio Lenny.

Todo mundo gostou dele, porque era engraçado e sabia tudo o que havia para saber sobre bombas, uniformes e um lugar triste chamado Flanders Field[2]. Ele escolheu Michael e eu para tentar segurar uma mochila que era do mesmo

tamanho e peso da de um soldado de verdade. Mas era tão grande e pesada que não conseguimos nem levantar do chão!

Lembrar-me da mochila do oficial Denny me fez perguntar se o garoto novo tivera que carregar um monte de coisas pesadas na mochila quando estava fugindo. Talvez fosse por isso que parecia tão velha e suja. Ele ainda não tinha uma nova — mas naquela semana começou a usar o uniforme da escola. A camisa e o suéter novo deviam ter dado coceira nele, porque ficava puxando a gola sempre que achava que ninguém estava olhando.

Naquele dia, o ônibus para a escola estava atrasado e ficou preso em tanto engarrafamento que o motorista deixou todo mundo descer antes. Tivemos que correr metade do caminho e, quando chegamos ao parquinho, o sino tinha começado a tocar. Eu estava com calor, suando e sentindo a pele nojenta quando cheguei na sala, então não percebi que todo mundo estava mais quieto que o normal. Mas, em poucos minutos, notei que Parvinder e Dean — que era inteligente em todas as matérias e sentava na frente da sala — continuavam olhando por cima dos ombros. A princípio, pensei que eles estavam me olhando porque meu rosto ainda estava vermelho, mas aí ouvi Parvinder dizer:

— Fico me perguntando quem ela é!

Virei-me e vi uma adulta sentada na cadeira da Clarissa. E não apenas qualquer adulta, mas uma que estava conversando com o garoto novo! E o garoto novo estava falando com ela.

Cutuquei Josie no braço e disse:

— Veja!

Josie se virou e sussurrou:

— Cadê a Clarissa?

Olhamos ao redor da sala e aí vimos que ela estava sentada no final da nossa fileira, na mesa da Felicity e da Natasha. Ela parecia bem mais feliz.

— Depressa, vamos nos sentar, por favor! — pediu a Sra. Khan enquanto abria a chamada. — Antes de começarmos a aula, quero apresentar alguém muito especial a vocês. Mas vamos nos certificar de que estão todos aqui primeiro! — Depois que terminou de chamar os nomes de todos, a Sra. Khan disse: — Agora, turma, quero que todos digam bom dia para a Srta. Hemsí, nossa nova assistente de classe.

A Srta. Hemsí ficou de pé e sorriu para todos.

— Bom dia, Srta. Hemsiii! — todos dissemos. Metade da turma gritou, mas a outra metade falou baixinho, como se não tivesse certeza de que a Sra. Khan tinha nos dado o nome certo para dizer. Eu gritei. Gosto de gritar nomes novos. Faz parecer que são mais reais.

A Srta. Hemsí sorriu e disse:

— Bom dia a todos!

— A Srta. Hemsí ajudará o Ahmet com as tarefas a partir de agora. Com sorte, em algumas semanas ela o auxiliará a fazer uma apresentação sobre sua cidade natal e sobre como se sente estando em Londres.

Todo mundo se virou para encarar a Srta. Hemsí, enquanto ela assentia e sorria, depois sentava novamente.

— Ela parece legal — sussurrou Josie. — Gosto do lenço dela!

Olhei por cima do ombro de novo, porque gostei do lenço que a Srta. Hemsí estava usando na cabeça também. Parecia um rio de prata e tinha um broche de diamante preso em um dos lados que parecia uma estrela. Ela tinha um daqueles sorrisos em que a pessoa nunca mostra os dentes, e eu gostei. Seus olhos pareciam ter sido desenhados com um lápis preto grosso, que os fazia parecerem maiores e mais interessantes.

O garoto novo parecia gostar dela também. Quando ela se sentou, sussurrou algo para ele e deu um tapinha nas suas costas, o que o fez assentir. Senti-me feliz por ele. Tinha alguém para conversar e não precisava mais sentar perto da Clarissa. Era muito mais legal sentar com alguém que não estava sempre tentando se afastar e tinha um broche de diamante no lenço.

Naquele dia inteiro, o garoto novo fez suas tarefas no fundo da sala e, no recreio e no almoço, foi para a Reclusão como sempre. Mas, talvez porque a Srta. Hemsí estava lá, ele não olhava para o chão o tempo todo e parecia mais interessado em tudo que estávamos fazendo. Eu o peguei encarando a mim e à Josie duas vezes antes da merenda e três na parte da tarde. E foi assim que eu tive certeza de que ele queria ser nosso amigo.

Na hora da saída, esperamos nos portões como sempre fazíamos — mas, dessa vez, todos tínhamos algo para dar a ele. Josie guardou o pudim de chocolate da merenda dela especialmente para ele, mas Michael e Tom tinham a bolsa de doces e a banana que seus pais haviam dito para levarem. Eu tinha uma maçã para dar a ele — porque a cantina da escola ficara sem laranja. Mas tudo bem, porque o Tom havia me dado um adesivo de baleia para colocar nela, então ainda estava especial.

Enquanto esperávamos, cruzei os dedos e secretamente torci para que a Srta. Hemsí viesse com o garoto novo também, porque, já que ela podia falar com ele direito, conseguiria fazer algumas das minhas onze perguntas.

O parquinho já tinha começado a esvaziar quando o garoto novo finalmente saiu, segurando as mãos da Srta. Hemsí e da Sra. Khan. Enquanto eles caminhavam em direção à mulher do lenço vermelho, Michael sussurrou:

— Vamos lá! — Dava para dizer que ele estava animado, porque seus olhos estavam arregalados. Os olhos do Michael sempre ficam maiores quando ele

mal pode esperar para fazer algo.

Corremos para o garoto novo e demos nossos presentes a ele.

— Esse é meu — disse Tom, segurando a grande bolsa de doces como um troféu. — Tem aqueles no formato de refri, além daqueles de Harry Potter e alguns caramelos também!

— Esse é meu — comentou a Josie, segurando o pudim de chocolate. — É meu favorito!

— É... É apenas uma banana. Mas olha! — disse o Michael, virando para mostrar ao garoto novo a fileira de adesivos de bonecos de palitinho que ele desenhara.

— E esse é meu — eu disse, estendendo uma maçã.

O garoto novo olhou para cima, braços lotados, e deu um aceno feliz para cada um de nós. Dava para dizer que era um aceno feliz e não apenas um aceno normal, mesmo que sua boca não estivesse sorrindo, porque seus olhos pareciam contentes.

A Srta. Hemsí se abaixou e disse alguma coisa em uma língua estrangeira no ouvido do garoto novo. Ele assentiu e depois, olhando para nós, disse bem lentamente:

— Muito... obrigado... amigos.

Josie, Michael, Tom e eu assentimos e sorrimos. Depois, todos de uma vez, começamos a falar:

— Quer vir jogar futebol com a gente amanhã? — gritou Tom. — No recreio?

— Vou pegar outro pudim amanhã se você gostar dele! — exclamou Josie.

— Vou pedir para a mamãe me dar algo melhor que uma banana — berrou Michael. — Que tal alguns mini muffins?

— E vou conseguir algo melhor que maçã amanhã! Qual é a sua fruta favorita? — perguntei.

O garoto novo olhou para nós, depois para a Srta. Hemsí, a Sra. Khan e, em seguida, para a mulher de lenço vermelho. Todas estavam sorrindo e a de lenço vermelho bagunçou o cabelo dele como a minha mãe tinha feito no meu na noite anterior.

— Bem, crianças — disse a Sra. Khan, abaixando-se para que seu rosto ficasse na mesma altura do nosso. — Todos esses são presentes maravilhosos. Sei que Ahmet está grato por eles. Mas ele precisa aprender apenas um pouquinho mais de inglês antes de poder responder as perguntas de vocês, ok?

Olhamos uns para os outros, depois para a Sra. Khan, e então assentimos.

— Mas eu acho que essa é uma ideia muito boa, Tom. Talvez Ahmet queira jogar futebol com vocês amanhã no recreio! — A Sra. Khan olhou para a Srta. Hemsî, que deu um aceno.

— Sim, essa é uma ideia muito boa.

— Maravilha! — disse Tom, e estava tão animado que deu um soquinho no braço do garoto novo. Ele olhou para Tom e depois para o próprio braço, como se não estivesse muito certo do que acontecera.

— E não há necessidade de dar tantos presentes a ele todos os dias — falou a mulher do lenço vermelho, rindo. — É muito amável, mas não queremos que os dentes do Ahmet fiquem podres, queremos?

Todos negamos com a cabeça.

— Se vocês ainda quiserem dar algo a ele na hora da saída, escolham um entre todos e será mais do que suficiente. Ok?

Todos assentimos, e depois eu gritei o nome da Srta. Hemsî. Não queria que saísse tão alto, mas minha animação de pensar que poderia ter uma das minhas perguntas respondidas era tão grande que não tinha conseguido me conter.

— Sim? — disse a Srta. Hemsî, sorrindo.

— Posso... É... De onde ele é? Tipo, de que país? E que língua ele fala? — perguntei, olhando para o garoto novo.

A Srta. Hemsî deu um largo sorriso — mesmo que ainda não estivesse mostrando nenhum dos seus dentes.

— Ahmet é de um país chamado Síria e fala um idioma chamado curdo.

— Você fala isso *e* inglês? — perguntou Josie, parecendo impressionada.

— Sim — respondeu. — Também sou síria.

— Por que o Ahmet não fala inglês? — questionou Tom.

— Bem... — começou a Srta. Hemsî. — Porque na Síria ninguém precisa falar inglês. Assim como você não precisa falar um idioma sírio aqui na Inglaterra.

— Ah... — A resposta fez Tom franzir a sobrancelha, o que significava que ele estava se fazendo um monte de outras perguntas na própria cabeça.

— Agora, crianças, é hora de ir — disse a Sra. Khan, batendo palmas. — Ahmet precisa ir embora e vocês também. E Tom... Percebi que está usando os tênis do seu irmão de novo. Tente trazer os corretos da próxima vez, ok?

— Sim, senhora — disse Tom, enquanto ficava vermelho.

Nós acenamos e nos encaminhamos para o ponto de ônibus. Antes de nos virarmos na esquina, olhei por cima do ombro e vi o garoto novo dar uma grande mordida na maçã que eu tinha dado a ele. Senti-me ainda mais feliz do que quando a Srta. Hemsî tinha respondido minha pergunta! Mas, um segundo depois, a sensação rapidamente desapareceu, porque foi quando vi Brendan Valentão.

Estava parado na frente do banheiro dos meninos, a apenas alguns metros de distância, suas bochechas estavam vermelhas e os olhos, semicerrados, encarando o garoto novo com uma carranca no rosto. Todo mundo sabe que Brendan Valentão odeia qualquer um que seja diferente dele, mas foi a primeira vez que o vi parecer tão bravo e mau. Ele não poderia fazer nada, porque a Srta. Hemsí, a Sra. Khan e a moça do lenço vermelho estavam lá, mas, enquanto seguíamos para o ponto de ônibus e depois para casa, não consegui evitar de me preocupar. Acho que soube naquele momento que sua cara amarrada era um aviso e que ele iria dificultar as coisas para o garoto novo e qualquer um que quisesse ser amigo dele.

E acabou que eu acertei. Porque, no primeiro intervalo do dia seguinte, foi exatamente isso que ele começou a fazer.

[2] Inspirado no poema In Flanders Field, de um soldado chamado John McCrae, é um jardim na Inglaterra, aberto como memorial de guerra pela Rainha Elizabeth e pelo Rei Philippe, da Bélgica.



Onario do Sr. Irmão

Quando o sino tocou no primeiro recreio na manhã seguinte, a Sra. Khan cumpriu a promessa e deixou o garoto novo ir para o parquinho pela primeira vez. Tom estava responsável por tomar conta dele e nos disseram que, se ele se assustasse ou quisesse parar de jogar, deveríamos achar um professor imediatamente ou ir procurar a Srta. Hemsí na sala dos professores. Não sabia por que o garoto novo ficaria assustado de estar no parquinho ou por que não iria querer jogar com a gente, mas depois pensei que talvez no país dele os valentões tivessem sido maus com ele na escola também. Nunca havia pensado nisso antes, mas talvez houvesse quem praticasse bullying nos parquinhos de todo o mundo.

Assim que Josie pegou a bola, Tom tentou explicar para o garoto novo como jogar direito.

— VOCÊ! Faz ASSIM! — disse Tom, alto, apontando para o garoto novo, depois para o seu pé e para a bola. O garoto novo assentiu. — Mas NÃO faça ASSIM! — continuou, balançando a cabeça antes de apontar para a bola e para a mão.

— Isso é idiota! Ele *sabe* como jogar futebol! — reclamou Michael.

— Talvez joguem diferente no país dele. Lembra quando eu cheguei aqui e só sabia futebol americano? — protestou Tom, olhando para mim como se eu soubesse a resposta.

Dei de ombros.

— Não sei! Deveríamos ter perguntado para a Srta. Hemsí!

— Ah, fala *sério*! — gritou Josie quando chegamos ao parquinho. — Vamos apenas deixá-lo tentar e ver se sabe.

Ao chegarmos ao nosso canto de sempre do parquinho, Josie e Tom já tinham decidido que o garoto novo ficaria no time da Josie e do Michael. Já que ela era a melhor no futebol, não importaria muito se o garoto novo não soubesse jogar. E, por sermos apenas Tom e eu no meu time, demos o primeiro chute.

Depois de o jogo ter começado havia mais de um minuto, o garoto novo começou a correr, driblar e fazer um monte de truques com a bola que nenhum de nós podia fazer ainda. E, depois de cinco minutos, ele marcou dois gols.

— Uau! — disse Tom. — Ele é melhor que a Josie! — De repente, sendo pego pelo olhar dela, rapidamente adicionou: — Ou quase tão bom quanto!

— Uhuuul! — gritou Michael quando o garoto novo passou correndo por mim e Tom e marcou outro gol. — Uhuuul!

Um público começou a se reunir para assistir ao jogo e consegui ouvir vários alunos dos outros anos falarem coisas como: “Olha! O garoto perigoso foi liberado para sair!”; “Isso significa que ele não tem doença?”; e “Mas os sequestradores poderão vê-lo daqui!”.

Tinha acabado de ouvir Jennie dizer a todo mundo que ela tinha certeza de ter ouvido a Sra. Sanders dizer que o garoto novo era jogador profissional, quando ela gritou um “ai!” do nada e, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Brendan Valentão e seus amigos, Liam e Chris, abriram caminho para o nosso campo de futebol de faz de conta.

Josie olhou para mim, que olhei para Tom, que olhou para o garoto novo, parado ao lado de Michael, parecendo confuso.

— Queremos jogar — disse Brendan Valentão, um sorriso maldoso no rosto.

Andou até o garoto novo, que estava com a bola, e deu um chute nela para tão longe que foi parar do outro lado do parquinho. O garoto novo deu um passo para trás.

— Vá embora, Brendan — disse Josie, brava. — Esse é o nosso jogo e aquela é a MINHA bola!

Brendan Valentão se virou para olhar para Josie, que engoliu, nervosa. Mas aí sua expressão mudou de maldosa para triste.

Virei-me para ver que o Sr. Irons estava se aproximando de nós.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou, seu bigode se movendo.

O Sr. Irons é professor das turmas mais velhas e é famoso por ser um dos professores mais rígidos da escola e por nunca, nunca sorrir. Tem um rosto comprido, um nariz longo, lábios grandes e um grande bigode castanho e áspero, para o qual carrega um pente pequenininho no bolso da frente do casaco. Todo mundo sabe sobre o pente, porque, quando ele acha que ninguém está olhando, pega para arrumar os fios em linhas curtas e retas. Quando fica muito bravo, dá para ouvir seu nariz assobiando. Se isso acontecer, então você sabe que vai pegar pelo menos uma detenção ou terá uma cópia com cem linhas para escrever.

Ele também é o pior professor que você poderia ter no recreio, porque odeia barulho — especialmente barulhos felizes. Sempre que está no parquinho, anda por aí brigando com todo mundo por rir alto demais ou fazer sons engraçados. Ano passado ele fez um garoto do primeiro ano que estava brincando de pique-pega chorar, dizendo que apenas porcos gritavam e, já que o aluno estava gritando, devia vir de uma grande família de porcos, além de ter que passar o restante do intervalo do lado de dentro. Em outra vez, o Sr. Irons mandou que todo mundo que estava torcendo pela Hannah plantando bananeira escrevesse cem linhas e cópia por fazerem tanto barulho — mesmo que ela estivesse prestes a bater o recorde mundial de Plantação de Bananeira Mais Longa da História!

Toda vez que alguém vê o Sr. Irons andar em sua direção, sempre brinca mais silenciosamente ou se afasta. Mas nós estávamos tão felizes que o garoto novo

estava jogando conosco que esquecemos que estávamos na escola, onde há valentões e professores valentões.

— Por favor, senhor — lamentou-se Brendan Valentão. — Ela não me deixa brincar! Queria jogar com eles, mas ela disse que eu não podia!

O Sr. Irons zombou de Josie:

— Não é algo muito legal de se fazer a um amigo, é?

— Ele não é meu amigo! — respondeu ela, brava. — E ele não pediu! Veio aqui e chutou nossa bola para longe!

— Por favor, senhor, aquele garoto lá disse que eu também não podia jogar — adicionou Brendan Valentão, apontando para o garoto novo e sorrindo com maldade.

O professor olhou para o garoto novo e acenou para que se aproximasse. Ele encarou ao redor e, percebendo o que estava sendo chamado a fazer, caminhou até onde o Sr. Irons estava parado.

— Falou para esse garoto que ele não podia jogar com você? — perguntou, indicando Brendan Valentão.

O garoto novo olhou ao redor novamente. Todos os outros no parquinho pararam o que estavam fazendo para ouvirem o que estava sendo dito.

— Por favor, senhor! Brendan está mentindo — gritei, correndo até o garoto novo.

— Sim! — adicionou Michael.

— E ele é novo — completei. — Não fal...

— Quando eu QUISER sua opinião, pedirei. Mas, até lá, NÃO me interrompa novamente! — berrou o Sr. Irons. Senti todo meu rosto ficar vermelho e minha língua ficar presa na boca. Dava para ver Brendan Valentão sorrindo novamente, mas dessa vez para mim. — Agora, *garoto* — o Sr. Irons se virou para o garoto novo —, perguntarei novamente. Falou ou não falou para o Brendan que ele não podia jogar com você?

Ele permaneceu congelado no lugar, olhando para nós.

— Mas senhor — interrompi —, não está entendendo! Ele não fal...

— CERTO! — berrou o Sr. Irons, seu nariz assobiando perigosamente. — Detenção para você! — gritou, apontando para mim. — E para você! — adicionou, indicando o garoto novo. — E você! — sibilou para Michael. — Todos os três, venham me ver depois da aula hoje. Até lá, vou confiscar essa bola!

Josie assistiu com raiva enquanto Liam entregava a bola para o Sr. Irons com um sorriso largo.

Nós o assistimos caminhar para longe com a bola debaixo do braço. O sino tocou, indicando o final do recreio. Brendan Valentão sorriu para nós.

— Vejo vocês na merenda! — disse, e correu.

Mas, quando fomos liberados, o garoto não estava em nenhum lugar à vista, e, no segundo recreio, a Srta. Hemsli saiu com ele, então Brendan Valentão se afastou de nós. Na hora da saída, Tom teve que correr para pegar o ônibus porque era aniversário de um dos irmãos dele. O restante de nós decidiu que, em vez de irmos ao Sr. Irons, iríamos encontrar a Sra. Khan para ver se ela poderia nos ajudar. Mesmo que a Srta. Hemsli já tivesse falado com ela sobre o que havia acontecido, também sabíamos que ela não conhecia a história completa, porque a Srta. Hemsli não estava lá. Então, dizendo ao garoto novo para nos seguir, fomos falar com a Sra. Khan.

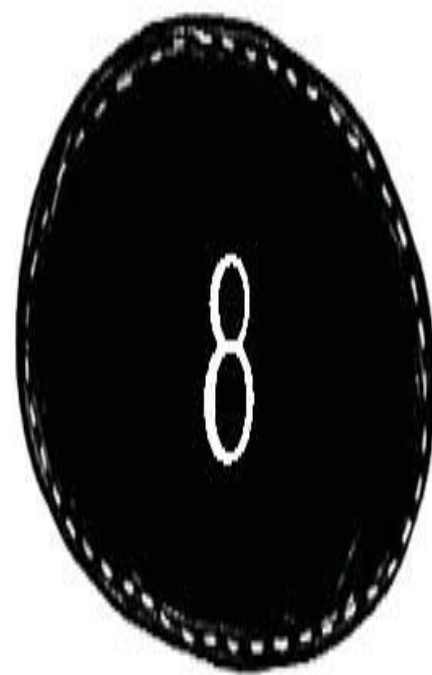
Ela nos ouviu em silêncio e, quando terminamos, negou com a cabeça.

— Ridículo — murmurou, e acho que ela estava falando sozinha. — Algumas pessoas não conseguem enxergar além do próprio nariz! — Ela olhou para nós e sorriu. — Não se preocupem! Todos vocês, venham comigo!

Caminhando até o outro lado da escola, para a sala do Sr. Irons, pensei no que a Sra. Khan havia falado sobre enxergar e narizes. Toquei o meu e dei uma apertadinha, porque não queria que ficasse tão grande que eu não conseguiria ver além dele. Isso provavelmente era o que tinha feito o Sr. Irons dar detenção para pessoas que não mereciam! Michael viu e me perguntou o que eu estava fazendo, então disse o que era. Mas ele disse que meu nariz era tão pequeno e achatado que nunca ficaria no caminho dos meus olhos, então eu não tinha nada para me preocupar.

Quando chegamos à sala do Sr. Irons, a Sra. Khan disse para esperarmos do lado de fora. Não conseguimos ouvir nada, apenas um zumbido alto como se houvesse duas abelhas gigantes do outro lado da porta. Mas, depois de um minuto, o Sr. Irons saiu e encarou Michael, o garoto novo e eu com o nariz empinado no ar. Talvez ele estivesse tentando ver se conseguia enxergar melhor além do nariz desse jeito.

Devolveu à Josie sua bola de futebol e não disse mais nada para nós, mas, daquele dia em diante, sempre que nos via, seus olhos se franziam e seu nariz começava a assobiar, mesmo que silenciosamente. Não é preciso falar a língua de uma pessoa para saber que ela não gosta muito de você. Então, mesmo que o garoto novo não pudesse falar muitas palavras em inglês, sabia que precisávamos manter a nós — e a bola da Josie — fora do caminho do Sr. Irons e de seu nariz com barulho irritante.



Uma aventura inesperada

Naquele fim de semana, decidi que queria perguntar para a mamãe mais algumas das minhas onze perguntas para ver se ela sabia as respostas.

Esperei até a manhã de domingo chegar, porque era quando eu sabia que ela não estaria tão cansada e poderia perguntar um monte de coisas em vez de apenas uma ou duas. O único problema era que eu teria que ser muito, muito paciente, porque toda manhã de domingo a mamãe passa pelo menos uma hora lendo o jornal. Não é um de domingo, porque a mamãe nunca os compra — ela diz que daria para comprar uma refeição completa pelo preço do jornal hoje em dia. Em vez disso, durante toda a semana, ela pega dois dos maiores títulos na biblioteca e depois, na noite de sábado, traz todos para casa e os deixa preparados para o dia seguinte. Ela os abre no meio e coloca em ordem — assim os de segunda-feira ficam em cima e os de sábado, embaixo —, depois os dobra como um grande livro. Fica pesado demais para segurar e ler doze grandes jornais de uma vez, então a mamãe sempre os lê debruçada na mesa da cozinha, como se estivesse fazendo dever de casa.

Não gosto de incomodar quando a mamãe está lendo, porque ela só consegue fazer isso uma vez por semana, então rapidamente terminei minha torrada com leite e a encarei em silêncio enquanto ela terminava o café. Mas adultos levam um tempo horrível tomando café da manhã quando não precisam ir trabalhar, e nessa manhã a mamãe parecia estar se mexendo tão lentamente que era até difícil chamar isso de movimento. Dava para ouvir o barulho do relógio da cozinha ficando mais e mais alto, e meus dedos e pernas estavam ficando entediados de aguardar.

Assim que mamãe deu a última mordida na sua torrada, decidi que não conseguiria mais esperar por ela e perguntei:

— Mamãe, onde é a Síria?

A pergunta fez com que ela olhasse para mim diretamente.

— O que você falou, amorzinho?

— Só que... Você sabe onde fica a Síria, mãe? — questionei mais baixinho.

Puxou seus óculos para cima e olhou para mim, a cabeça de lado. Depois disse:

— Síria é um país bem longe daqui, meu amor. Por que você quer saber?

Dei de ombros.

— É de lá que o garoto novo da nossa turma é.

— Ah — respondeu, assentindo. — Ok. Deixa eu te falar. Por que você não vai lá, pega o nosso atlas e eu mostro a você?

Assenti e corri para a sala, tentando lembrar onde deixara o atlas da última vez. É difícil achar um livro aqui em casa porque nós temos muitos deles.

Mamãe ama colecionar os mais antigos e ler de novo e de novo. Ela pega os que serão jogados fora na biblioteca — então dá para dizer que ela os resgata. O único problema é que não temos mais espaço de verdade porque os cômodos estão cobertos de pilhas de livros antigos. Até o banheiro!

O atlas é grande e mamãe sempre mantém livros grandes na parte debaixo da nossa estante. Então subi por trás do sofá e me arrastei para baixo, colocando a cabeça no buraco apertado para ver se estava lá. Para minha sorte, estava! Segurei e puxei de lá. O atlas é um dos livros mais antigos aqui de casa e tem quase a metade do meu tamanho, mas é tão pesado quanto eu, então arrastei nas minhas costas para dentro da cozinha e coloquei com um barulhão na mesa.

Fiquei assistindo à mamãe enquanto passava as páginas até o sumário, depois para uma perto do meio.

— Vamos lá — disse, virando o mapa para me mostrar. — Esse mapa é um pouco velho, mas acho que as fronteiras não mudaram tanto...

Deixei meu dedo encontrar o dela, onde estava a palavra “SÍRIA” em letras maiúsculas, vendo o formato estranho do país de onde o garoto novo teve que fugir. Parecia uma mulher bocejando e usando uma tiara, com o cabelo sendo jogado pelo vento. Sendo que ela era toda pontuda.

— Mãe?

— Hm?

— De que fruta as pessoas da Síria mais gostam? — Cruzei meus dedos das mãos e dos pés, torcendo para que ela soubesse a resposta, porque, se soubesse, então eu teria a resposta para três das minhas onze perguntas originais! Já tinha descoberto de onde o garoto novo viera e que língua ele falava; e, como um bônus, havia visto como o país dele se parecia em um mapa, *além* de aprender que ele era bom no futebol.

— Bem, vamos ver... Não sei de verdade... Acho que as mesmas que nós. E algumas exóticas, como tâmaras e romãs. Sua tia Selma costumava fazer frango com sementes de romã, lembra?

Balancei a cabeça em negativa.

— Ah. Bem, já faz um tempo. Foi antes de seu pai... ter que nos deixar... Mas eu acho que o prato que ela costumava fazer era sírio. Ou será que era libanês? Não consigo lembrar. Mas, aqui, veja... — disse, apontando para um país próximo da Síria, que tinha a palavra “LÍBANO” escrita. — O Líbano e a Síria são vizinhos um do outro, então eles devem comer o mesmo tipo de frutas.

— Podemos ligar e perguntar?

Minha mãe sorriu.

— Posso perguntar na próxima vez que ela ligar. Lembre-se, ela vive aqui agora... — E mamãe apontou para um país bem maior em cima da Síria chamado

Turquia. — É um pouco longe e será caro ligar para ela agora. Mas, escute. Nós iremos vê-la em breve e, quando fizermos, você pode perguntar para ela e para seu tio Turgay tudo isso pessoalmente!

Assenti, mas não disse nada, porque comecei a sentir saudades da minha tia Selma na mesma hora. É engraçado como você pode ficar um tempão sem nem mesmo pensar em alguém, mas aí, do nada, sente que está tudo errado, pois percebe que a pessoa não está mais por perto. Sinto isso sobre meu pai às vezes. Parece horrível quando vou dormir e percebo que não pensei nele o dia inteiro — nem mesmo por um minuto. Mas sempre me lembro dele à noite, antes de dormir, porque era quando ele costumava me contar histórias e fazer desenhos engraçados na minha testa para eu sentir cosquinha. É diferente com a minha tia Selma, porém, porque ela não é minha tia de verdade. Então acho que está tudo bem se eu não pensar nela todo dia.

Ela é a melhor amiga da minha mãe, porque elas estão sempre rindo das mesmas coisas. Tem covinhas, assim como eu, e sempre usa um monte de pulseiras e colares brilhantes. Costumava viver dois andares abaixo de nós com o tio Turgay, e toda noite de domingo eles convidavam mamãe, papai e eu para jantar, dando a nós todo tipo de coisas especiais para comer — como pão com espinafre e um tipo especial de chá que vem em copinhos pequenos e não tem leite dentro. Lembro-me do chá porque papai me deixou provar uma vez, mas não gostei de jeito nenhum.

Só que aí, depois que o papai morreu, tia Selma e tio Turgay disseram que iriam embora porque a economia estava sendo má. Adultos estão sempre falando sobre a economia — principalmente nos shoppings, nos pontos de ônibus e nas notícias. E eles sempre soam bravos ou tristes quando falam sobre. Odeio a economia, porque fez a tia Selma e o tio Turgay desaparecerem do nada — assim como o papai. Eles nos mandam fotos e, às vezes, caixas de doces pelos correios. E, mesmo que eu goste de receber coisas deles porque os selos são interessantes, dá para dizer que a mamãe fica triste. Agora há uma senhora morando no apartamento deles e ela nunca fala com ninguém. Não acho que a mamãe conseguiria ser melhor amiga dela mesmo se quisesse.

Pensei na minha pergunta novamente.

— Então, as pessoas da Síria gostam de ro.. ronã..

— Ro-mã — mamãe corrigiu. — Tente lembrar... Deixe-me ver... Começa com “ro”, depois vem um “mã”, como “mãe”, mas sem o “e”. Ro-mã!

Assenti e disse a palavra em voz alta três vezes. Amo quando a mamãe procura maneiras de me ajudar a lembrar como se soletra ou diz uma palavra. Ano passado tive que aprender a palavra “extrapolar” para um teste de soletração, mas sempre esquecia como se escrevia. Então mamãe me mandou fechar os olhos e

imaginar um cara no Polo Norte com um casaco *extra* na mão parado na frente de um urso polar. E nunca mais soletrei errado desde então!

Pensei nas romãs, em como elas deviam ser as frutas favoritas do Ahmet e que ele devia sentir falta delas. Então perguntei:

— Mamãe, podemos conseguir uma?

— Uma o quê, amorzinho?

— Uma ro-mã — disse com cuidado.

— Hm... São um pouco caras... e não dá para encontrar em qualquer lugar...

— Muito caras?

— Não tenho certeza... Algo perto de uma libra e cinquenta, acho.

— O quê? Quase duas libras por apenas uma? — gritei. Dava para comprar um pacote inteiro de canetas coloridas e um estojo com aquele dinheiro!

Mamãe riu.

— Sim, meu bem. Por uma. Elas vêm de bem longe para chegar aos nossos supermercados. E, em segundo lugar, uma romã também é uma fruta bem especial. É como se tivesse milhões de pequenas frutas, todas escondidas dentro de uma bola pequena, e você pode comê-la por dias.

— Ah... — disse, tentando muito entender com o que milhões de frutas escondidas dentro de uma bola se pareciam.

Ela olhou para mim, depois sorriu.

— Quer ver se conseguimos encontrar uma? Essa deve ser nossa aventura do dia?

Pulei e assenti.

— Podemos conseguir duas? — perguntei.

— E por que você precisa de duas?

Achei que mamãe já sabia da resposta, porque seus lábios pareciam prestes a sorrir. Não achei que ela iria brigar comigo, mesmo que as romãs fossem tão caras, mas nunca dá para ter certeza com os adultos. Às vezes eles não brigam, mesmo quando você faz algo que não devia ter feito. E, em outras vezes, quando você pensa que não fez nada de mal, punem duas vezes mais. Michael diz que isso é para nos deixar de olhos bem abertos. Mas eu sempre fico de olhos abertos quando estou levando uma bronca, então não consigo entender como funciona.

— Quero duas para dar uma ao garoto novo — disse. — Eu dava minhas balas de limão e outros doces, mas ele não gostava muito. Aí eu dei uma maçã e uma laranja, e ele gostou mais delas. E a Srta. Hemsî disse que ele é da Síria e só fala... Ele só fala... — hesitei, tentando lembrar o que a Srta. Hemsî tinha dito.

— Árabe? — mamãe perguntou, tentando ajudar.

Neguei com a cabeça.

— Cur... Cur.. Curto... — tentei, sabendo que estava errado.

— Ah. Curdo.

Assenti.

— Entendi... — Dava para dizer que a mamãe estava interessada no que eu dissera, porque ela se inclinou para trás na cadeira e cruzou os braços.

— E pensei que talvez ele gostaria de uma fruta que costumava ter em casa o tempo inteiro, antes de os valentões jogarem bombas em tudo e o fazerem fugir.

Parei, preocupando-me que mamãe pensaria que era bobagem e talvez desperdício de dinheiro comprar comida para dar a outra pessoa. Mas ela não achou. Em vez disso, disse:

— Acho que é uma ideia brilhante! Vá, prepare-se. Nós vamos sair para caçar romãs!

Eu me arrumei tão rápido naquela manhã que acho que bati o recorde mundial. Em cinco minutos, coloquei meu jeans de aventura e meu suéter velho do Tintim, enchi a mochila com uma garrafa de água, uma maçã e uma banana, vesti minhas galochas, penteei o cabelo e esvaziei meu cofrinho. Tinha exatas quatro libras e vinte centavos, então peguei três libras, torcendo para que, assim como meu material do astronauta, eu conseguisse encontrar duas romãs em promoção.

Primeiro, fomos até a barraca de frutas que ficava no final da nossa rua. É de um homem e uma mulher chamados de Sr. e Sra. Marbles, que gostam de gritar “apenas uma libraaaa! Frutas e vegetais, apenas uma libra!” para todo mundo que passa. O rosto deles está sempre vermelho e sorridente, e usam pochetes verdes gigantes e quadriculadas ao redor da cintura que parecem vazias, mas fazem um barulho alto quando andam.

A Sra. Marbles ajuda as pessoas a escolherem as frutas que querem e o Sr. Marbles as coloca em sacolas. Sempre compramos nossas frutas e vegetais com eles e nunca, em nenhuma das vezes, eles ficaram sem ter o que precisávamos. Mas, quando perguntamos se tinham romãs, os dois negaram com a cabeça para nós e disseram para tentarmos no supermercado.

Então, subimos a colina até lá. Eles tinham um setor de frutas que era tão grande quanto a nossa casa, mas a mamãe não viu romãs em lugar nenhum. Fomos até um homem que estava abastecendo as cenouras e cantarolando para si mesmo e perguntamos a ele se tinham romãs na loja. Ele passou por nós em direção a uma pequena caixa, mas estava vazia.

— Desculpe, amor, parece que esgotou. Você deveria tentar o supermercado maior do outro lado da cidade.

— Ah, ok. Obrigada. — Mamãe abaixou o olhar na minha direção e suspirou. Depois continuou: — Vamos lá! A aventura continua!

Subimos em um ônibus e, após meia hora, paramos em um supermercado bem maior. Esse tinha um estacionamento tão grande quanto um campo de futebol e corredores tão longos quanto os da escola! Mas, ainda assim, não conseguimos encontrar romãs em lugar nenhum.

— Vamos perguntar a alguém! — disse a mamãe. — Eles devem ter...

Andamos um pouco e encontramos um homem de terno parado perto do setor de sanduíches. Ele tinha uma etiqueta no paletó que dizia: “Frank Smith, gerente de piso”. Eu não sei o que é um gerente de piso, mas acho que ele tem que se certificar de que o piso esteja limpo e ajudar qualquer um que caia a se levantar de novo. Mas o Sr. Smith não parecia o tipo de pessoa que ajudaria alguém a levantar do chão. Ele tinha lábios que se curvavam para baixo como se nunca sorrisse, e seu cabelo parecia molhado, como se uma grande garrafa de óleo tivesse sido derrubada no topo dele. Estava encarando uma prancheta e murmurando com raiva para si mesmo.

— Com licença... Frank? Oi — disse mamãe, sorrindo.

O homem deu um aceno frio para mamãe antes de continuar a preencher um longo formulário.

— Estamos procurando por romãs, mas não conseguimos encontrar nenhuma — insistiu, sorrindo ainda mais.

— Não vendemos aqui — respondeu Frank, ainda olhando a prancheta.

— Ah, sério? Alguma ideia de onde podemos encontrar? — continuou mamãe.

— Não.

Minha mãe olhou para ele por poucos segundos e depois disse, em sua voz mais tranquila:

— Obrigada. Você realmente se superou para nos ajudar. Tenha um dia maravilhoso!

E, pegando minha mão, ela se afastou.

— Mãe, por que você foi tão legal com ele? — questionei. — Ele foi horrível! Não tentou nos ajudar nem mesmo um pouquinho!

— Porque não se deve nunca ser horrível para alguém que foi horrível para você — explicou ela. — Ou a pessoa irá vencer ao fazer você ser tão ruim quanto ela. Agora vamos lá. Vamos entrar no ônibus! Há outro lugar que sei que podemos tentar.

Naquele momento, estava ficando com raiva, então, enquanto esperávamos pelo próximo ônibus, comi minha banana.

— Hm... — comentou minha mãe, olhando o relógio. Eram quase duas horas e havia algumas nuvens cinza no céu. — Receio que a próxima parada tenha que ser a nossa última, amorzinho. Parece que vai começar a chover um pouco.

Poucos segundos depois, um ônibus bem cheio parou na nossa frente e nos esprememos dentro. Agarrei o casaco da mamãe, porque não havia lugares vazios, e esperei nossa parada. Preocupei-me, porque, se essa fosse nossa última tentativa, então só teríamos uma chance de encontrar romã — cruzei os dedos das mãos e dos pés, fazendo um pedido para que encontrássemos.

O local seguinte parecia horrivelmente longe e, quando finalmente chegamos lá, estava tão cheio de pessoas que quase não conseguíamos andar direito. Havia várias e várias barracas de mercadorias no meio de uma grande estrada, todas vendendo peixe, carne, roupas de cama e grandes correntes de ouro. Havia um homem com um microfone tentando vender perfumes como se fosse um apresentador, gritando: “Venham! Venham!”; perto dele, uma mulher gritava: “Não havia batatas como essas nos pratos de trigo dos tigres tristes! Compre agora, antes que os tigres comam!”. Perguntei-me por que os tigres estavam tristes e por que comiam trigo, mas aí senti cheiro de cebolas e hambúrgueres sendo fritos em algum lugar, o que fez minha barriguinha roncar. Amo hambúrguer — especialmente aqueles cheios de cebolas fritas e ketchup. Mas eu queria guardar meu dinheiro para as romãs, então tampei bem o nariz e tentei não sentir cheiro de nada.

Visitamos cada barraca no mercado, do começo da rua até o final, mas, mesmo olhando com tanto cuidado quanto podíamos, não conseguimos encontrar uma única romã em lugar nenhum. Mamãe havia dito para eu procurar por uma bola meio rosada que parecia uma maçã bem dura e que tinha uma coroa pequena no topo. Mas não consegui ver nada que se parecesse nem um pouco com algo da realeza.

— Tente a loja perto da estação — sugeriu uma das donas das barracas quando a mamãe pediu ajuda. — Eles têm de tudo. Devem ter alguma romã.

— Obrigada — respondeu a mamãe. Ela agarrou minha mão e deu uma apertadinha, porque sabia que eu estava começando a perder as esperanças. — Quase lá — sussurrou. — Posso sentir.

Descemos a estrada por cinco minutos, subimos para a estação e encontramos a loja que a mulher havia nos falado. Era muito menor que o supermercado do horrível gerente de piso Frank, mas era bem iluminada, com várias luzes coloridas e tigelas e mais tigelas de frutas e vegetais do lado de fora. Tinha tudo que você poderia imaginar — pêssegos, ameixas, mangas, bananas, kiwis, peras, maçãs amarelas, vermelhas e rosas, e até mesmo uma fruta rosa e verde com uns espinhos que nunca tinha visto antes. Mas não conseguimos ver nenhuma romã, então entramos e mamãe perguntou ao homem atrás do balcão.

— Ah! — Assentiu o homem, apertando a ponte do nariz. — Romã! Vou ver para você... — E, falando em voz alta para si mesmo, apressou-se para um canto da loja e rapidamente procurou por algumas caixas. — Sinto muito, muito! —

gritou, erguendo uma caixa vazia. — Não temos mais. Mas teremos uma entrega na terça!

O homem voltou, olhou para nós e o encaramos de volta. Tinha uma grande barba branca, um bigode que era curvado nas pontas e estava usando um turbante vermelhão. Gostei dele, porque suas sobrancelhas pareciam lagartas peludas e ficavam pulando à beça para cima e para baixo quando ele falava.

— Ah, bem... — disse a mamãe. — Nós tentamos, pelo menos.

O homem olhou para mim. Acho que ele devia ter percebido que eu parecia triste, porque disse:

— É para a criança?

Olhei para cima e assenti.

— E para o meu amigo — disse. — Ele é novo na minha turma, sente falta de casa e costumava comer isso.

— Entendo... — falou, olhando para mim com um sorriso. Depois, franziu o rosto como se tivesse acabado de pensar em algo, logo apontando o dedo para o teto, gritando: — AH-HÁ! — Correu para uma porta pequena no final da loja e desapareceu.

Mamãe e eu olhamos uma para a outra, surpresas.

— Ele é engraçado — comentei. — Gosto dele.

— Parece ser um amor — concordou a mamãe.

Depois de poucos segundos, o homem voltou, mas, em vez de retornar para o caixa, veio e parou à nossa frente.

— Não são perfeitos, mas estão bons — falou. E, trazendo as mãos de trás das costas, segurou duas bolinhas rosadas pequenas, cada uma com uma coroa no topo.

— Ah! — mamãe gritou, batendo as mãos. — Você tem!

— Estão um pouco antigas. Minha esposa diz que, se não estiverem cem por cento perfeitas, nós não devemos vender, entende? — contou o homem, suas sobrancelhas pulando para cima e para baixo ainda mais. — Minha esposa sabe tudo sobre frutas, então eu a ouço!

— Estão perfeitas o suficiente para nós! — Mamãe riu. — Não estão, amorzinho?

Assenti, enquanto ele gentilmente me entregava.

— Você e seu amigo aproveitem, por favor — sussurrou, batendo no meu nariz com um dedo que tinha um anel dourado e uma pedra vermelha enorme nele.

Olhei para baixo, para as romãs. Eram do tamanho de laranjas e tinham uma dura casca rosa-pêssego e marrom que era tão suave e brilhante quanto vidro polido. E ambas tinham uma pequena flor no topo, enfeitada com sete pétalas marrons exatas. Eram as melhores e mais interessantes coisas que eu já tinha visto.

Mamãe pegou a bolsa dela, porque era lá que eu tinha colocado meu dinheiro, mas o homem negou com a cabeça e balançou a mão.

— Não, não. Não precisa! É um presente para a criança!

— Ah! Não, você *precisa* me deixar...

Mas o homem ergueu as mãos, o que fez a mamãe ficar quieta, depois colocou-as no peito.

— É um presente. Elas não estão excelentes. Nem novas. Presente muito pobre.

— Elas são o MELHOR presente — disse a mamãe. — Não são, meu bem?

Assenti, sentindo-me tão feliz que queria abraçar o homem e a mamãe e pular para cima e para baixo, tudo de uma vez.

— Agradeço, senhor — disse, dando ao homem um sorriso enorme.

— De nada, de nada — respondeu. E, sorrindo de volta, deu-me um tapinha no topo da cabeça, acenando para nós enquanto saíamos da loja.

— Ele parecia um rei — comentei, pensando no anel com a pedra e no turbante vermelho.

Mamãe riu.

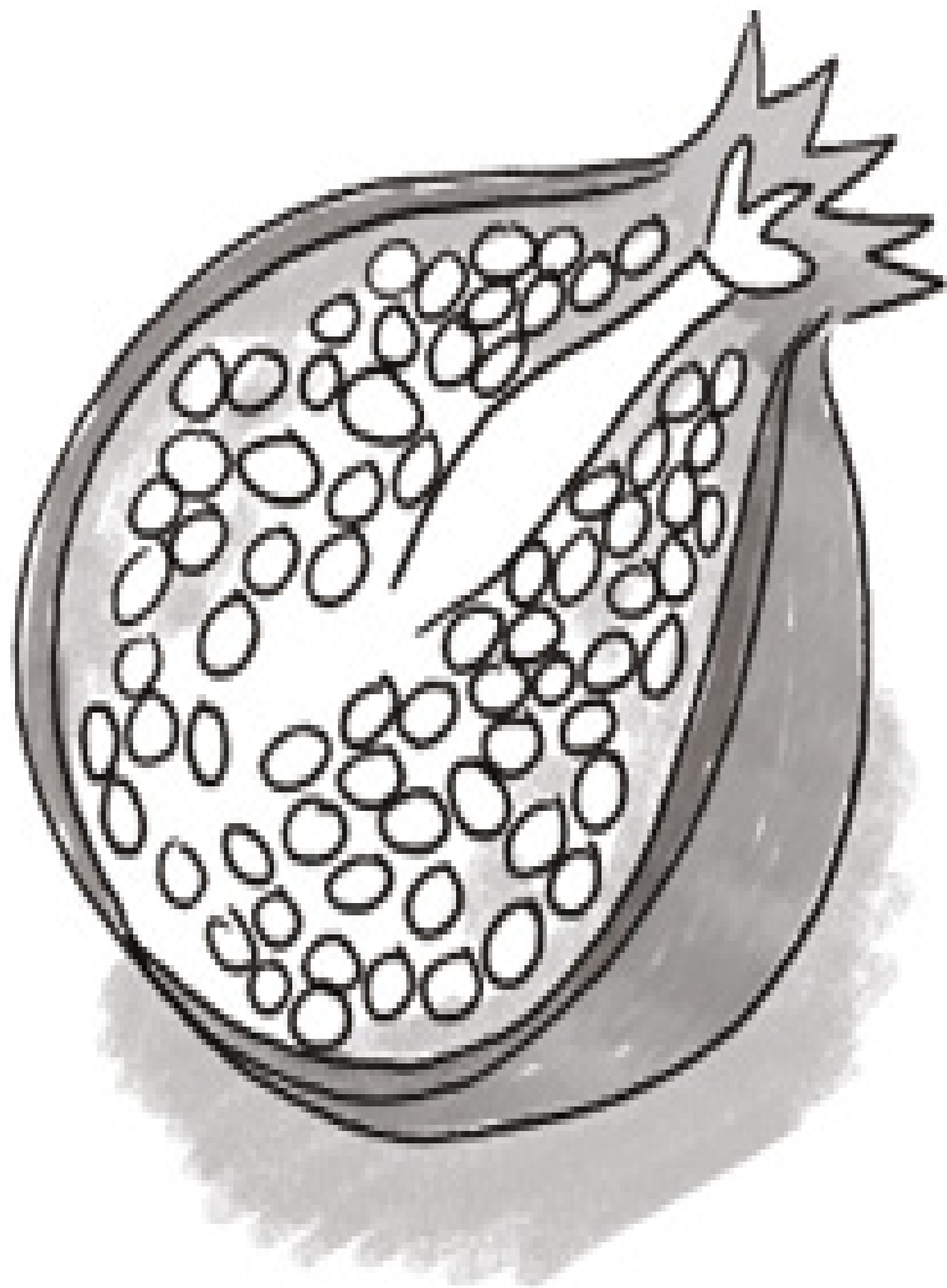
— Certamente tem o coração de um rei! Talvez ele seja! Nunca dá para ter certeza com as pessoas. Agora, visto que nossa Aventura Inesperada chegou ao fim, vamos correr para casa antes que comece a chover!

Olhei para cima. Tudo tinha ficado escuro do nada e o céu estava cheio de nuvens cinza enormes, que estavam tão baixas que dava para ouvir seu estrondo. Mas eu nem liguei, porque tinha dois dos melhores presentes que poderia ter na minha bolsa, dados a mim pelo homem com o coração de um rei.



A grande briga

Na manhã seguinte, contei para Josie, Michael e Tom sobre a Aventura Inesperada em que minha mãe havia me levado. Todos disseram que queriam ir comigo na próxima vez e conhecer o homem com o turbante vermelho com coração de rei também. Nenhum deles tinha chegado a ver a parte de dentro de uma romã antes, então tentei descrever a cor e o formato das sementes para eles no ônibus para a escola. Mas eles ainda pareciam confusos, então desenhei esta imagem na parte de trás do meu livro de exercícios:



Acho que romãs agora são minhas frutas favoritas no mundo inteirinho. Não apenas pelo gosto delas, mas por como se parecem. Do lado de fora, parecem bolas superbrilhantes que foram mergulhadas em um balde com cores do pôr do sol, como pêssego, rosa e dourado. Mas a parte de dentro é ainda mais legal, porque, quando você abre uma, é como se encontrasse milhões de rubis vermelhos e brilhantes, todos apertadinhos dentro de uma mala redonda, explodindo, querendo sair.

— Precisa empurrar uma por uma para fora gentilmente — mamãe tinha dito quando cortou a minha aberta e me mostrou como tirar as sementes. — Está vendo? Como se estivesse pegando pedras preciosas do teto de uma caverna! — Ela me mostrou como descascar a pele entre as sementes também; mas não gostei tanto daquela parte, porque parecia um pouquinho com uma pele de cobra antiga que vi uma vez no zoológico.

Queria dar a romã para o garoto novo na hora da saída, mas minha animação era tão grande que não consegui esperar até lá. Então, assim que o sino do primeiro recreio começou a tocar, escondi a romã debaixo do meu uniforme da escola e corri para o parquinho. Não podemos levar comida para dentro do parquinho porque só devemos comer lanche no refeitório. Mas eu não iria comer ou fazer alguém comer, então achei que não contava.

O garoto novo nos seguiu para fora, porque sabia que éramos seus amigos. Ele tinha parado de desaparecer em todos os recreios e só ia para a Reclusão durante a merenda. Até mesmo a Srta. Hemsli havia parado de sair no primeiro intervalo e ficava na sala dos professores, o que eu achava que significava que ela também sabia que éramos amigos do garoto novo.

— Aqui! — disse, assim que chegamos ao nosso canto do parquinho. E, puxando a romã de debaixo do meu uniforme, estiquei para ele. — É para você!

Josie e Michael olharam um para o outro e Tom olhou para mim, enquanto esperávamos que dissesse algo. Mas ele apenas ficou encarando e encarando — primeiro a nós, depois a romã — sem dizer ou fazer nada.

— Sabia que você devia ter colocado um adesivo — sussurrou Tom, balançando a cabeça.

Depois, devagar, o garoto novo esticou a mão e pegou a romã.

— Casa — disse baixinho, seus olhos ficando ainda maiores. — Eu... tenho... casa...

— Sim! — eu disse. — Sua casa na Síria! Eu vi. Em um mapa. Sabe o que é MAPA?

O garoto novo caiu em silêncio. E, depois, pela primeira vez desde que o havíamos conhecido, sorriu. Não um pequeno sorriso, um sorriso de lado ou até mesmo um meio sorriso, mas um de verdade, que ia de um lado da bochecha até o

outro e fazia seus olhos sorrirem também. Ele abriu a boca para dizer algo, quando, do nada, Brendan Valentão passou por nós.

— Dê para mim! — disse, e arrancou a romã da mão do Ahmet.

— Devolva AGORA! — gritei, sentindo medo e raiva, tudo de uma vez.

— Me obrigue! — zombou Brendan Valentão, enquanto se virava para me encarar.

Não sei por que, mas, às vezes, quando alguém que você não gosta olha para você bem nos seus olhos, na hora eles parecem ficar mais altos e você parece diminuir — mesmo quando, na verdade, vocês dois são do mesmo tamanho. Normalmente é apenas por alguns segundos, depois você volta para o seu tamanho normal. Mas, às vezes, continua por tanto tempo que se pergunta se em algum momento vai retornar para a altura que costumava ter.

Essa foi uma dessas vezes. Quando Brendan Valentão se virou para me olhar, encarou-me nos olhos com tanta força e por tanto tempo que pareceu crescer pelo menos mais dois centímetros. Mas eu estava me sentindo tão quente e com tanta raiva, que pude sentir minhas orelhas ficarem vermelhas e não liguei. Dei um passo para a frente e tentei pegar a romã de volta.

— Vá em frente! Tente de novo! — Brendan Valentão riu, enquanto afastava de mim e segurava acima da cabeça.

Pude sentir meu rosto ficar mais e mais vermelho e minhas pernas ficarem menores enquanto tentava pular e pegar a fruta de volta. Aí, do nada, ele jogou a romã para o Chris, que estava parado atrás de mim. Chris pegou, jogando para cima e para baixo com uma das mãos, esperando que um de nós tentasse fazer algo. Josie, Tom e Michael se lançaram para a frente, mas ele foi rápido demais e jogou a fruta para Liam, que imediatamente jogou de volta para Brendan Valentão.

Isso deveria ter durado todo o recreio, porque ele gostava de brincar disso e ninguém nunca o vencera. Mas aí o que aconteceu a seguir foi tão inesperado, tão chocante e tão fantástico que até mesmo Brendan Valentão ficou sem saber o que fazer!

É que, do nada, com um grande rugido, Ahmet correu direto para ele e, como um leão com raiva, chocou-se contra ele com a cabeça! Brendan Valentão caiu de costas, sentado no chão, com as pernas balançando no ar. Todos nós ofegamos em voz alta, mas Ahmet não parou por aí.

Pulou sobre ele, com o rosto vermelho e confuso e socou Brendan Valentão tantas vezes quanto pôde, gritando algo que nenhum de nós conseguiu entender. Alguém atrás da gente gritou “BRIIIIGA!” e todo mundo no parquinho correu para assistir. Mas — essa foi a parte mais chocante de todas — não era realmente uma briga. Você precisa que duas pessoas — pelo menos — estejam lutando para ser uma briga. E Brendan Valentão NÃO ESTAVA BATENDO DE

VOLTA! De jeito nenhum! Nem mesmo por um segundo! De fato, estava segurando o braço acima do rosto enquanto Ahmet continuava a socá-lo e a rugir, gritando com ele com toda sua força.

— SEPAREM, AGORA! — gritou uma voz, enquanto a multidão se dividia e o Sr. Irons e a Sra. Sanders vinham correndo.

Mas Ahmet não parou. Ele era como uma máquina que não tinha botão de desligar e continuou socando, socando e socando, tão rápido e veloz quanto conseguia.

— CHEGA, JOVENZINHO! — gritou o Sr. Irons. E, puxando-o pela parte de trás do suéter, tirou Ahmet de cima do Brendan Valentão, ao mesmo tempo em que a Sra. Sanders colocou o outro garoto de pé novamente.

Todo mundo ficou em silêncio, mas não sei se era porque estavam se perguntando o que aconteceria em seguida ou porque nenhum de nós conseguia acreditar que Brendan Valentão tinha realmente se machucado. Seu rosto estava bem vermelho, os olhos pareciam molhados e havia pequenas pedrinhas do chão do parquinho presas ao lado das suas bochechas.

Com um brilho horrível no olhar, o Sr. Irons encarou Ahmet e berrou:

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO, GAROTO? HEIN? HEIN?

Ahmet encarou o chão, furioso, e não disse nada.

— QUEM COMEÇOU? — gritou a Sra. Sanders, que estava tão brava que se esquecera de olhar por cima dos óculos e estava nos encarando diretamente com eles.

Imediatamente, apontei para Brendan Valentão, assim como Tom, Josie e Michael fizeram.

— CERTO! TODOS VOCÊS! COMIGO! AGORA! — ordenou, arrastando Brendan Valentão pelo braço através do parquinho e para dentro da escola.

O Sr. Irons acenou com a mão e apontou para as portas, seu nariz assobiando o mais alto que já tinha feito na vida. Segui Tom, Josie e Michael, todos nós de cabeças abaixadas enquanto abríamos caminho pela multidão. Todos nos encaravam, depois fizeram o mesmo com Ahmet. O rosto dele estava ainda mais vermelho que o meu, seus olhos de leão tão grandes e molhados que parecia que estavam se afogando. Ele secou uma lágrima de raiva e olhou para trás, por cima do ombro. Olhei para trás também e vi um monte de pontinhos rosa por todo o chão. A romã tinha sido esmagada, todas as suas sementes vermelhas de rubi tinham sido esmagadas pelos pés de todo mundo.

Depois de contarmos tudo o que acontecera, ela me deu uma cópia de cinquenta linhas para escrever por levar a romã para dentro do parquinho e disse

que Ahmet e Brendan Valentão tinham que escrever também, mas todos os dias pelo restante da semana, acompanhados do o Sr. Irons. Tentamos dizer para ela e para a Sra. Khan que a briga não tinha sido culpa do Ahmet e que, às vezes, bater em alguém quando está sendo horrível e tirando algo que é seu de você pode te fazer sentir cem vezes melhor do que apenas contar ao professor poderia fazer. Até mesmo milhões de vezes melhor! Mas elas apenas negaram com a cabeça e disseram que Ahmet nunca devia ter batido em Brendan Valentão. Não dissemos nada depois daquilo, porque, às vezes, é possível dizer quando adultos não estão mais escutando. Normalmente eles dizem: “terminamos aqui”, “essa é a minha opinião” ou “é isso”. Mas professores sempre dizem: “Isso é tudo. Você já pode ir”.

Assim que saímos, falei para Ahmet que sentia muito por colocá-lo em problemas e que tentaria encontrar outra romã para ele. Tudo que ele fez foi assentir e me dar um joinha. Acho que era a maneira dele de me dizer para não me preocupar e que ser capaz de rugir como um leão em cima de um valentão valia a pena a cópia que teria que fazer. Mesmo que fossem cem linhas em um idioma que ele não sabia como falar ainda.

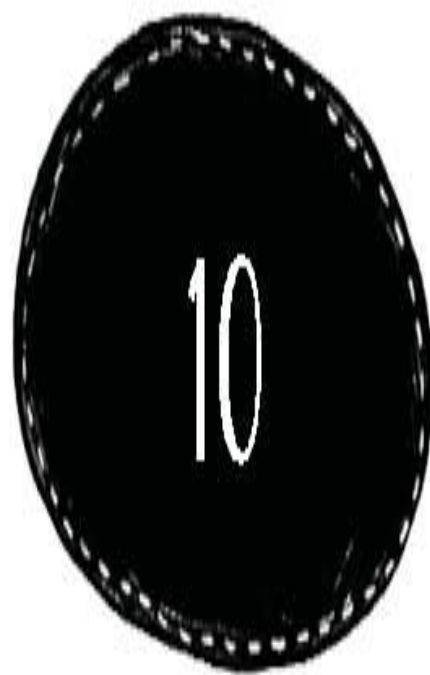
Quando fomos para casa naquela tarde, conversamos sobre a Grande Briga e como Ahmet ficaria famoso por ser o primeiro garoto de todos a bater em Brendan Valentão.

— Espere só para ver — disse Tom. — Todo mundo vai querer ser amigo dele agora! Até mesmo os garotos descolados.

Achei que Tom estava certo, mas me fez sentir triste. Se Ahmet ficasse amigo dos garotos descolados, isso significaria que ele não iria falar ou jogar futebol conosco nunca mais. Há uma lei que diz que garotos descolados só podem falar com outros garotos descolados e nunca podem falar com a gente — menos quando são colocados em um grupo com a gente por um professor. Não sei quem escreveu a lei, mas Michael sabe tudo sobre ela. Acho que a mãe dele deve ter contado.

Mas acabou que Michael estava errado sobre isso. Porque Ahmet nunca deixou de ser nosso amigo. Nem mesmo depois que ele se tornou o garoto mais popular da escola por bater em Brendan Valentão.

E nem mesmo quando todos os jornais do mundo fizeram dele o Garoto Refugiado Mais Famoso do Mundo.



Guerra e peças perdidas

No dia depois da Grande Briga, assim como Tom havia imaginado, Ahmet ficou famoso. No parquinho, onde quer que ele fosse, as pessoas apontavam, ofegavam, chamavam-no de “O Garoto Que Bateu no Brendan Valentão” e perguntavam um monte de coisas para ele, tipo: “É verdade que você consegue dar cem socos em menos de um minuto?”; “Pelo que você REALMENTE estava lutando? Era pelo dinheiro do resgate dos seus pais?”; e “Quando vai lutar novamente? Podemos assistir?”.

Depois de um tempo, a Srta. Hemsli começou a dizer a todos para deixarem Ahmet sozinho, então começaram a perguntar ao Michael, à Josie, ao Tom e a mim. Não falei muito, nem Michael. Mas Josie e Tom ficaram tão animados que começaram a adicionar novas coisas à história, então, no final da semana, a maior parte da escola acreditava que Ahmet não tinha apenas batido em Brendan Valentão, mas tinha lutado contra Chris e Liam também, por uma maleta cheia de diamantes vermelhos — e uma bola de basquete rosa.

Tudo isso fez Brendan Valentão ficar com o rosto mais emburrado do que nunca. Mas, mesmo que tenha nos encarado o tempo todo e Chris e Liam tenham nos mostrado seus punhos todas as vezes em que nos viram, não nos perseguiram pelo parquinho, nem roubaram a bola da Josie ou esbarraram em nós quando estávamos carregando nossas bandejas de lanche como havíamos pensado que fariam.

— Aposto que ele está com medo de nós agora que temos Ahmet. — Tom sorriu ironicamente.

— Sim! — disse Josie. — Ele é o próprio gatinho assustado agora!

Mas Michael disse que ele não estava gostando de nada disso e que apostava que Brendan Valentão estava armando alguma coisa. De primeira, não acreditei nele, mas, depois, um monte de coisas estranhas começou a acontecer com Ahmet.

A primeira rolou apenas dois dias depois da Grande Briga. Estávamos todos decorando um pote novo para as nossas plantas fazerem fotossíntese e a Sra. Khan deu uma estrela dourada para Ahmet, porque a planta dele havia crescido mais rápido que a de todo mundo. Acho que era porque, todas as manhãs, antes de ela fazer a chamada, ele a molhava e falava com ela por um minuto inteiro. Não sei se plantas podem falar idiomas diferentes, mas, quando perguntei para a professora, ela disse que elas podem falar todas as línguas do mundo e que, quanto mais idiomas ouvem, mais rápido crescem.

Ahmet ficou muito orgulhoso da sua estrela dourada e ganhou a prateada também, por ter decorado seu pote com imagens de conchas do mar, baleias e peixes. Mas, quando voltamos do último intervalo, o pote estava caído no chão, quebrado, e a plantinha estava esmagada. Alguém devia ter pisoteado nela de

propósito, porque os potes de mais ninguém tinham sido quebrados. A Sra. Khan disse que, se a pessoa que havia feito isso não erguesse o braço na mesma hora, estaria com Grandes Problemas. Mas ninguém levantou, então O Mistério do Assassinato do Pote de Planta permaneceu misterioso.

Depois, quase uma semana após O Mistério do Assassinato do Pote de Planta, veio O Dia da Minhoca Assassina na Gaveta. Depois de dar a matéria em uma manhã, a Sra. Khan nos disse para pegarmos nosso livro de exercícios nas nossas gavetas da sala. Mas, quando Ahmet abriu a sua, encontrou-a lotada de minhocas grandes e gordas se contorcendo! Ele gritou e deixou a gaveta cair no chão, então todas as minhocas saíram voando pela sala. Isso fez Dean — que senta atrás de mim — vomitar por cima de toda a mesa. Dean tem medo de qualquer coisa que não tenha pernas — até mesmo caracóis. Mas as que ele mais odeia são as minhocas.

O Sr. Whittaker, faxineiro da escola, teve que vir limpar tudo. A Sra. Khan e a Srta. Hemsli ficaram muito bravas e checaram todas as nossas gavetas. Mas ninguém mais tinha uma única minhoca na gaveta — nem mesmo Toni Dedo no Nariz, que gosta de colecionar todo tipo de coisas estranhas na gaveta.

A Sra. Khan mandou a pessoa que fez aquilo erguer a mão novamente — e daquela vez ela olhou para Brendan Valentão como se não estivesse realmente falando com nenhum de nós, apenas ele. Mas, de novo, ninguém se entregou. Então a Sra. Khan negou com a cabeça e disse que se certificaria de que a pessoa que havia feito isso seria pega em breve e punida não apenas por ela, mas pela Sra. Sanders também.

E aí, depois disso, veio a pior travessura de todas — aquela que toda a escola mais tarde chamaria de A Grande Armadilha do Saco de Feijões Cozidos.

Toda manhã, antes de a Sra. Khan fazer a chamada, todo mundo tem que colocar a mochila em seu próprio gancho no fundo da sala, e só temos permissão de pegar nosso material de educação física, o dever de casa ou as lancheiras quando ela diz. Todo mundo sabe onde fica cada mochila, porque nossos ganchos têm nossos nomes em cima. Na aula depois do Dia da Minhoca Assassina na Gaveta, a professora nos disse para levantar e pegar os uniformes nas mochilas, como sempre faz nas quartas. Mas, quando Ahmet foi pegar e abriu seu zíper, um mar de feijões cozidos explodiu, respingou e espirrou em cima dele! Todo mundo gritou um “eeecaaa!” e depois ficou em silêncio no mesmo minuto. A Sra. Khan estava tão brava por ninguém ter erguido a mão novamente que cancelou a Educação Física, e a Sra. Sanders veio e deu uma bronca na turma inteira. Foi horrível — especialmente porque Ahmet começou a chorar quando viu o que tinha acontecido com as coisas dele.

Acho que todo mundo sabia que tinha sido Brendan Valentão quem havia feito todas aquelas coisas, mas ninguém conseguia provar. Nem mesmo a Sra. Khan. Depois daquele dia, a porta da sala ficava trancada em todos os recreios e na hora da merenda, o que impediu qualquer outra situação de acontecer com as coisas do Ahmet. Mas eu queria mais do que tudo que Brendan Valentão fosse pego e que pudéssemos provar que ele era um criminoso, então Michael pegou a lupa do seu avô e procuramos por pistas. Mas não conseguimos encontrar nenhuma! Nem mesmo nas lixeiras da escola.

Ahmet estava mais chateado com A Grande Armadilha do Saco de Feijões Cozidos do que com qualquer outra coisa que acontecera. E, mesmo que a Srta. Hemsî tivesse lavado a mochila dele com vários tipos de detergente, parecia ainda pior do que antes e estava com o cheiro estranho também. Mas Ahmet ainda a levava para a escola todo dia. Queria saber por que ele não arrumava uma nova, ou por que a Srta. Hemsî continuava dizendo que a mochila estava ok quando não estava. Mas aí, dois dias depois da Grande Armadilha do Saco de Feijões Cozidos, eu descobri.

Já tínhamos colocado nossos livros de lado e estávamos nos preparando para a hora da história como sempre fazemos nas sextas-feiras, quando a Sra. Khan fez um anúncio surpresa.

— Atenção, todo mundo! — disse. — É nossa última tarde antes do feriado e pensei em fazermos algo diferente. Em vez de todos lermos uma história juntos, vamos ouvir uma. E é uma muito importante, porque será contada para nós por alguém muito especial na nossa turma. — Olhando para Ahmet e a Srta. Hemsî, ela acenou para eles irem até onde ela estava de pé. Eu não sabia disso na época, mas estava prestes a ter quase TODAS as minhas onze perguntas originais respondidas de uma vez!

Todos nos viramos para ver a Srta. Hemsî pegar uma grande pilha de papéis da mesa e seguir Ahmet para a frente da turma.

— Quero que todos escutem com cuidado extra e não quero ninguém fazendo perguntas até que Ahmet termine de contar a história dele. Entenderam?

— Sim, Sra. Khaaan — gritou a turma.

— Bom! — E, inclinando-se contra a mesa, sorriu e disse: — Ahmet...?

Todo mundo se mexeu nas cadeiras e sentou reto, esperando que Ahmet falasse. Perguntei-me se ele contaria a história em inglês ou em curdo, mas estava tão feliz que nem liguei.

— Olá. Meu nome é Ahmet. Eu tenho nove... anos de idade. E eu sou refugiado. Eu venho da Síria.

Assim que disse isso, ele apontou para a Srta. Hemsî, que segurava um desenho com uma casa, uma árvore e um carro em frente a algumas montanhas. E

na frente do carro estavam quatro pessoas com seus nomes: “eu”, “mamãe”, “papai” e “irmã” — e um gato.

Este era o desenho:



Surpreendi-me, porque nunca havia pensado que Ahmet tinha um irmão ou uma irmã. Pensei que ele era igual a mim e não tinha nenhum. Sua irmã não estava na nossa escola. Na imagem, ela parecia menor que ele, então talvez estivesse no berçário.

— Mas, na Síria, há uma grande guerra — continuou Ahmet, indicando a Srta. Hemsî novamente, que mostrou outro desenho. Esse mostrava prédios pegando fogo, bombas caindo de um avião, várias pessoas caídas no chão e outras segurando armas.

Parecia assim:



Josie parou de mastigar o cabelo e olhou para mim, depois para o desenho novamente. E, atrás de mim, ouvi alguém sussurrando:

— Uau! Ele viu uma bomba *e* uma arma de verdade!

— Por causa da guerra, minha família... fugiu — contou Ahmet, assim que seus olhos de leão ficaram maiores, redondos e úmidos. — Nós fomos... pelas montanhas e rios... e carregamos malas e gato.

Dessa vez, a Srta. Hemsí segurou um desenho mostrando uma família atravessando montanhas e rios; no céu, pássaros estavam chorando. Na imagem, Ahmet tinha desenhado a si mesmo carregando uma mochila vermelha com listra preta, parecida com a que ele levava para a escola. Foi quando eu descobri por que ele a amava tanto e o motivo de ter chorado quando ela estava cheia dos horríveis feijões cozidos de Brendan Valentão. Ele tinha vindo carregando pelo caminho todo lá da sua casa e por cima da montanha, o que significava que ela era muito mais importante e muito mais especial do que qualquer uma das nossas.

A imagem era esta:

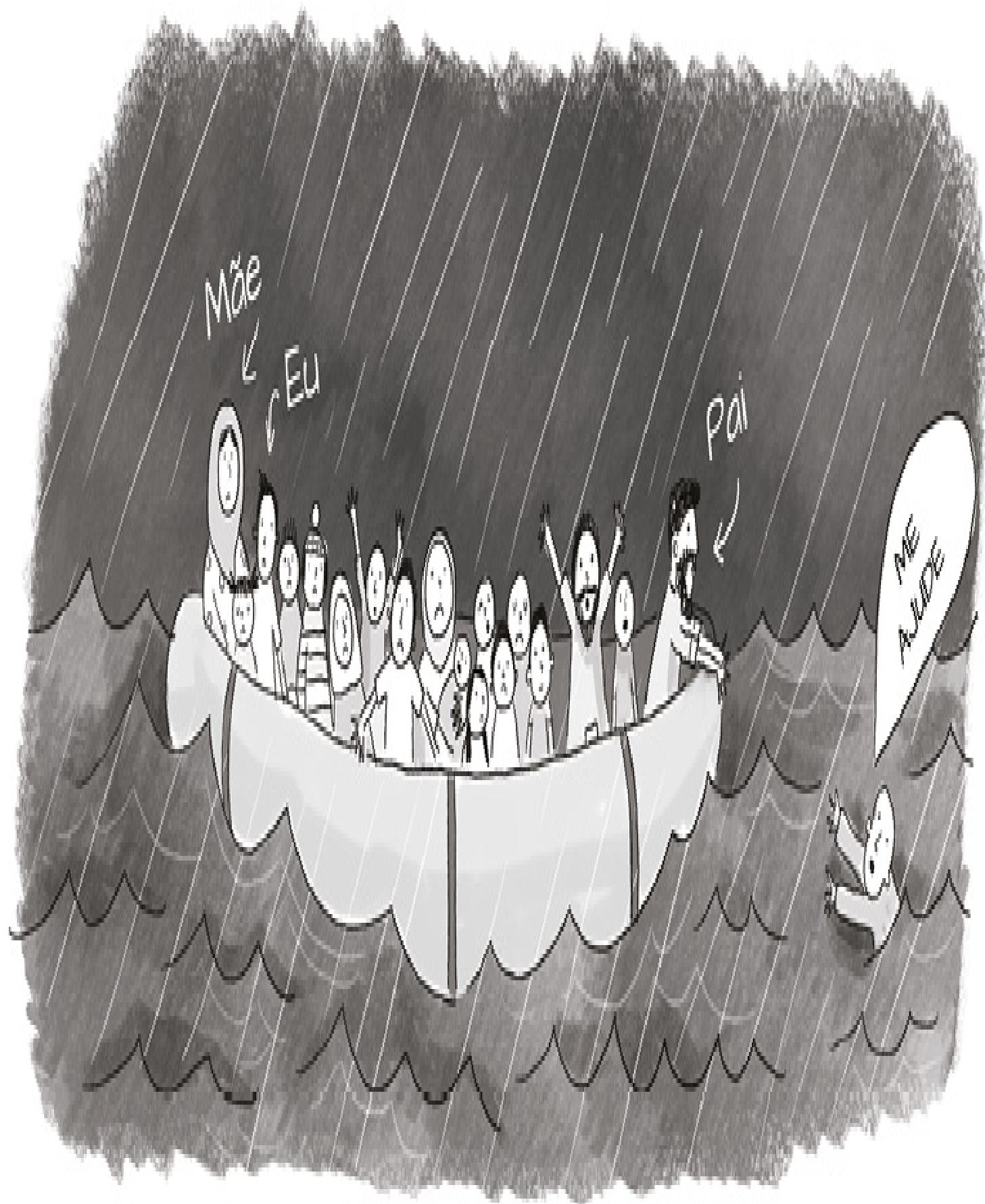


— Aí, nenhum lugar seguro, então entramos no barco no mar grande.

A Srta. Hemsí segurou um desenho de um barco. Mas ele não era um daqueles comuns com velas, pontas pontiagudas e lateral de madeira. Esse era achatado, redondo e laranja nos lados — assim como os que vi nos jornais, que não tinham banheiros. Dentro do barco havia várias pessoas, todas usando coletes que as faziam ficarem parecidas com pinguins. E havia um homem no mar com um balão saindo da boca dele dizendo: “ME AJUDE”.

Nós nos inclinamos para a frente em nossas cadeiras, tentando ler os nomes que Ahmet havia colocado sobre as cabeças de algumas pessoas. Vi escrito “eu”, “mãe” e “pai”, mas não havia “irmã” ou “gato”. Sabia que gatos não gostavam de água, porque Josie tinha um e havia dito que ele gritava sempre que chovia e o tempo inteiro queria ficar do lado de dentro. Então talvez o gato do Ahmet não quisesse entrar no barco. E talvez a irmã dele não quisesse deixá-lo sozinho, então havia ficado para trás para cuidar dele.

Esta era a imagem do barco:



— Depois, estamos em outro país, chamado Grécia — disse Ahmet. — Vivemos em tendas com várias pessoas que fugiram como eu. Elas vêm de vários países, como Afeganistão, Paquistão e Eritreia.

A próxima imagem mostrava uma bandeira com listras azuis e brancas, com uma cruz branca em um canto azul; e, perto dela, tinha um monte de tendas e pessoas em todos os lugares, sentadas perto do fogo e dormindo no chão. Nessa imagem, apenas as palavras “eu” e “papai” eram vistas. A mãe do Ahmet devia estar dormindo dentro de uma das tendas.

Esta era a imagem:

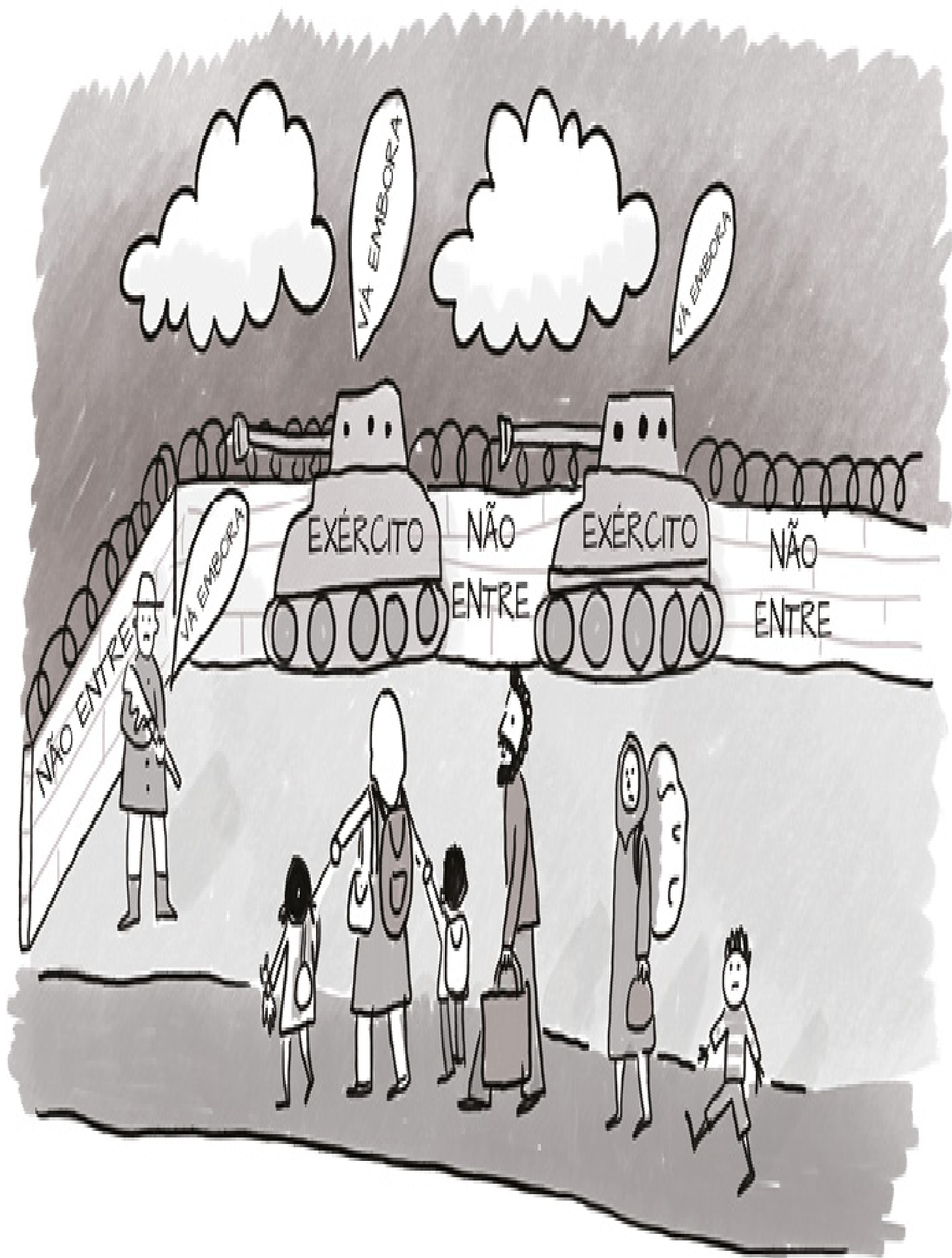


— Depois, andamos muito tempo... em um monte de países. Era frio e dormimos no chão. E depois ficamos na França.

Dessa vez, Ahmet apontou para a próxima imagem e nos mostrou a ferrovia que ele tinha desenhado. Nela, havia pessoas carregando malas e crianças, todas elas caminhando até um muro com arame farpado no topo. Todo mundo parecia triste. E, no cantinho, havia tanques e soldados armados do exército, e todas as armas estavam apontadas para as pessoas com malas e crianças.

A Srta. Hemsî segurou esse desenho por mais tempo que qualquer um dos outros, porque o Ahmet estava olhando para ele e não parecia querer parar de encarar.

Este era o desenho:



— Depois eu vim para cá... e para a escola. Eu gosto daqui... sem bombas. É seguro e eu gosto amigos novos. E professores e jogar futebol.

Ahmet ficou parado e encarou todo mundo, que o encarou de volta. A Sra. Khan assoou o nariz, fazendo barulho, e a Srta. Hemsî abaixou os desenhos e deu um abraço no Ahmet.

— Obrigada, Ahmet — disse a Sra. Khan, ficando de pé e colocando a mão nas costas dele. — Todo mundo, vamos dar uma grande salva de palmas para o Ahmet por ser tão corajoso e compartilhar sua história conosco.

Todos aplaudimos, mas não tão alto quanto normalmente fazíamos com outras histórias, porque acho que estávamos nos sentindo estranhos. Não achei que algum de nós já tinha ouvido uma história como essa antes. E era ainda mais triste e assustadora porque não era apenas uma história inventada de um dos nossos livros de leitura. Era real. Ahmet tinha sobrevivido a todas as coisas que as imagens mostravam e estava aqui. Com a gente. Saber disso fazia-me sentir pena, orgulho e medo por ele, tudo de uma vez; mas, acima de tudo, fazia-me querer dizer-lhe que ele era definitivamente a pessoa mais corajosa que eu conhecia.

— Como vocês viram, a história do Ahmet é muito especial. Tenho certeza de que vocês têm muitas perguntas para fazer para ele — falou a Sra. Khan. Todo mundo jogou as mãos para o ar na hora, mas acho que a minha foi a primeira. — Que maravilha! — Sorriu a Sra. Khan, enquanto sinalizava para que abaixássemos nossas mãos. — Mas, já que Ahmet ainda está aprendendo palavras em inglês, faremos apenas três perguntas. Quero que todos escrevam apenas uma pergunta para ele em um pedaço de papel. — Andou entre nós, dando a cada um uma tira de papel em branco. — Quando terminarem, a Srta. Hemsî irá escolher três para fazermos para ele. Vocês têm alguns minutos para pensar nas perguntas e para escrever com sua melhor caligrafia. Tentem soletrar corretamente, e lembrem-se: apenas uma pergunta por pessoa.

A turma inteira caiu em silêncio enquanto pegávamos nossos lápis, abaixávamos as mãos e escrevíamos as perguntas. Eu tinha um monte que queria fazer, mas escolhi aquela que era mais recente e escrevi. Depois de alguns minutos, a Sra. Khan disse que nosso tempo tinha acabado e a Srta. Hemsî recolheu todos os pedaços de papel.

Começamos a sussurrar uns com os outros, enquanto elas olhavam nossas perguntas e negavam ou concordavam com a cabeça.

— O que você perguntou? — sussurrou Tom, virando-se.

— Perguntei por que ele não ficou na Grécia, já que o clima é mais quente lá e eles têm mais lugares com mar — Josie devolveu.

— Ah. Eu perguntei quão rápido ele teve que fugir das bombas — Tom disse na mesma entonação.

— Michael, o que você escreveu? — Josie perguntou baixinho, inclinando-se para a frente e cutucando Michael no ombro.

— Perguntei se foi assustador ficar no barco e se estava de noite — respondeu Michael.

— São duas perguntas! — sussurrou Josie, balançando a cabeça. Depois, ela olhou para mim. — O que você perguntou?

— Perguntei o que aconteceu com o gato e qual o nome da irmã dele — falei.

— Ah! — exclamou Tom. — Mas também são duas perguntas!

— Atenção, turma! — chamou a Sra. Khan, batendo as mãos para que todos parássemos de sussurrar e olhássemos para a frente da sala. — Temos excelentes perguntas aqui, mas escolhemos três. Vou dizer em inglês, depois a Srta. Hemsí irá traduzir a pergunta e a resposta para nós. Certo... A primeira pergunta é: o que sua mãe e seu pai faziam na Síria?

A Srta. Hemsí falou com o Ahmet em curdo e ele respondeu algo. Ela assentiu e, depois, olhando para nós, disse:

— O pai do Ahmet era professor. E a mãe escrevia para um jornal.

Toda a turma assentiu e esperamos a Sra. Khan ler a próxima pergunta. Cruzei os dedos bem apertados, torcendo para ser a minha.

— A próxima pergunta é: o que você mais gostava de fazer antes da guerra?

Esperamos a Srta. Hemsí fazer a pergunta e receber a resposta:

— Ele gostava de jogar futebol com os amigos — respondeu ela. — E de ir ao parque com seu avô e comer quibe. — Ela sorriu para Ahmet e, antes que qualquer um de nós pudesse perguntar o que era quibe, explicou: — Quibe é um lanche muito especial feito com carne moída e coberto com deliciosas especiarias. É muito famoso na Síria e se parece...

Ela foi até o quadro e rapidamente desenhou uma forma. Parecia uma pequena bola de futebol americano.

— Esse é o formato correto, Ahmet? — questionou.

Ele assentiu. Olhamos um para o outro e tentamos imaginar qual seria o gosto de uma bola de futebol com carne moída dentro.

Assim que a Sra. Khan levantou o último pedaço de papel, decidi cruzar tanto os dedos dos pés quanto das mãos. Mas não funcionou, porque ela disse:

— E a última pergunta é: você ainda dorme em uma tenda ou fica em uma casa agora?

Quando Ahmet ouviu a pergunta da Srta. Hemsí, negou com a cabeça e disse algo.

— Não, ele dorme em uma casa agora — disse. — E está feliz porque tem um banheiro, água quente e comida.

Assentimos uns para os outros e a Sra. Khan colocou o braço em volta do Ahmet, dizendo:

— Vamos dar outra salva de palmas para o Ahmet, ok?

Dessa vez, quase todo mundo bateu palmas mais alto do que antes e Michael até gritou “uuuhuuul!” enquanto Ahmet e a Srta. Hemsî voltavam para se sentar. Mas consegui ver os lábios do Brendan Valentão se movendo em um “uuuh” e seu rosto fazendo uma expressão de que estava sentindo algo fedido, além de Liam apontando com os dois dedos para baixo. Olhei para a Sra. Khan e para a Srta. Hemsî na esperança de que estivessem vendo também, mas estavam ocupadas olhando para o garoto.

— Certo! Agora, todo mundo, antes que a gente saia hoje, quero que me ouçam com cuidado. — A Sra. Khan bateu as mãos uma vez e esperou que todo mundo se acalmasse novamente. — Como eu disse, todos mandaram perguntas fantásticas para o Ahmet e estou muito orgulhosa de vocês por pensarem em coisas tão interessantes e atenciosas. Mas... — E aqui ela nos encarou com as sobrancelhas erguidas, o que significava que estava sendo ainda mais séria e ficaria ainda mais brava se não a ouvíssemos. — Tenho certeza de que não preciso dizer a vocês que fugir de uma guerra e deixar sua casa é algo muito difícil de fazer. Especialmente quando você precisa tentar colocar todas as peças que faltam da sua vida no lugar em um ambiente que é novo e estranho para você. — Aí a Sra. Khan deu uma olhada rápida para meus amigos e eu, depois continuou: — Sei que muitos sentem falta do Ahmet quando ele não pode sair para brincar. E sei que todos têm muitas perguntas. Mas é muito importante que ele fale com pessoas que sabem pelo que está passando e possam ajudá-lo a se sentir melhor. E é ainda *mais* importante que elas possam perguntar a ele tudo o que vocês querem em um espaço reservado e seguro *primeiro*, antes que ele esteja pronto para falar mais para outras pessoas. Ok?

Josie olhou para mim, que olhei para ela; Tom e Michael se viraram para nós por cima dos ombros. Então, para *isso* que era a Reclusão! Era para o Ahmet poder falar com as pessoas!

— Então... — continuou a Sra. Khan. — Quero que todos me prometam que não farão mais perguntas para o Ahmet sobre a guerra ou sobre a família dele sem falarem comigo ou com a Srta. Hemsî antes. Entenderam?

— Sim, Sra. Khaaan — a turma disse, antes que o sinal da saída começasse a tocar.

— Bom! Agora, primeira fila, guarde suas coisas e saia. Certifiquem-se de que pegaram tudo que precisam para o dever de casa do feriado e nos vemos em uma semana!

Enquanto esperávamos que a nossa fileira fosse chamada, olhei por cima do ombro para Ahmet e me perguntei que peças ainda estavam faltando antes que ele pudesse colocar a vida no lugar novamente. Era como um quebra-cabeças, acho. Odeio fazer quebra-cabeças — até os mais fáceis, porque sempre sinto tédio na metade, e não consigo me imaginar fazendo um com peças faltando.

Esperava mesmo que, quando havia fugido dos valentões e das bombas, Ahmet não tivesse perdido nenhuma peça importante no caminho. E que, se ele perdera, alguém o estivesse ajudando a encontrar novas que fossem do mesmo tamanho e cores que ele precisava.



*Jogo das palavras
cruzadas*

Depois de ouvir a história do Ahmet e ver seus desenhos, eu estava explodindo de novas perguntas. Assim como Tom, Josie e Michael, mas sabíamos que não poderíamos perguntar nada a ele.

— Nós deveríamos anotar — sugeriu Josie. — Aí, talvez depois do feriado, o Ahmet terá colocado mais algumas peças no lugar, e a Sra. Khan vai concordar em perguntarmos a ele.

Todos concordamos e, quando cheguei em casa naquela noite, peguei minha lista antiga de questões. Depois de riscar todas as que eu já havia tido resposta, escrevi novas com a minha melhor letra de mão — apenas para garantir que não nos esqueceríamos delas.

Era assim que a lista se parecia:

Minhas 11 perguntas:

- ~~1. De onde você teve que fugir?~~
- ~~2. Que idioma você fala?~~
3. Quem é a mulher do lenço vermelho?
- ~~4. Você tem algum irmão ou irmã?~~
- ~~5. O que os valentões fizeram para você querer fugir?~~
- ~~6. Você entrou em um bote como as outras pessoas do jornal?~~
- ~~7. Quais esportes você mais gosta?~~
- ~~8. Qual é a sua fruta favorita?~~
- ~~9. Quanto você teve que andar para fugir dos valentões?~~
- ~~10. Você gosta daqui ou sente mais falta da casa antiga?~~
11. Tem um melhor amigo?

Nossas novas 5 perguntas:

1. Qual é o nome da sua irmã (e onde ela está agora)?
2. Por que sua mãe não estava no último desenho?
3. O que aconteceu com o gato?
4. Quanto tempo levou para andar até a França?
5. Quem são os valentões que jogaram bombas na sua casa?

Após terminarmos de escrever, coloquei a lista no bolso da frente da minha mochila. Eu teria que esperar até o feriado terminar para descobrir se Ahmet estava pronto para responder alguma delas.

Sei que todo mundo na escola gosta de feriados, mas eu não. Não de verdade. A mamãe tem que trabalhar e não pode pagar para me mandar para um acampamento ou para outras atividades extras, então passo a maior parte do meu tempo com a Sra. Abbey. Normalmente os pais do Michael e da Josie passam para me levar para a casa deles por um dia, mas a família do Michael estava passando o feriado na França, a Josie tinha ido para um acampamento e Tom e seus irmãos haviam ido visitar seus parentes perto do mar, então eu estava sem ninguém para

brincar nesse feriado. A semana pareceu extra longa e extra chata, porque Londres teve o que a mamãe chama de “Semana de Dias Cinza”. É quando os dias são tão frios, cinza, úmidos e tempestuosos que você não quer tirar o pijama ou sair da cama, a semana inteira se parece com um único longo dia cinza e você mal pode esperar para que termine.

Mas na manhã do domingo antes de a escola reabrir, enquanto mamãe estava lendo seu jornal e eu estava tentando decidir o que deveríamos fazer para nossa Aventura de Domingo, o telefone tocou. Mamãe atendeu e, quando o colocou no lugar novamente, estava mordendo o lábio e franzindo o rosto. Isso significava que ela havia esquecido algo importante e estava brava consigo mesma.

— Amorzinho, sinto muito, esqueci completamente! Era seu tio Lenny no telefone, lembrando-me de que virá almoçar hoje.

Pulei de animação.

— Com a sua tia Christina e o bebê Jacob... — adicionou.

Sentei novamente e fiz uma careta.

— O tio Lenny não pode vir sozinho? — perguntei.

Mamãe negou com a cabeça.

— Não, ele não pode. Sua tia e Jacob não vêm aqui há um tempo, então é legal que queiram vir. — Percebendo que eu ainda estava fazendo careta, adicionou: — E adivinhe! Tio Lenny está trazendo almoço: frango assado! Seu favorito! *E* disse que quer uma partida de Palavras Cruzadas, então vá arrumar seu tabuleiro *imediatamente!*

Pulei e corri para o meu quarto para pegar o tabuleiro de Palavras Cruzadas de debaixo da cama. Eu amo esse jogo mais do que qualquer outro, porque é o único que você nunca fica entediado brincando. Papai sempre costumava me deixar vencer colocando letras em lugares bobos para conseguir pontos baixos. Mas mamãe e tio Lenny nunca escolhiam palavras de baixa pontuação de propósito, porque ela dizia que me ajudar a vencer é trapaça. Embora ela me deixasse usar o dicionário — porque, se não fosse assim, não seria justo. Afinal, ela e tio Lenny são mais velhos e mais inteligentes e conhecem muito mais palavras do que uma criança de nove anos e nove meses poderia saber.

E é só por isso que eu não ligava se tia Christina e Jacob viessem! Porque não há nada que eu ame mais do que comer o frango assado do tio Lenny. Só jogar Palavras Cruzadas com ele.

Assim como a Josie, tio Lenny está em todas as minhas memórias também. Quando papai morreu, lembrei-me de ele estar no hospital conosco e abraçar mamãe e eu à beça. Foi quando ele começou a me chamar de sua “pequena criança corajosa”. Não sei o motivo, pois não me sentia com nem um tiquinho de coragem.

Mas não liguei. Porque, depois do funeral, ele tinha sido a única pessoa que havia ficado para trás e ajudado a mamãe a resolver tudo. Nenhum dos meus outros tios e tias que tinham nos visitado naquele dia voltaram para ver mamãe e eu novamente. Os amigos da mamãe tentam nos visitar quando podem, a mãe da Josie está sempre perguntando se precisamos de alguma ajuda, mas estão ocupados com o trabalho assim como a mamãe. Às vezes acho que muitas pessoas que tinham ido ao funeral eram bruxas e bruxos de verdade que haviam aparecido do nada no ar, apenas para comer no buffet e balançar a cabeça em negativa várias vezes antes de desaparecerem de novo. Foi bom que eles tenham desaparecido, porque a maioria tinha cheiro de naftalina e gostava de apertar minhas bochechas até machucar. Essa é outra razão para eu amar o tio Lenny. Ele nunca, nunca apertou minha bochecha nem cheira a naftalina. Ele tem cheiro de pão quentinho a maior parte do tempo, e biscoitos recém-assados nos momentos que restam.

Ele é motorista de táxi e apenas trabalha à noite. Ama o trabalho e conta as histórias mais engraçadas sobre todo tipo diferente de pessoa que já entrou na parte de trás do seu carro. Tipo na vez que uma atriz famosa entrou e pediu que ele dirigisse por uma hora inteira pela região apenas para que ela conseguisse dormir um pouco. Ou na vez que uma grande família italiana passou uma viagem inteira brigando em silêncio por uma única porção de peixes fritos e batatinhas.

Sempre que meu tio Lenny nos visita, traz uma bolsa enorme de compras de comida — e uma barra de chocolate apenas para mim. Ele normalmente não vem com a minha tia, porque ela não gosta da gente. Não sei o motivo. Mas está tudo bem, porque não gosto dela também. Ela é muito bonita e está sempre perfeitamente vestida, com o cabelo perfeito e a maquiagem perfeita no rosto. Mas ela franze o nariz toda vez que vê algo que não gosta — o que é praticamente o tempo todo, então sempre parece que ela cheirou uma bolsa de ovo podre. Ela tem um sorriso falso também. Um daqueles que mostram um monte de dente, mas nunca viajam para nenhuma outra parte do seu rosto. Não confio em pessoas que não conseguem sorrir com o rosto inteiro. Significa que estão tentando esconder algo de você. Sorrisos falsos sempre me fazem querer ficar tão longe do Dono do Sorriso Falso quanto possível.

O filho deles, Jacob, é ok. Mas só tem dois anos e gosta de quebrar coisas, então tento esconder todos os meus brinquedos favoritos quando ele vem. Terminei de arrumar meu tabuleiro de Palavras Cruzadas, ajudei mamãe a organizar a casa e, enquanto estava arrumando minha roupa de cama bem esticadinha, a campainha tocou.

— Tudo bem, tudo bem, tudo bem! Como vai minha criança de quase dez anos favorita? — gritou tio Lenny quando abri a porta. Ele sempre dizia isso,

mesmo que eu soubesse que era a única criança de quase dez anos que ele conhecia, o que significava que não podia ter outra favorita.

— Ok. — Dei de ombros.

— Apenas ok? — perguntou, abaixando-se e olhando-me nos olhos. — Hmmm! Talvez precise mandar você para o Doutor Sorriso.

Abri mais o sorriso.

— Melhorou! — Ele bagunçou meu cabelo e me deu um beijo na bochecha, depois colocou duas bolsas grandes de compras na cozinha.

— Boa tarde! — disse minha tia Christina. Seus lábios estavam apertados e ela estava usando tanto perfume que fez meu nariz coçar. — Jacob está dormindo, então você terá que brincar com ele mais tarde! — completou com naturalidade, enquanto o carregava pela porta e estendia o rosto pontudo para mim. Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo nela, que se afastou rapidamente.

— Certo! O que você anda fazendo? — perguntou tio Lenny, enquanto vinha e me colocava em cima da mesa da cozinha. Acho que deve estar tão acostumado a dirigir seu táxi que gosta de carregar as pessoas por aí.

— Nada! — Dei de ombros. — Você quer jogar Palavras Cruzadas comigo agora, tio Lenny?

— Vamos jogar depois do almoço. — Sorriu. — Não vou trabalhar antes das cinco hoje!

— Amorzinho, por que você não conta ao seu tio Lenny sobre seu novo amigo? — perguntou mamãe enquanto colocava a mesa.

— Ah, sim! O garoto da romã! — disse tio Lenny. — Sua mãe me contou. O que aconteceu desde então?

— Um monte de coisa — respondi.

Comecei a contar a ele tudo sobre A Grande Briga, O Dia da Minhoca Assassina na Gaveta, A Grande Armadilha do Saco de Feijões Cozidos e a história do Ahmet. E, enquanto comíamos nosso almoço, contei tudo sobre as bombas, o fogo, o bote laranja, as tendas, o gato do Ahmet e as paredes com arame farpado.

Tio Lenny negava com a cabeça e murmurava um “pobre criança!” a cada poucos minutos, e mamãe assentia, parecendo triste às vezes, mas tia Christina parecia entediada. Aí, quando eu estava prestes contar a eles sobre minha nova lista de perguntas, tia Christina disse:

— Não me surpreende que queira amizade com uma criança refugiada, coração. Você tem um monte de coisas em comum com ele, como sua avó sendo uma refugiada também.

Tio Lenny e mamãe ergueram o olhar na hora.

— Não consigo nem suportar pensar sobre isso... Imagine! Ser um refugiado naquela época? Antes de todos eles ganharem vários benefícios e casas

melhores que as nossas...

Tio Lenny olhou para cima, bravo, e estava prestes a dizer alguma coisa quando, logo em seguida, Jacob começou a chorar. Tia Christina pulou e, fungando, disse:

— Oh, querido, parece que ele batizou a fralda de novo! — E saiu correndo do quarto.

— Mãe, é verdade? — perguntei, olhando para mamãe com tanta força que senti que meus olhos estavam prestes a saltar da minha cabeça. — A vovó era uma refugiada também?

— Boa sorte — murmurou tio Lenny, levantando e caminhando até uma bolsa de compras. — Vou pegar a sobremesa, que tal?

Mamãe olhou para mim por um momento e disse:

— Sim, coração, ela era. Sua vovó Jo. Fomos vê-la com seu pai quando você era pequena. Lembra?

Assenti. Não porque eu realmente me lembrasse de algo, mas porque olhei para todas as fotos centenas de vezes. Tinha cinco anos e foi a última vez que mamãe, papai e eu viajamos em um feriado em um avião na vida real. Fomos para uma cidade chamada Salzburg, que fica em um país chamado Áustria, pois era onde papai tinha vivido antes de se mudar para a Inglaterra. Costumava falar sobre montanhas, rios e do jeito que pássaros sempre o seguiam por aí. Parecia muito feliz em todas as fotos. A mamãe também.

Eu parecia estar chorando na maioria delas, então não tenho certeza se estava feliz ou não. Não me lembro realmente de nada sobre a viagem, exceto pelo trailer verde de madeira enorme que minha vó Jo tinha no jardim dos fundos. Papai costumava dormir nele nos feriados de verão quando era garoto. Meu avô construiu antes de morrer, motivo para o papai querer se tornar carpinteiro. Tem uma foto minha com o papai sentados nos degraus e é a única em que eu não estava chorando. Mesmo na época, devo ter gostado da ideia de dormir em um trailer verde brilhante.

Não consigo realmente me lembrar de nada sobre minha avó Jo. Mas temos várias e várias fotos dela e do papai, e sempre olho quando sinto muita falta dele.

Ela tinha cabelo grisalho curto, usava óculos amarrados por uma longa corrente de ouro e sempre vestia blusas floridas e calças brancas. Queria conseguir me lembrar mais dela, mas, às vezes, não importa o quanto você tente ou o tanto que queira, seu cérebro não consegue ir tão longe.

— Por que ela era uma refugiada? — perguntei. — Ela correu de bombas como o Ahmet?

Mamãe ficou quieta enquanto o tio Lenny colocava quatro bombas doces na nossa frente. Amo bomba de chocolate, porque é como ter três sobremesas em uma só. Mas eu queria comer a minha tanto quanto queria ouvir a resposta para as minhas perguntas.

Tio Lenny sentou e limpou a garganta.

— Acho que eles não tiveram Segunda Guerra Mundial na escola ainda, não é? — perguntou baixinho para minha mãe.

Mamãe negou com a cabeça.

— *Segunda* Guerra Mundial? — questionei. — Quer dizer que aconteceu outra?

Tio Lenny assentiu.

— Sim. Como a que você aprendeu no ano passado, mas duas vezes pior — sussurrou, como se pensasse que era um segredo.

Mamãe colocou a bomba em um prato e empurrou na minha direção.

— Tudo o que você precisa saber, amorzinho, é que sua avó Jo era uma pessoa maravilhosa e que ajudou um monte de refugiados como seu amigo Ahmet a escapar da guerra também — disse.

— Eles estavam fugindo da Síria também? — perguntei, pensando em quanto tempo uma guerra dura.

— Não, meu bem — falou mamãe, colocando seu doce no prato. — Eles fugiram de uma guerra diferente. Uma que começou na Alemanha. E estavam fugindo de pessoas que se chamavam nazistas.

— Oh — disse, perguntando-me sobre quantas mais guerras eu precisaria aprender.

— Enfim, o importante é que ela sobreviveu! E conseguiu ver *você* — exclamou tio Lenny enquanto bagunçava meu cabelo.

— Exato — falou mamãe, dando um tapinha na minha mão. — Agora, coma, e vamos jogar um pouco de Palavras Cruzadas antes que seu tio Lenny tenha que ir.

Assenti e, sabendo que minha mãe não queria que eu fizesse mais nenhuma pergunta, parti minha bomba.

Naquela tarde, tio Lenny ficou e jogou duas partidas inteiras de Palavras Cruzadas conosco, e a tia Christina ficou assistindo enquanto Jacob quebrava um dos vasos da mamãe, rasgava um livro e jogava meus tijolos de Lego do outro lado da sala. Mamãe venceu a primeira partida e tio Lenny, a segunda, e fiquei com a menor pontuação que já tive na história. Mas não me importei. Não acho que você consegue realmente se focar em jogar quando acabou de descobrir que sua avó era uma refugiada e que ajudou um monte de outros refugiados a partir da guerra também. Mesmo jogando algo tão divertido quanto Palavras Cruzadas.



Syrah Omar

Quando chegamos à escola naquela primeira segunda-feira do segundo semestre, descobrimos que quase todo mundo tinha ouvido a história do Ahmet. Ela se espalhou por todo o feriado mais rápido que as notícias do novo sabor de batatinhas. Quase tão veloz quanto quando ele se tornara famoso por ser “O Garoto que Bateu no Brendan Valentão”, Ahmet ficou conhecido por ser “O Garoto Refugiado”.

Não acho que ninguém manteve a promessa para a Sra. Khan de não fazer nenhuma pergunta a ele, porque todo mundo da turma tentava soltar uma dúvida toda vez que falava com ele. Até mesmo Josie, Michael e Tom não conseguiram se conter e começaram a perguntar coisas como: “você têm sanduíches de queijo na Síria?”, “como era o clima na Grécia?” ou “você comeu caracol e sapo na França?”. Acho que Ahmet não se importou porque nós somos amigos dele. Quando entendia a pergunta, ele respondia “sim” ou “não”, mas, se não compreendesse, apenas nos encarava e dava de ombros. Porém, havia um montão de pessoas que ele não conhecia fazendo várias perguntas também. Algumas delas questionavam tantas coisas de uma vez que mesmo nós não conseguíamos entender o que elas estavam dizendo — e nós falávamos inglês!

Algumas turmas até mesmo começaram a mandar Mensageiros para ver se conseguiam descobrir alguma coisa. Mensageiros são geralmente as menores crianças da classe, pagos com doces, adesivos de futebol ou fichas extra de almoço para conseguir informações. Uns são ok e deixam você em paz se disser a eles que não quer falar nada. Mas os que trabalham para os valentões da escola são especialmente irritantes. Não é realmente culpa deles, porque acabam apanhando se voltarem sem nada para contar, mas algumas vezes eles não escutam nem mesmo depois de você já ter dado a resposta. O Mensageiro mais irritante da escola é o Victor.

Victor é extremamente magro, mesmo comendo batatinhas todo dia, e tem um brinco de ouro na orelha. Trabalha para dois valentões mais velhos que não sei os nomes, mas que sempre ficam perto do banheiro masculino dos menores e sacodem qualquer um que entre até que tudo caia dos seus bolsos. Mas ele também trabalha para um grupo de garotas que sempre fica ao redor do chafariz, então nunca dá para saber para quem ele está agindo como Mensageiro.

Depois que todos descobriram que Ahmet era um refugiado, Victor nos seguiu de perto por quase uma semana inteira. Nos intervalos, no horário do almoço e até mesmo na hora da saída; ele aparecia do nada e fazia um monte de perguntas que até eu achei estranhas. Tipo: “onde você conseguiu seus sapatos?”, “você tem medo de fogos de artifício?”, “consegue fazer uma tenda com uma camisa?” e “você tem mesmo nove anos ou é secretamente mais velho?”.

Ele ficou tão irritante que até mesmo os professores que vigiavam o recreio começaram a perceber e disseram para ele deixar Ahmet em paz. Exceto o Sr. Irons. Ele foi o único professor que não disse nada. Depois de levar uma bronca da Sra. Sanders e da Srta. Hemsí em um recreio, Victor se afastou, mas as perguntas ficaram conosco. Às vezes as palavras permanecem por mais tempo que pessoas, mesmo quando você não as quer. E sempre que eu estava a sós ou com Tom, Josie e Michael, as perguntas do Victor pulavam na minha cabeça e me faziam questionar o que significavam.

A única coisa que era ainda mais irritante que os Mensageiros era o Brendan Valentão. Porque, em vez de ser mais legal com o Ahmet depois de ver os desenhos e ouvir a história dele, Brendan ficou bem mais horrível. Parecia que ele tinha se esquecido que Ahmet poderia se transformar em um leão e socá-lo com vezes, porque começou a sussurrar “Saco de Refugiado Fedorento!” sempre que o via e, na aula, jogava bolinhas de papel toda vez que a Sra. Khan ou a Srta. Hemsí não estavam olhando. Quando dissemos para Ahmet contar para a professora ou a diretora sobre isso, ele balançou a cabeça e disse:

— Eu não *ter* medo. Um monte de gente pior nos acampamentos. Meu pai disse lutar contra eles. Então, eu lutar contra ele.

Quando Ahmet disse isso, pensei que ele era muito corajoso; então, no Halloween, trouxe um dos meus quadrinhos favoritos do Tintim para ele dar uma olhada — porque nele, Tintim ficava e lutava contra um monte de caras maus, mesmo os caras maus sendo maiores e existindo muitos mais. Havia *sempre* um monte deles!

— Viu? Você! Você é assim! Viu? — disse, mostrando o quadrinho a ele.

Minha fantasia era de vampiro e a de Ahmet era de monstro verde — embora Tom tivesse dito que era o Hulk. Estávamos sentados no parquinho sozinhos, porque nossos outros amigos ainda estavam almoçando e demorando demais.

— Tintim! — gritou quando viu a capa.

— Você conhece o Tintim? — questionei, surpreendendo-me. Não tinha pensado nisso antes, mas acho que o Tintim realmente é famoso em todo lugar!

— Sim! — respondeu Ahmet. — Eu *ler* tempo todo. Meu pai... Ele lê para mim.

Assenti, lembrando-me das vozes que meu pai costumava fazer quando lia quadrinhos para mim. Depois de um tempo, eu disse:

— Tenho todos eles. Você pode ver, se quiser.

— Eu fico com esse? — perguntou.

— Oh — soltei. Não tinha pensado realmente em dar o livro para ele, só queria mostrar. Mas sabia que podia pedir para a mamãe encontrar outra cópia

antiga na biblioteca e guardar para mim quando estivesse para ser jogada fora, então dei de ombros e completei: — Claro!

Ahmet me deu um sorriso enorme e começou a folhear. Parou em uma página e apontou para o Capitão Haddock.

— Meu pai... ele tinha isso — disse, movendo o dedo para apontar para a barba. — Você?

Balancei a cabeça.

— Não, meu pai não tinha barba. Mas também... Meu pai... Ele morreu...

Ahmet assentiu triste e olhou para o desenho.

— Não sei onde está papai. Talvez ele morto também.

Olhei para Ahmet.

— Ele não está aqui em Londres? — perguntei.

Ahmet negou com a cabeça.

— Eu vim aqui. Meu pai... para trás.

Franzi o rosto.

— Para trás? Onde?

Ahmet deu de ombros e encarou o quadrinho.

— Talvez ele na França.

— Oh — falei, sentindo-me triste por ele.

Odiaria não saber onde meu pai estava ou se ainda estava vivo. Queria perguntar quem era a moça do lenço vermelho e se ela poderia ajudá-lo a encontrar seu pai. E onde sua mãe, sua irmã e seu gato estavam. Mas aí Ahmet passou outra página e segurou para mim. Apontou para o desenho. Nele, Tintim, Capitão Haddock, Milu e um homem com um tapa-olho estavam de pé em uma jangada no meio do oceano, e Capitão Haddock estava balançando uma bandeira que havia sido feita com seu suéter azul.

— Mar... — Ahmet disse baixinho.

Assenti.

— Eu tenho irmã — falou. — Ela lá agora.

— Quer dizer aqui? — questionei, apontando para a jangada.

— Não — respondeu. — Aqui. — Apontou para o oceano.

E então eu entendi.

— Ah — disse. Senti estranheza, como se algo tivesse acabado de atingir dentro do meu peito. Era a mesma sensação que tive no hospital quando a mamãe e o tio Lenny me contaram que papai tinha morrido. — Você quer dizer... Sua irmã...

— O nome dela Syrah — revelou Ahmet.

— Syrah... Ela está... *dentro* do mar?

Ahmet assentiu e coçou os olhos.

— Ela não está com seu gato? — sussurrei.

Ahmet negou com a cabeça.

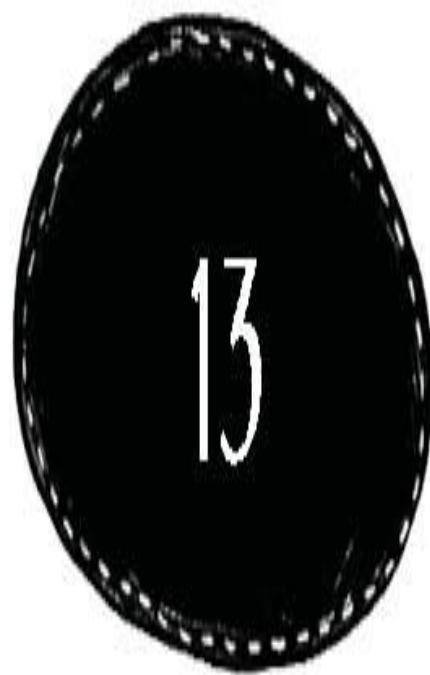
— Gato morreu... montanhas. — Depois, virando para a próxima página, apontou para a tenda e continuou: — Mamãe doente. Última vez que vi.

— Ah... — soltei.

Queria chorar, mas o Ahmet não estava chorando, então achava que não deveria. Em vez disso, encarei a imagem que ele estava apontando com toda força que eu podia para que ele não visse meus olhos.

Não dissemos mais nada depois disso, porque, segundos depois, Michael e Josie vieram e se juntaram a nós. Tom ainda estava lá dentro porque era dia de pudim de chocolate e ele sempre tentava conseguir uma fatia extra depois que todo mundo saía. Esperei para ver se Ahmet mostraria os desenhos para eles e contaria sobre a Syrah, o mar e sua mãe também. Mas ele não o fez e, quando olhou para mim e balançou a cabeça, eu soube que queria que guardasse o segredo.

Assenti de volta e fiz uma promessa silenciosa para Ahmet de que não falaria para ninguém. Mas não sabia que teria de quebrar minha promessa à força no dia seguinte. Porque foi quando eu ouvi Algo. E era Algo tão assustador que mudou Tudo.



O Algo que mudou Tudo

Na noite depois de Ahmet ter me dito sobre sua irmã Syrah estar no mar e não saber se sua mãe e pai estavam vivos, tive problemas para dormir. Minha mãe sempre me diz para contar carneirinhos quando não consigo dormir. Mas acho carneirinhos tão engraçados — eles parecem nuvens com perninhas —, então eu conto leopardos. Eles são coloridos e parecem sérios. Não consigo lembrar quantos leopardos contei, mas deve ter sido mais de duzentos antes de eu eventualmente apagar.

No momento em que a manhã chegou, eu sentia tanto cansaço e minhas pernas se moviam tão lentamente que, quando parei no ponto de ônibus, já era tarde e Tom, Josie e Michael já tinham ido. Não me importei muito, porque pegar o ônibus por conta própria foi divertido. Gosto de assistir às pessoas passando pelas ruas do lado de fora e de adivinhar coisas sobre aqueles sentados perto de mim. Na semana passada, havia um homem enorme sentado bem na frente do ônibus, roncando tão alto que estava fazendo a janela tremer. Todo mundo estava observando e rindo ou sacudindo a cabeça negativamente para ele. Mas, e se ele fosse um roncador mundialmente famoso a caminho do Campeonato Internacional de Ronco e estivesse praticando para dar o seu melhor? A gente nunca sabe.

Naquela manhã, eu estava com sono demais para olhar para qualquer um e adivinhar histórias sobre eles, então apoiei a cabeça na grande janela e, em vez disso, ouvi. Há sempre muito barulho em um ônibus — especialmente quando várias pessoas estão indo trabalhar e tentando chegar à escola —, mas normalmente é barulho do tipo portas se abrindo e fechando, pessoas dando sinal, bilhetes apitando na catraca. Ninguém realmente fala com ninguém, a menos que sejam amigos ou estejam pedindo para sentar ao seu lado. Tio Lenny diz que é porque somos ingleses e os ingleses preferem morrer a ter que falar com alguém que não conhecem. Acho que nasci muito na Inglaterra, se isso for verdade.

O ônibus tinha passado por dois pontos e, exceto pelo bebê que estava fazendo barulhos altos, estava tudo quieto e tranquilo. Acho que todo mundo devia estar tão sonolento quanto eu. Mas aí, no terceiro ponto, uma mulher usando um casaco amarelo e um homem de terno vieram e se sentaram em frente a mim, e, pegando o jornal grátis ao lado dos seus assentos, começaram a falar em voz alta sobre todas as coisas que estavam lendo.

No começo, eles falaram sobre a economia estar quebrada pelas pessoas ricas que não estavam pagando seus impostos e escondendo todo seu dinheiro em empresas chamadas Offshore[3]. Depois falaram sobre uma princesa que estava saindo com um ator que eles não gostavam e de um cantor famoso que tinha sido preso por agredir alguém. Eu estava começando a cochilar de novo bem na hora que o homem disse algo que me fez sentar direito no banco e ouvir tão bem quanto eu pudesse.

— Oh, isso não é horrível? — disse o homem. — Veja o que estão dizendo sobre os refugiados. Haverá restrições nas fronteiras no próximo mês... Sabia que isso aconteceria.

A mulher negou com a cabeça, olhando por cima do ombro dele para o jornal.

— Pobres pessoas. Para onde eles vão? Voltar ao pesadelo que deixaram para trás ou para a fome na França?

— É mais barato para nós se os deixarmos na França — replicou o homem, também sacudindo a cabeça. — Diz aqui que as fronteiras serão fechadas no final do mês. Então todos esses racistas estarão felizes!

A mulher resmungou:

— Resgatam crianças no mar em um minuto e, então, no minuto seguinte dizem que elas não poderão ser ajudadas! Algumas devem ter família aqui, pobrezinhas. Isso deve contar para alguma coisa.

O homem leu o jornal por mais alguns minutos antes de dizer:

— Bem, aparentemente não. Diz aqui que já recebemos algumas centenas, então não iremos receber mais nenhuma. Não importa quão pequenas sejam.

Meu ponto chegou. Assim que desci do ônibus, corri o mais rápido que pude para a escola. Meu coração estava batendo tão alto que pude ouvi-lo em meu ouvido, mas não liguei. Se o que o homem havia dito fosse verdade, então depois do mês seguinte a mãe e o pai do Ahmet nunca poderiam vir para a Inglaterra — e Ahmet não os veria novamente. Precisava dizer para Tom, Michael e Josie o que tinha ouvido. E teria que contar tudo sem que Ahmet ouvisse.

Mas, quando alcancei os portões da escola, o sinal para irmos para as salas já estava tocando e o parquinho estava praticamente vazio. Corri para a sala pouco antes de a Sra. Khan começar a chamada. Ela olhou para mim com o rosto franzido, mas não disse nada.

— Onde você estava? — sussurrou Josie. — Esperamos até que o segundo ônibus viesse.

Eu estava sem fôlego para dizer muitas palavras, então apenas falei:

— Dormi... demais.

Naquela manhã, a Sra. Khan nos colocou em dois grupos grandes para que escrevêssemos uma peça sobre a história de Rômulo e Remo, depois interpretá-la. É uma lenda sobre dois garotinhos que a mãe escondeu em uma cesta e mandou para longe, para que não fossem assassinados por pessoas que tinham ciúmes deles. Acho que eles eram garotos refugiados como Ahmet, exceto que a mãe dele não o colocou em uma cesta. Ele veio em um barco de madeira.

A Sra. Khan e a Srta. Hemsî disseram que o Ahmet podia se juntar à turma para o projeto, então ele e Tom foram colocados no meu grupo, enquanto Michael e Josie foram para o outro. Estava tentando pensar em uma maneira de deixá-los saber o que eu tinha ouvido quando a professora disse a todo mundo para pegar um pedaço de papel colorido e uma caneta especial na mesa dela para que pudéssemos escrever nossas próprias falas. Decidi pegar um papel extra e, enquanto todo mundo estava ocupado procurando nos livros que personagem queriam interpretar, rapidamente escrevi uma Mensagem Ultrassecrêta.

Ela dizia:

Ouvi algo no ônibus!

Não podemos contar para o Ahmet!

Encontrem-me na biblioteca no recreio.

ULTRASSECRETO.

Dobrei a mensagem até que estivesse tão pequena que eu pudesse esconder na minha mão e, quando a Sra. Khan e a Srta. Hemsî não estavam olhando, passei para Tom. Ele olhou em volta e, quando ninguém a não ser eu estava olhando, abriu e leu. Depois me deu um aceno e fingiu precisar de outro pedaço de papel, indo até a mesa da professora e dando o bilhete para Josie no caminho de volta. Aí eu vi Josie ler e rapidamente passar para Michael — que derrubou no chão. Mas, por sorte, todo mundo estava ocupado demais escrevendo suas falas para perceber e ele pegou de volta. Olhou para mim e deu um joinha, depois enfiou a Mensagem Ultrassecrêta dentro do bolso.

Assim que o sinal do primeiro recreio começou a tocar e a Sra. Khan nos disse para deixar tudo onde estava, corri para a biblioteca e esperei do lado de fora. Era o único lugar da escola que ninguém tentava entrar durante o recreio. Minutos depois, Josie e Michael vieram correndo.

— Tom está no parquinho com o Ahmet — avisou Josie. — Podemos contar para ele mais tarde.

— O que você ouviu? — perguntou Michael, os olhos bem abertos.

Rapidamente, disse a eles tudo o que o homem e a mulher no ônibus tinham falado sobre os refugiados não serem mais permitidos no país, depois o que Ahmet havia revelado sobre sua mãe e pai terem ficado para trás. Tive que contar sobre sua irmã Syrah também. Senti-me mal por quebrar minha promessa, mas sabia que Ahmet não se importaria se eu contasse a eles dois, porque era uma emergência real e eles eram amigos dele também.

— Quer dizer... Se ele não os encontrar antes do final do mês, talvez Ahmet nunca mais possa ver seus pais novamente? — Josie ofegou.

Neguei com a cabeça.

— Não quando o governo fechar os portões das fronteiras!

— Sim — disse Michael. — São como as dos aeroportos, gigantes, com vários policiais e guardas protegendo; e não dá para passar por elas quando estão fechadas ou você é preso. — Olhou para o relógio e apertou um botão para que mostrasse a hora. — Se eles fecharão todos os portões no final deste mês... isso significa que Ahmet tem apenas nove dias para encontrá-los.

— O que faremos? — perguntou Josie.

— Acho que devemos contar para a Sra. Khan e a Srta. Hemsí. Elas saberão o que fazer! — falei.

Michael e Josie concordaram. Corremos para a sala dos professores e batemos com força na porta. Não devemos incomodar os professores lá durante o recreio, porque é onde vão para beber um monte de chá e encontrar respostas para as perguntas que não estão nos livros de respostas. Sei disso porque a tia da Josie é professora e ela disse para a Josie, que me contou. Mas a Sra. Khan e a Srta. Hemsí tinham dito para nós irmos até lá se Algo estivesse errado. E esse Algo parecia o Algo mais errado que eu já tinha ouvido.

Depois de alguns segundos, o Sr. Gaffer abriu a porta e nos encarou de cima com o rosto enrugado. Ele é o vice-diretor, o que significa que fica no comando nos dias em que a Sra. Sanders está fora. Mas a Sra. Sanders nunca está fora, então não tenho ideia do que ele faz.

— Sim? — perguntou.

— Por favor, senhor. Precisamos ver a Sra. Khan e a Srta. Hemsí **IMEDIATAMENTE** — falei.

— É uma EMERGÊNCIA! — adicionou Josie.

— É mesmo? — questionou com suspeita. Todos assentimos pelo menos dez vezes. — Tudo bem, aguardem... — replicou o Sr. Gaffer, fechando a porta.

Josie, nervosa, enrolou o cabelo em seu dedo e enfiou um bolo enorme na boca, e Michael começou a chutar a parede de leve enquanto esperávamos. Depois do que pareceram ser vinte minutos completos, mas não devia ter sido mais de um, as duas vieram até a porta.

— Houve algum problema? — perguntou a Sra. Khan. — Tem a ver com o Ahmet?

Todos assentimos novamente.

As duas saíram para o corredor e fecharam a porta da sala atrás delas. Começamos a falar todos de uma vez.

Nossa professora ergueu as mãos e pediu:

— Calma, calma! Agora! Um de cada vez, por favor.

— O governo vai fechar os portões! — comecei.

— E os pais do Ahmet estão do outro lado. Eles ficarão presos! — Josie continuou.

— E há apenas nove dias até que os portões se fechem — completou Michael, mostrando o relógio para a Sra. Khan.

Ela e a Srta. Hemsî olharam uma para a outra, depois se voltaram para nós.

— O que vocês querem dizer com “portões”? — questionou a professora, com gentileza.

— Sabe, os portões nos limites das fronteiras! — respondeu Michael. — Aqueles onde todos os policiais ficam com armas enormes. Os refugiados precisam passar por eles para chegarem ao nosso país.

— Ah — respondeu ela. — E onde vocês ouviram que eles seriam fechados? Foi no noticiário?

Contei sobre o homem e a mulher no ônibus.

— Entendi — disse. Ficou quieta por um momento e vi quando deu outro olhar para a Srta. Hemsî. Depois completou: — Ahmet é um garoto sortudo por ter amigos que se importam. Mas vocês não precisam se preocupar tanto. A mãe adotiva dele, que vocês veem vir buscá-lo todo dia depois da escola, está aqui para tomar conta dele até que sua família seja encontrada. E ela está trabalhando com algumas pessoas bem inteligentes para tentar ajudar Ahmet a encontrar sua família o mais rápido possível.

Olhamos uns para os outros, surpresos. Então a mulher do lenço vermelho era a mãe adotiva do Ahmet! Tudo começava a fazer sentido e todas as nossas perguntas estavam sendo respondidas.

— Pessoas inteligentes tipo quem? — perguntou Michael.

— Bem, pessoas inteligentes do governo — respondeu a Sra. Khan.

— Advogados, alguns Ministros de bom coração que trabalham para o Parlamento, além de caridades também — contou a Srta. Hemsî.

— Isso mesmo — concordou a Sra. Khan. — Eles estão fazendo tudo que podem para se certificarem de que os pais do Ahmet sejam encontrados. É o trabalho deles.

— Mas... E se eles não encontrarem a família dele antes de fecharem os portões? — perguntei.

As duas sorriram, mas não usaram o rosto inteiro, então eu soube na hora que eram falsos.

— Todo mundo está fazendo o que pode — a professora repetiu.

A Srta. Hemsî assentiu e, olhando para mim, perguntou:

— Ahmet falou com você sobre a família... e sobre o que aconteceu com a irmã dele?

Assenti, mas senti o nervosismo na hora. Tinha prometido a ele que guardaria segredo, mas não o fiz.

A Srta. Hemsli sorriu e disse meu nome gentilmente.

— Isso é algo muito bom — disse. — Muito, *muito* bom.

O sinal tocou e a Sra. Khan nos fez prometer não chatear Ahmet falando sobre os portões da fronteira ou contar a mais alguém sobre a irmã dele. Todos prometemos e a Sra. Khan disse:

— Tudo vai ficar bem. Vocês verão.

Assenti, mas não achava que ela tinha soado muito certa. Na verdade, não achei que tudo ficaria bem. Não se Ahmet não encontrasse a família antes de os portões fecharem!

Naquela tarde, contamos para Tom o que tinha acontecido e chegamos todos a uma decisão. Iríamos tentar ajudar.

E para fazer aquilo, precisaríamos entrar na nossa Primeira Missão Ultrassecreta.

[3] Empresas Offshore são aquelas com transações realizadas tanto em território nacional quanto internacional, em países muitas vezes considerados “paraísos fiscais”. Muitos recorrem a essas empresas para diminuir o pagamento de impostos.



Os três planos

Nos filmes, pessoas que vão a Missões Ultrassecetas sempre têm um monte de apetrechos engraçados, mapas, cordas e, às vezes, até mesmo usam um chapéu legal. Quando você tem nove anos e nove meses, porém, e precisa ir para a escola todo dia, missões de resgate são muito mais difíceis — especialmente quando você não sabe onde as pessoas que quer resgatar estão e tem que esconder tudo que está fazendo da pessoa para quem está indo em missão.

Mas, mesmo sem termos nenhum apetrecho, corda ou chapéu, passamos todo o horário do recreio, da merenda e da saída tentando pensar em novas ideias que poderiam ajudar Ahmet a encontrar sua família mais rápido. Na quinta-feira de manhã, Tom, Josie e Michael chegaram cada um com um plano. Mas eu não consegui pensar em nada.

— Não se preocupe — disse Josie. — Você pode nos ajudar para ver se os nossos irão funcionar.

Tentei sorrir, mas isso não me fez sentir melhor.

No caminho para a escola, nós repassamos todos os planos. Tom foi primeiro. Disse que deveríamos escrever para a Primeira Ministra e dizer para ela manter os portões abertos até que o Ahmet encontrasse sua família. Ele conseguiu até o endereço da casa dela com o pai e escreveu a carta.

Era assim:

Querida Primeira Minista,

Ouvimos de algumas peças no ônibus que o Govenio irá trancar os portões para que mais nenhum refugiado possa entrar. Mas nosso amigo Ahmet é um garoto refugiado — você deve ter ouvido falar dele porque ele é famoso por ter batido no Brendan Valentão, e não sabe onde a mãe e o pai estão e precisa encontrar eles. Por favor, Primeira Ministra, pode manter os portões abertos para que ele possa encontrar eles e ficar feliz de novo?

Obrigado.

Achei que era uma boa ideia, assim como a Josie, mas o Michael disse que não iria funcionar, porque a Primeira Ministra era a responsável pelo governo e provavelmente tinha sido quem havia dito para os seguranças trancarem os portões, dando as chaves especiais dela. Assim, não dava para pedir a ela nenhuma ajuda de verdade.

Então Josie falou sobre o plano dela, que era chamado de Pedido Especial. Ela disse que deveríamos ligar para o jornal e contar tudo para eles, porque os pais dela estavam reclamando sobre quantos Pedidos Especiais haviam para caridades nos jornais deles. E, uma vez que o pedido saísse, os pais do Ahmet veriam e entrariam em contato. Josie tinha escrito e feito isso do menor tamanho possível para que os responsáveis pudessem imprimir rapidamente.

Era isto:

PEDIDO ISPECIAL

Por favor, gente, um garoto chamado Ahmet, que está na Escola Nelson, fugiu da Síria poque tinha bombas e perdeu a mãe e o pai. Se vc vir um homem e uma mulher que passaram por isso, esse é o filho deles, ou se vc for a mãe ou o pai do Ahmet, por favor, ligue para a Sra. Khan no número de telefone da escola que está aqui embaixo. Precisamos encontrar a família dele antes que os portões sejam fechados motivo PQ esse Pedido é Tão Ispecial.

Todos gostamos desse plano do Pedido Especial, mas aí Tom disse que, mesmo que a gente colocasse esse pedido nos jornais, ele seria vendido apenas na Inglaterra e os pais dele, ou qualquer um que possa tê-los encontrado, nunca veriam. Ele sabia porque, quando vivera nos Estados Unidos, havia visto apenas os jornais de lá, então deveria ser assim em todos os outros países do mundo também.

Aí Michael nos contou o plano dele:

— Deveríamos escrever para a Alta Corte, para o juiz sentado na cadeira mais alta do país, pedindo para que ele ordene que todos os guardas abram os portões quando virem os pais do Ahmet — sussurrou. — Eles chamam de Pedido também. Ouvi minha mãe falando disso porque no seu escritório de advogados eles vivem fazendo isso para as pessoas. Pediria a ela para ajudar, mas ela está sempre reclamando sobre quanto trabalho tem que fazer e cobra centenas de libras a hora.

— Mas não podemos pagar isso! — chiou Tom.

— Eu sei — respondeu Michael, rolando os olhos. — É por isso que estou dizendo que devemos fazer nós mesmos.

— É um Pedido como o meu do jornal? — perguntou Josie.

— Mais ou menos. Só que é para um juiz. Tudo que temos que fazer é descobrir quem é o Maior Juiz do País e escrever para ele! — replicou Michael. — Podemos até mandar o seu Pedido — contou, dando uma cotovelada na Josie. — Temos apenas que mudar um pouquinho. Mamãe sempre diz que os juízes não têm nada melhor para fazer a não ser ler Pedidos o tempo todo.

Estávamos todos animados com essa ideia e ninguém conseguiu pensar em nada que poderia dar errado com ela, então decidimos ir até a biblioteca na hora da saída para descobrir o nome do Maior Juiz do País. Então, quando o último sinal tocou, dissemos para o Ahmet que tínhamos que ir para casa correndo, assim ele não nos seguiria, e fomos direto para lá.

Nossa biblioteca da escola não é tão grande quanto a que mamãe trabalha, mas tem janelas maiores e muito mais luz do sol, o que significa que você pode ver melhor todos os livros. A Sra. Finnický é nossa bibliotecária. Ela sempre usa roupas bem coloridas e batom vermelhão; você nunca precisa procurar por ela, já que sempre fica parada atrás do balcão.

Gosto da Sra. Finnicky porque ela sempre se anima quando você pede algo. Assim como a mamãe faz, ela briga com as pessoas que não cuidam dos livros direito. Tem uma placa enorme atrás do seu balcão que diz: “Livros são como pessoas. Veja além das suas capas, que eles os levarão em uma Grande Aventura!”. Acho legal porque é engraçado imaginar pessoas como livros e adivinhar em que tipos de aventuras eles podem levar você.

Ao chegarmos ao balcão da biblioteca, olhamos para a Sra. Finnicky — que estava usando uma blusa e uma saia de cor azul-celeste — e ela sorriu e nos encarou, dizendo:

— Olá! Como posso ajudar vocês?

Tom, Josie e eu olhamos para Michael e esperamos, então ele perguntou:

— Sra. Finnicky, sabe onde podemos descobrir quem é o Maior Juiz do País? Precisamos disso para... é... o trabalho de casa!

— Sério? — questionou, franzindo o rosto. Todos assentimos. Ela coçou o queixo. — Acho que teremos que procurar na internet — disse, começando a digitar no computador.

Concordamos e esperamos empolgados por uma resposta enquanto a Sra. Finnicky estreitava os olhos, focando-os na tela. Depois de alguns segundos, falou:

— Lá vamos nós... Certo. Vocês estão procurando o nome do Chefe do Judiciário ou o Juiz da Divisão Familiar na Alta Corte?

Nós nos entreolhamos, mas Michael respondeu:

— Divisão Familiar, por favor!

A Sra. Finnicky escreveu o nome em um pedaço de papel. Ao dar para Michael, olhamos por cima do seu ombro e lemos: “Divisão Familiar da AC, dama Leslie Williamson”.

— Mais alguma coisa? — ofereceu.

— Tem o endereço dela aqui, senhora? — Josie perguntou.

A bibliotecária enrugou o rosto novamente.

— O endereço dela? — questionou. — Vocês têm que mandar uma carta para ela como parte do dever de casa?

Sacudimos a cabeça, confirmando.

— Para chegar até ela amanhã — adicionei.

— É para a Alta Corte que vocês devem escrever — avisou a Sra. Finnicky, estreitando o olhar para a tela do computador novamente enquanto copiava. — Mas, mesmo que postem hoje e chegue ao escritório dela amanhã ou no sábado, lembrem-se de que as cortes ficam fechadas nos fins de semana e não será a juíza quem receberá seu envelope; há uma secretária que abre a correspondência para ela. — Esticou o pedaço de papel com o endereço para Josie. — Mais alguma coisa? — Encarou nossos rostos abatidos. — Tenho certeza de que ela lerá a carta

de vocês, eventualmente — adicionou gentilmente. — Pode apenas demorar um pouco.

Saímos de lá e nos reunimos no corredor do lado de fora.

— O que vamos fazer agora? — questionou Josie. O rosto dela estava vermelho, o que acontecia quando estava realmente chateada. — Mesmo se mandarmos o Pedido para a juíza agora, os portões serão fechados antes que ela receba. Já é quinta-feira e, depois que o fim de semana acabar, só teremos mais cinco dias...

Olhamos para Michael, que deu de ombros e olhou para o chão.

— *Precisamos* pensar em outra ideia — disse Tom com urgência.

Todos assentimos, mas senti-me mal por dentro. Estava com medo de que a família do Ahmet não fosse encontrada a tempo.

Ficamos em silêncio no ônibus para casa naquela tarde. Todo mundo estava pensando muito, mas dava para dizer pelos nossos rostos que nenhum de nós conseguiu nada.

Sentia-me pior que todo mundo, porque pelo menos os outros tinham pensado em algo. Eu não havia aparecido com um único plano. Agora sei que era porque meu cérebro não estava pronto para pensar em mais nada. Não estaria pronto até o fim de semana, mas, quando se aprontou, veio um plano tão fantástico que ninguém poderia dizer não a ele. Nem mesmo a Juíza sentada na Cadeira Mais Alta do País.

15

A Melhor Ideia do Mundo

Naquela noite de quinta-feira, enquanto a mamãe estava no trabalho, em vez de fazer meu dever de casa, peguei meu estojo do Tintim e meu livro de exercícios e fui sentar perto da janela da cozinha.

Queria bolar um plano como Tom, Josie e Michael haviam feito e acreditei que, se me sentasse ali, talvez meu cérebro viesse com alguma coisa empolgante por conta própria. Tenho uma mesa no meu quarto, mas gosto de me sentar na cozinha porque posso ver o céu e a cidade inteira. Tom diz que não importa quão grande ou pequeno o apartamento seja, se estiver no andar mais alto, torna-se uma cobertura. É o tipo de lugar que as estrelas dos filmes vivem. Acho que eles gostam de se sentar nas suas cozinhas e olhar para o céu e a cidade também.

Esperei por bastante tempo até que meu cérebro pensasse em algo, e quando mamãe chegou em casa, ainda me encontrou à mesa da cozinha, apertando os botões do Milu e do Capitão Haddock no meu estojo. Não consegui pensar em nada, nem mesmo depois que ela se sentou comigo para ver o pôr do sol. Amo assistir o sol se pôr com a mamãe. Ela chama de “hora mágica”, porque dá para ver cores que você nunca mais verá e pássaros que podem voar para sempre, nadando pelos céus com os outros. Mas só consigo fazer isso direito com a mamãe. Tentei assistir sem ela e também me senti feliz, mas não deu, isso foi realmente tudo. Não funcionou.

Na hora do jantar, eu ainda não tinha pensado em nada, então fui direto para a cama para ver se meu cérebro pensaria nas coisas melhor quando eu estivesse lá. Mas caí no sono e tive um pesadelo que era tão assustador que me acordou. Sonhei que estava em um pedaço de madeira no meio do mar escuro. No começo estava tudo quieto, mas, então, à minha direita, uma garota começou a chorar — ela estava prestes a ser engolida por uma baleia gigante. E, do nada, na minha esquerda, meu pai estava gritando por ajuda em um bote que estava afundando. E não importava o tanto que eu tentasse ou o tanto que quisesse, não conseguia ajudar a garota ou evitar que meu pai desaparecesse dentro da água.

Se você já acordou depois de um pesadelo quando estava tudo escuro e era tão tarde que nada no mundo estava desperto, sabe que não é nada legal. Quando abri os olhos, não conseguia ouvir ou ver nada, então, por um momento, não tive certeza se estava acordada ou se ainda estava no meu pesadelo. Mas aí ouvi um dos ratos guinchando na cozinha e soube que não estava mais dormindo.

Essa é uma coisa boa sobre os animais. Eles sempre avisam que estão por perto. Especialmente se estiverem com fome. E, se estiverem por perto, você vai saber que tudo é real e que o mundo ao seu redor também é.

Estava com calor e suando, por isso levantei e empurrei as cobertas para me certificar de que não tinha feito xixi na cama. Por sorte, não tinha. Odeio fazer

xixi na cama. Costumava fazer isso o tempo inteiro depois da morte do papai, mas aí fiz sete anos e alguma coisa aconteceu, porque parei. Talvez, quando faz sete anos, seu corpo aprende que você passou da idade para continuar molhando a cama.

Não queria mais deitar, com medo de ter o pesadelo de novo, então fui na ponta dos pés até a cozinha para pegar um copo d'água e ver o rato. Mamãe dizia que, anos atrás, uma senhora idosa que criava todo tipo de animal exótico costumava viver no nosso apartamento. Esse pode ser o motivo para termos encontrado um pequeno ninho de cobras na parede da cozinha no verão passado. Ou o motivo de termos dois ratos vivendo conosco. Mas não me importo. Gosto de ratos, porque eles são bons amigos. Por um pedacinho de comida, eles se tornam seus amigos para a vida toda. Desaparecem se não gostarem de você, então dá para saber se serão seus amigos logo no começo. É sempre bom saber disso o mais rápido possível, porque assim evita que você desperdice seu melhor queijo.

Depois de beber água, voltei para o meu quarto. Mas ainda estava com muito medo para voltar a dormir, então sentei no chão e peguei um dos meus quadrinhos do Tintim favoritos debaixo da cama. Era um sobre uma antiga cantora de ópera rica que vinha para ficar com o Capitão Haddock — mesmo que ele não quisesse — e que teve seus diamantes verdes roubados. Não consegui realmente me concentrar na história, porque tudo em que eu conseguia pensar era no Ahmet e na irmã dele, Syrah, estar no mar. Mas aí, bem quando eu estava pensando que a antiga cantora de ópera rica parecia com a Rainha — exceto pelo seu nariz bem maior —, de repente aconteceu!

Eu consegui!

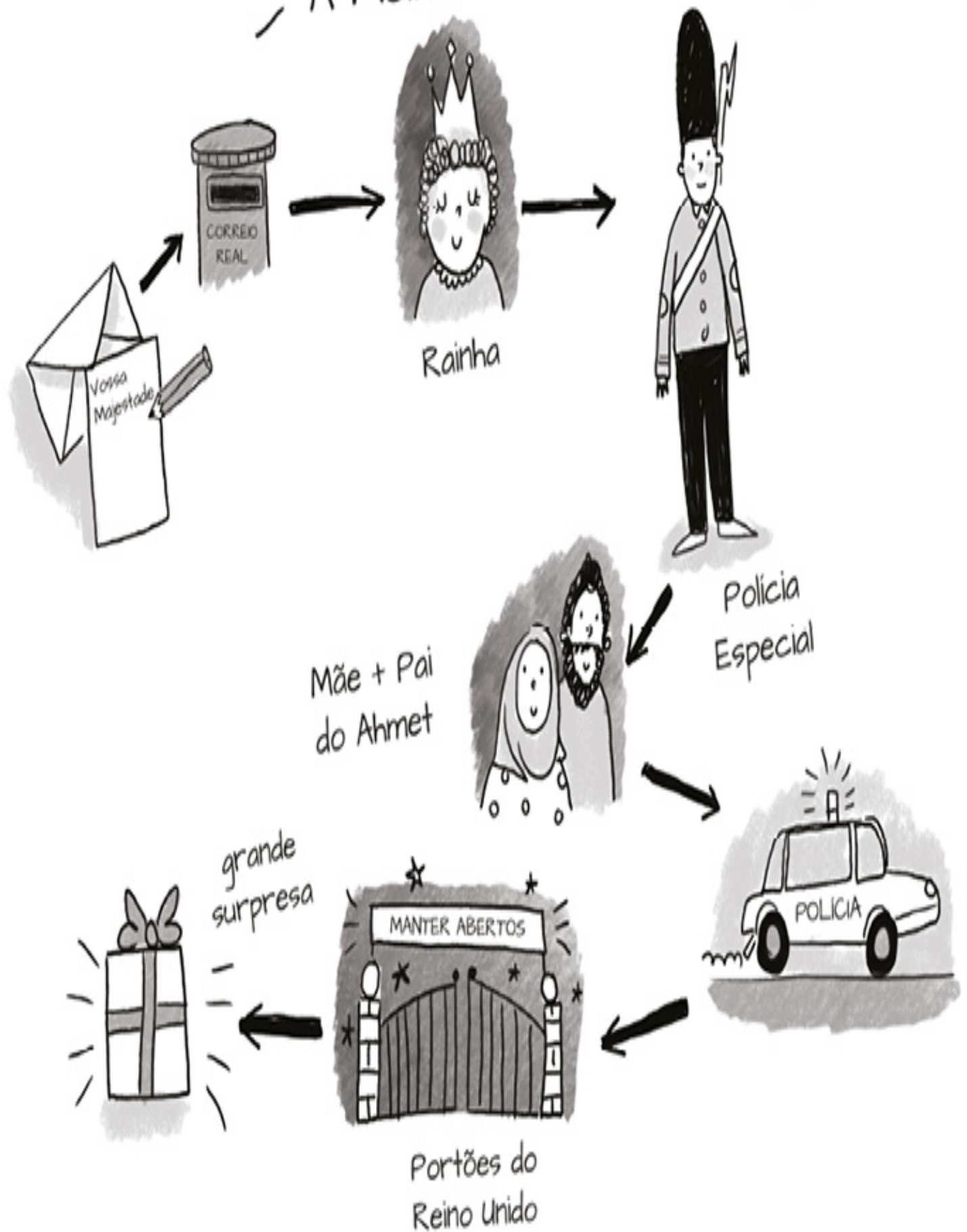
Uma ideia!

E ela era, sem dúvidas, possivelmente, a Melhor Ideia do Mundo! Saltou direto para minha cabeça, como um sapo gigante, e ficou pulando até eu saber que tinha que funcionar! Simplesmente tinha!

Você sempre consegue perceber quando teve a Melhor Ideia do Mundo, porque surge do nada. Ideias comuns levam um tempo horrível para se tornarem uma ideia porque elas são comuns — como milhares de entediantes pães sendo assados em um forno extremamente lento. Mas, quando uma ideia é verdadeiramente ótima, não leva tempo nenhum na real — apenas surge do nada, faz seus olhos se arregalarem e seu cérebro se sentir como se tivesse sido empurrado para fora da cama.

Ficando de pé, peguei meu livro de exercícios e desenhei o plano. Era assim que a Melhor Ideia do Mundo se parecia:

A Melhor Ideia do Mundo



Quando terminei, fiquei encarando e repetindo na minha cabeça. Soube bem na hora que funcionaria, mas apenas se Tom, Josie e Michael ajudassem e mantivessem tudo em segredo. Voltei para a cama e deitei, torcendo para que a manhã chegasse. Porque, assim que acontecesse, eu colocaria a Melhor Ideia do Mundo em ação e ajudaria Ahmet a encontrar a família dele.

Sabia que seria a coisa mais empolgante que qualquer um de nós já tinha feito e que havia uma chance de termos problemas também.

O que eu não sabia era quão perigosa essa aventura seria — e em *quantos* problemas ela nos colocaria.



A carta Real

— É brilhante!

— Genial!

— Se isso não funcionar, então nada irá!

Todos pareciam bem impressionados quando expliquei a Melhor Ideia do Mundo para eles no ônibus no dia seguinte.

Tom olhou para o meu plano e apontou ansioso para a carta e o lápis.

— Isso é bem fácil — disse. — Mas acha que ela realmente vai receber?

Assenti.

— Ela *tem que*. É o *Correio Real*, então ela *tem que* receber todas as suas cartas. É a lei.

— Mas ela é a *Rainha*. E se ela não estiver em casa porque está em outro lugar fazendo seus deveres e outras coisas e não receber a tempo? — questionou Michael. — Já é sexta-feira, lembra?

Michael estava certo; a Melhor Ideia do mundo só iria funcionar se a Rainha estivesse em casa. Ela sempre estava nos jornais, indo a vários lugares para coletar flores das pessoas. E eu não tinha pensado no que faríamos se ela não recebesse a carta...

— Está tudo bem — afirmou Josie, tranquilizando-nos. — Se colocarmos a carta hoje, então chegará à sua casa amanhã de manhã. Amanhã é sábado, e os portões não irão se fechar até a próxima sexta. Isso nos dá seis dias inteiros. Então, se ela não estiver em casa, o mordomo abrirá a carta em seu lugar e ele a informará de que precisa voltar imediatamente para falar com a polícia e a Primeira Ministra!

— Siiim! — disse Michael. — Exatamente!

— Isso. Será brilhante! — torceu Tom, enquanto saíamos do ônibus e caminhávamos para os portões da escola. — Não é POSSÍVEL que ela não nos ajudará. Não depois de ler sobre o Ahmet.

— Mas ele não pode saber — lembrou Michael, tropeçando nos cadarços, mas animado demais para parar e amarrá-los.

— É — confirmei. — Ele não pode saber, não até termos certeza de que a Rainha encontrou os pais dele.

— Não se preocupem, nós vamos manter segredo. E talvez, se funcionar, todos nós iremos conhecer a Rainha! — comemorou Tom. — Precisarei de mais gel de cabelo se formos lá — adicionou, mexendo no cabelo com os dedos para que ficasse ainda mais espetado.

— Talvez a gente receba uma medalha por ajudar a manter os portões abertos! — disse Josie, chutando sua bola de futebol. — E o Ahmet também, por ser tão corajoso.

Michael sorriu. Seu sorriso sempre fica de um lado só quando ele pensa em algo que o deixa muito, muito feliz. Deve ser porque está tão feliz que a boca

dele não sabe bem para onde ir.

— Oba! — concordou. — Uma daquelas medalhas com formato de estrela. E, se ganharmos uma, podemos prender no suéter todo dia. Ou, se for uma de fita, podemos usar no pescoço! — comemorou, tocando a gola do uniforme.

Tentei imaginar como seria conhecer a Rainha e receber uma medalha no formato de estrela. Mas pensar nisso fez minha mente ficar em branco e não consegui pensar em nada. Às vezes um pensamento era tão grande que não conseguia colocar todo dentro da minha cabeça, não importava o tanto que eu tentasse; e quanto mais eu fazia isso, mais minha cabeça doía.

Tio Lenny diz que é daí que todas as Dores de Cabeça vêm — quando você tenta pensar em coisas demais, ou um pensamento gigante tenta entrar, mas é grande demais para caber. Ele tem Dores de Cabeça o tempo inteiro, porque diz que, quando não há ninguém no táxi com ele, não há mais nada a fazer a não ser dirigir por aí e pensar profundamente em coisas que iluminem sua mente. Talvez seja por isso que a testa dele está sempre brilhando. Eu não queria ficar com Dor de Cabeça, então abandonei o pensamento da medalha de estrela.

Naquele dia inteiro, sempre que sabíamos que Ahmet não iria nos ouvir, falávamos sobre a Melhor Ideia do Mundo e todas as formas que a Rainha poderia ajudar a ele e sua família. Ahmet nos pegou sussurrando juntos no parquinho e olhou para nós de forma confusa.

— Sobre o que estão falando? — perguntou, encarando a todos nós.

— Nada! — respondeu Michael, nervoso.

— Estávamos apenas falando sobre o dever de casa — disse Josie.

— Muito dever de casa — adicionei, rapidamente cruzando os dedos atrás das costas. — O seu é pouco e fácil, né? O nosso é bem maior e em mais quantidade.

— Ok... — Ahmet disse devagar, mas não acho que soava como se tivesse acreditado em nós.

Depois daquilo, todos sussurramos concordando que não iríamos mais falar sobre o plano até a hora da saída, que era quando tínhamos planejado escrever a Carta Real. Mas parecia que, quanto mais empolgados para colocar em ação a Melhor Ideia do Mundo, mais demorava para o dia passar. E aquela tarde parecia a mais longa que já havíamos tido.

Continuei olhando para o relógio da sala de aula para ver se seus ponteiros tinham se movido, e dava para ver Tom, Michael e Josie fazendo a mesma coisa. Aí, finalmente, assim que estávamos prestes a desistir de eles um dia alcançarem as três e quinze, o sinal da escola tocou e a Sra. Khan disse:

— Ok, turma, liberados. Vejo vocês na segunda-feira!

Acenamos apressados para Ahmet e, em vez de irmos com ele para encontrar sua mãe adotiva como normalmente fazíamos, corremos para o ponto de ônibus o mais rápido possível.

Atrás do ponto havia um muro grande o suficiente para esconder cinco pessoas. Depois de nos sentarmos, Josie me deu um pedaço de papel amarelo que ela tinha pegado da gaveta lá na sala e que estava novinho; Tom me deu sua melhor caneta para usar; e Michael emprestou um livro para apoiar. Ele achava que teríamos que perder dois ônibus. Mas não importava. Não quando estávamos tentando escrever a Carta Mais Real que qualquer um de nós já tinha escrito antes!

Todo mundo disse que eu deveria escrever, porque era melhor que eles em soletração. Eu estava com muito nervosismo. Mas Tom, Josie e Michael me ajudaram a escolher o que dizer, então, no final, não foi tão difícil quanto achei que seria.

A Carta Real se parecia com isso:

Sua Majestade Rainha do Reino Unido da Inglaterra,

Por favor, Sra. Majestade. Há um novo garoto na nossa turma chamado Ahmet e ele é um refugiado da Síria, onde existe uma guerra e um monte de valentões jogando bombas e machucando pessoas. Ahmet teve que entrar em um bote e andou muito para chegar à nossa escola, e teve que deixar a mãe e o pai dele para trás nas tendas. Ahmet precisa encontrá-los antes que o Governo feche todos os portões.

Achamos que, já que você é dona do país e da polícia e a Primeira Ministra tem que ouvi-la, poderia, por favor, pedir para sua Polícia Especial e a Primeira Ministra manterem todos os portões abertos e ajudar o Ahmet a encontrar a família dele. Sabemos que os portões irão se fechar no sábado, então isso é uma
EMERJÊNCIA.

Você pode nos encontrar na Escola Primária Nelson. A Sra. Khan é nossa professora e a Srta. Hemsí é a professora especial do Ahmet.

Por favor, deixe-nos saber se puder nos ajudar assim que receber esta carta.

Com amor,

De mim (9 anos e 9 meses), Tom (9 anos), Michael (9 anos e meio) e Josie (9 anos e 3 meses).

Quando terminamos, Michael segurou em direção à luz e assentiu. Para ser sincera, não sei por que as pessoas gostam de segurar as coisas na direção da luz, mas acho que é porque querem ver através delas e se certificar de que está tudo certo. Fiquei feliz, já que, mesmo que minha escrita tivesse ficado fraca, todo mundo disse que parecia boa. Foi a carta mais longa que já escrevi de uma só vez e minha mão doía, então pulei por trás do muro e a sacudi. Ao longe, vi o ônibus se aproximando.

— Pegou um envelope novo para colocar? E selos? — perguntou Tom, ansioso, assim que entramos no ônibus.

— Sim! Mamãe tem um monte — disse. — E postarei às cinco em ponto na caixa de correios em frente ao meu apartamento.

— Não se esqueça de escrever “Carta Especial” no envelope, de caneta roxa — avisou Josie. — Roxo é a cor favorita dela!

— Confira se o selo é o que diz “primeiro”! — disse Michael.



Quando cheguei em casa naquela tarde, enquanto a Sra. Abbey estava fazendo peixe frito e batatinha para o meu chá da tarde, abri em silêncio a primeira gaveta grande de cima da cômoda na nossa sala de estar. Essa gaveta é chamada de “Gaveta das Coisas Menos Usadas”, porque está sempre cheia de coisas que temos demais, mas quase nunca usamos — como cliques de papel, grampos, elásticos, fita adesiva, Post-it amarelo e folhas de papel em branco.

Encontrei um envelope e peguei com cuidado a pequena caixa de madeira cheia de selos. Dentro, estavam todos os que estavam praticamente novos que a mamãe havia pegado das cartas que tinha recebido. A maioria deles estava marcada com algo chamado “carimbo do correio”, o que significava que nós não podíamos usar de novo — mas, às vezes, não tinha nada. Quando isso acontecia, mamãe batia palmas como se fosse a manhã de Natal, calmamente tirava do envelope para que parecesse tão novo quanto possível e colocava na caixinha de selos.

Escolhi três, um com a melhor imagem, outro na cor roxa e o último com um “1st” (primeiro em inglês) no canto. Sabia que a maioria das cartas tinha apenas um selo cada, mas achei que três talvez fizessem a carta chegar na Rainha mais rápido. Especialmente já que havia uma chance de que eu talvez perdesse o carteiro das cinco horas — tentar manter as coisas em segredo quando há um adulto ao seu redor faz tudo demorar duas vezes mais.

Falei para a Sra. Abbey que estava fazendo meu trabalho de casa mais cedo e colori a frente do envelope com várias linhas curvas roxas, e aí, pouco antes de colocar a carta dentro, pensei que a Rainha devesse saber sobre a irmã do Ahmet e o mar. Então escrevi:

*Obs.: Ahmet tem uma irmã mais nova chamada Syrah, mas ela morreu no mar.
Então é ainda mais especial que ele encontre sua mãe e pai. Por favor, mantenha
isso em segredo.*

Sabia que o que havia acontecido com a irmã do Ahmet era um segredo, mas no ano anterior o Sr. Thompson nos dissera que a Rainha tinha que manter Segredos de Estado. E, se ela podia manter segredo sobre o estado de tudo, eu sabia que conseguiria manter os do Ahmet seguros também.



Plano de emergência

Depois que postei a carta, senti como se milhares de vermes, borboletas e sapos estivessem pulando dentro da minha barriguinha, como se girassem, contorcendo-se e pulando juntos. Estava sentindo tanta animação que era difícil até mesmo terminar meus cookies de chocolate e o copo de leite, que são minhas guloseimas favoritas de sexta-feira!

Quando mamãe chegou em casa, ela ficava olhando para mim e colocando a mão na minha testa para ver se eu estava me sentindo doente. Queria mais do que qualquer coisa contar a ela sobre a Melhor Ideia do Mundo, mas tínhamos concordado em manter segredo e achei que seria mais divertido fazer uma surpresa com tudo isso para ela mais tarde. Passei o fim de semana inteiro tentando ficar tão quieta quanto possível para o caso de a minha boca dizer algo quando eu não estivesse prestando atenção. E mesmo quando a mamãe me levou para uma fazenda para ver cabras, burros e coelhos na nossa aventura de domingo, não consegui parar de pensar na Rainha, se ela já tinha recebido a carta. Os dois dias pareceram demorar uma eternidade para terminar, mas bem quando eu pensei que nunca acabariam, a manhã de segunda-feira chegou.

Quando cheguei ao ponto de ônibus, Tom, Josie e Michael estavam esperando.

— Ela já deve ter lido! — comentou Michael, batendo em um poste de tão animado.

Fizemos uma pausa enquanto ele se estabilizava e colocava os óculos direito.

— Aposto que a Polícia Especial dela está procurando pela família do Ahmet — revelou Josie, começando a meio que pular, meio que andar novamente, quicando a bola de futebol para cima e para baixo com um barulhão.

— Sim, aposto que estão saltando de aviões especiais agora mesmo para encontrar todos eles! — revelou Tom, agarrando as alças de sua mochila como se fosse um paraquedas.

Ainda estávamos conversando animadamente quando entramos no ônibus, e passamos todo o caminho imaginando o que mais a Rainha poderia estar fazendo para ajudar Ahmet.

Mas a segunda-feira passou e, mesmo que eu tenha procurado a Sra. Khan depois de cada recreio, torcendo para que ela tivesse algo especial para dizer, não havia sinal de que algo tinha acontecido. A Srta. Hemsí parecia normal também e, quando perguntamos para Ahmet se algo legal tinha acontecido com ele, confuso, apenas respondeu:

— Mochila não tem cheiro ruim mais. Olha! — E abriu a mochila, convidando-nos para cheirar.

Na terça, foi a mesma coisa; só que, dessa vez, todos estávamos nos sentindo mais preocupados do que animados. Os vermes, borboletas e sapos na minha barriguinha estavam começando a me fazer sentir doente.

— E se ela não recebeu a carta? — sussurrou Josie, enquanto estávamos desenhando diferentes planetas do sistema solar. — E se ficou perdida nos correios?

— Não sei — sussurrei de volta, porque realmente não sabia.

— Temos de pensar em algo a mais! — disse Tom, olhando em volta para ter certeza de que a Sra. Khan não estava olhando. — Temos apenas três dias antes que fechem os portões!

— Tom! Volte ao trabalho, por favor — ordenou a Sra. Khan, olhando para nós.

Rapidamente, colocamos as mãos para baixo.

Roubei um olhar por cima do ombro para Ahmet, que estava ocupado colorindo um grande círculo laranja que era, obviamente, Marte. Tom estava certo. Qualquer que fosse a razão, a Rainha não estava ajudando. Precisávamos pensar em algo a mais. Precisávamos de um Plano de Emergência.

Olhei para o meu desenho colorido pela metade do planeta Terra e, olhando ao redor, decidi rabiscar nosso Plano de Emergência em vez de terminar.

Enquanto todo mundo estava copiando fatos sobre seus planetas para decorá-los, encarei o que tinha planejado, perguntando-me se iria funcionar. Eu não tinha certeza, mas o papai sempre dizia que só dava para saber se algo daria certo ou não se você tentasse primeiro.

Naquela tarde, no ônibus para casa, mostrei aos outros meu Plano de Emergência.

Josie olhou para mim e, colocando a bola de futebol debaixo do queixo, balançou a cabeça.

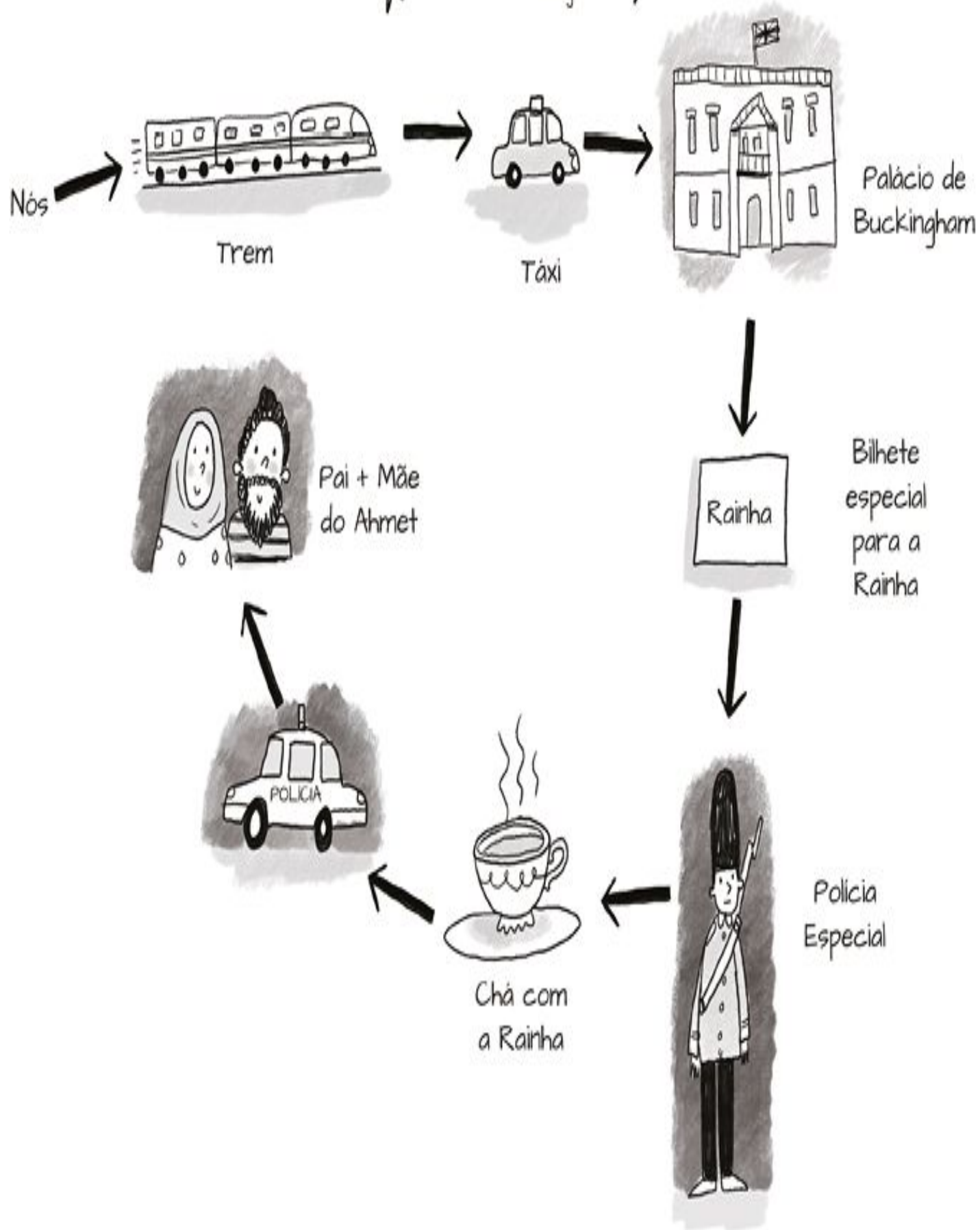
— Isso é loucura.

— É mesmo. Não podemos fazer isso! Pegaríamos detenção por um ano! — disse Tom.

— É o ÚNICO jeito — falei, olhando com cuidado.

Era assim que se parecia:

✧ Plano de Emergência ✧



Michael balançou a cabeça, negando.

— Nós seremos... *expulsos* — sussurrou, olhando ao redor para ter certeza de que ninguém tinha ouvido nada.

— Não, não seremos — disse, tentando soar mais confiante.

— A Polícia Especial nunca vai nos deixar vê-la — falou Michael.

— Deixarão quando explicarmos tudo — argumentei. — Iremos quando estiver tomando seu chá, assim teremos certeza de que ela está lá.

Todo mundo ficou em silêncio. Dava para dizer que todos estavam pensando demais, porque a Josie mordida o lábio inferior, Tom olhava com o rosto franzido para a gravata e Michael batia nas lentes dos óculos.

Depois de alguns segundos, Tom olhou para cima e perguntou:

— Como vamos pagar a passagem do metrô?

— Está tudo bem — disse, inclinando-me. — Tenho algum dinheiro que guardei.

— Quanto você tem? — perguntou Josie.

— Quatro libras e cinquenta e cinco centavos — sussurrei, para que ninguém no ônibus ouvisse. Eu teria mais se não tivesse comprado um monte de doces na semana anterior.

— Não é o suficiente para um bilhete — falou Michael. — Tenho onze libras e trinta e dois centavos em casa, podemos usar.

— Trarei todo o meu dinheiro também — avisou a Josie.

— Eu também — Tom adicionou. — Dos meus irmãos também!

— Mas, como iremos *conseguir* bilhetes de metrô? — perguntou Michael. — O bilheteiro não vai nos dedurar para a polícia se nos vir sem um adulto?

— Não iremos à bilheteria, podemos comprar nas máquinas — sugeri. — Sei como usar. Mamãe me ensina sempre que saímos nas nossas aventuras.

— Legal! — comemorou Josie, parecendo mais confiante.

— Então... devemos fazer isso? Amanhã? — falei baixinho.

Josie assentiu e girou a bola de futebol nos dedos.

Michael olhou em volta e, empurrando os óculos, deu um aceno.

Tom olhou para Josie e Michael antes de me dar um joinha.

— Ok — falei, batendo com a ponta do lápis na bochecha e olhando para o plano novamente. — Tenho alguns saquinhos de chá, para o caso de ela não estar esperando por nós e ficar sem nenhum...

— Levo alguns biscoitos... — prometeu Tom.

— Levarei tanto dinheiro quanto puder — avisou Michael.

— E talvez possamos conseguir um presente para a Rainha — adicionou Josie. — Sabe, para fazer com que ela queira nos ajudar.

— Devemos vestir algo especial? — perguntou Tom. — As pessoas não se vestem bem quando encontram a Rainha? Com chapéus, coroas e essas coisas? Talvez devêssemos colocar nossas melhores roupas debaixo dos uniformes.

— Sim, essa é uma ideia brilhante! — comemorei. — E podemos nos trocar nos banheiros do palácio.

— Espera... — Michael olhou para nós, seus olhos grandes ficando ainda mais redondos e arregalados. — Não dá para TODOS irmos, né? A Sra. Khan não iria acreditar se todos dissermos que estamos doentes no mesmo dia. E se ela ligar para os nossos pais?

Todo mundo ficou em silêncio de novo. Queríamos ir ver a Rainha juntos, mas Michael estava certo.

Depois de alguns segundos, Josie disse:

— Posso ficar para trás. Meus pais não gostam mesmo que eu seja amiga do Ahmet... Eles provavelmente ficariam muito bravos se descobrissem que fugi da escola por ele.

— Deixem-me ir! — pediu Tom. — Meu tio é um policial em Nova Iorque e diz 4-1-1, Alpha, Delta, Bravo[4] e todas essas coisas, então eu vou conseguir falar com a Polícia Especial da Rainha.

Michael suspirou.

— Ok. Então, também vou ficar. Mas eu sempre quis conhecer a Rainha...

— Tudo bem. Tom virá comigo — disse.

— Rápido, é o nosso ponto! — gritou Josie, puxando freneticamente a campainha.



Mais tarde naquela noite, enquanto eu me preparava para ir para cama, perguntei-me o que o papai teria dito se soubesse que eu iria em uma aventura para tentar encontrar a Rainha. Concluí que ele teria colocado um disco e dançado na sala de estar, como fazia quando estava feliz.

Aquele último pensamento fez todos os vermes, sapos e borboletas na minha barriguinha se acalmarem e me ajudou a cair em um sono profundo, cheio de sonhos do papai dançando com a Rainha.

[4] Muito usado pelos policiais, faz parte do Alfabeto fonético da OTAN, o alfabeto de soletração mais famoso do mundo.



Stan, o taxista

Não tenho certeza se Tintim já acordou em uma manhã de aventura sentindo fome e passando mal *ao mesmo tempo*. Mas foi assim que me senti quando acordei no dia seguinte.

Estava tão cedo que os pássaros tinham acabado de começar a cantar e o sol ainda não tinha nascido totalmente. Assim que o céu começou a mudar de azul-escuro para rosa e dourado, pulei da cama e comecei a me arrumar. A parte mais difícil foi tentar encaixar meu uniforme por cima das minhas melhores roupas — eu ficava parecendo um baiacu inchado e os botões da minha camisa pareciam prestes a explodir a qualquer momento. Mas, felizmente, mamãe não percebeu, porque estava cansada e ainda coçava muito os olhos quando eu saí.

Cheguei ao ponto de ônibus quinze minutos antes, como dissemos que faríamos, mas não havia ninguém lá, exceto uma senhora e dois adultos de terno.

Depois de alguns minutos, Tom veio correndo pela rua. Pude dizer na hora que ele não tinha dormido muito, porque seus olhos pareciam vermelhos e seus cabelos normalmente espetados estavam escovados para trás.

Então Josie chegou, parecendo tão empolgada e nervosa quanto eu me sentia por dentro, e Michael, que tropeçou nos cadarços, mas continuou correndo para nós de todo jeito.

— Pegou tudo? — perguntou Josie.

Assenti e mostrei a ela o mapa do metrô que tinha encontrado na Gaveta das Coisas Menos Usadas da mamãe e os saquinhos de chá que havia tirado da jarra da cozinha.

Todos trouxemos coisas para dar à rainha. Tom trouxe biscoitos amanteigados, Josie tinha um pacote novo de adesivos de futebol e Michael segurava uma caixa de chocolates que tinha uma coroa. Eu estava com a minha régua de astronauta favorita. Mesmo que ele não se movesse mais, tinha certeza de que a Rainha iria gostar, porque ela sempre usa broches chamativos que brilham como estrelas nos seus vestidos. Talvez, na época que ela foi para a escola, quis ser astronauta também.

Quando tínhamos colocado todos os presentes em segurança na minha mochila, Josie contou todo o dinheiro que juntamos. Esvaziamos nossos porquinhos e potinhos de dinheiro. Tom tinha ido até o quarto dos irmãos dele para ver o que conseguia encontrar.

— Eles têm várias moedas em todo canto! Não acredito que não fiz isso antes! — exclamou, mostrando um punho cheio delas.

No final, tínhamos exatamente vinte e sete libras e sessenta e dois centavos. Uma fortuna!

— Metade de vinte e sete libras e sessenta e dois centavos é... — Josie espremeu os olhos e fez as contas rapidamente na cabeça. — Treze libras e oitenta e

um centavos! — Deu metade do dinheiro para mim e metade para Tom guardar. — Tem certeza de que sabe qual metrô pegar? — perguntou. As sardas no rosto dela desciam e subiam, porque ela estava franzindo o nariz a cada poucos segundos. Ela só faz isso quando está extremamente nervosa e isso a faz parecer um hamster.

— Sim. Pegamos a linha rosa até a King's Cross, depois a azul-escura até Green Park — disse. — Mamãe sempre me leva de trem para as nossas Grandes Aventuras que são mais distantes, então sei o caminho.

— O palácio é muito longe da estação de trem? — questionou Tom. A voz dele parecia estridente, mas não dava para dizer se era porque estava nervoso ou animado.

— Não sei — respondi. — Mas não acho que haja um ponto de ônibus na frente do palácio, talvez a gente tenha que pegar um táxi. Não deve ser muito longe, então, se a gente der sorte, não vai gastar todo o dinheiro.

— Gente, o ônibus chegou! — Michael avisou, esticando o braço para que o motorista parasse.

— Lembrem-se do que dizer para a Sra. Khan! — falei, tentando sussurrar. — Tom e eu ficamos doentes e nossas mães disseram que voltaremos amanhã.

Josie assentiu.

— Boa sorte! — E, dando-nos um aceno rápido, seguiu Michael para dentro do ônibus.

Quando desapareceram, Tom e eu atravessamos a rua e andamos para o ponto de ônibus onde todos os que iam para a direção oposta paravam.

Assim que o que precisávamos finalmente veio, estiquei o braço e entramos, olhando nervosamente para a motorista, caso ela nos perguntasse por que não estávamos na escola. Mas ela não o fez; na verdade, quase nem olhou para nós.

Ficamos sentados quase o caminho todo até o ponto final, depois, de mãos dadas, atravessamos a rua principal para a estação de trem.

Havia pelo menos um milhão de pessoas, todas de terno, correndo à nossa volta, tentando passar pelas catracas. Elas pareciam bravas e estavam com os rostos vermelhos, resmungando e balançando a cabeça. Nunca havia estado na estação de trem quando ela estava tão cheia e não gostei. Fazia minha cabeça ficar quente e confusa.

— Vamos — pediu Tom, puxando-me.

Andamos em direção às máquinas, onde existiam longas filas de pessoas. Algumas delas olharam para baixo com os rostos franzidos, mas ninguém disse nada, então não tivemos que falar nada também.

Ao chegarmos finalmente na frente da fila, andamos até uma das máquinas. Parecia mais assustadora do que me lembrava. Havia pelo menos cem

botões em volta da tela grande e uma fenda que parecia a de uma caixa de correios na parte de baixo.

— Continue — sussurrou Tom.

— Ok — eu disse, sem querer ser covarde. Respirei fundo, fiquei na ponta dos pés e caminhei até a tela. Apertei o botão para “novo bilhete”, depois, “infantil”, aí cliquei em “Palácio Buk-Kingham” como destino, mas nada aconteceu.

Tentei de novo, mas a máquina começou a piscar.

— Precisam de ajuda, crianças? — perguntou uma mulher da fila. Ela tinha cabelos cacheados e usava um casaco verde, sapatos brilhantes e óculos.

Os olhos do Tom ficaram enormes e ele negou com a cabeça, mas eu assenti. A mulher deu um passo para a frente.

— Para onde vocês vão? — questionou.

— Palácio Buk-Kingham — falei. — Para... nosso passeio da escola. — Tentei deixar minha voz mais grossa e parecida com a de adulto.

A mulher estranhou, mas, olhando para o relógio, apenas concordou. Rapidamente apertou botões na tela e disse:

— Muito bem. — Antes de dar um passo para trás e entrar na fila novamente.

Olhamos para a máquina, que mostrava £8,90 para nós. Tom rapidamente pegou o dinheiro da bolsa dele e colocou certinho. Dois cartões rosa instantaneamente pularam de lá como doces em uma máquina, e, pegando-os, agradecemos à moça e corremos pelas escadas para onde eu sabia que os trens da cidade estariam.

Nós nos esprememos na plataforma. Estava tão cheia de gente que fiquei com medo de não conseguirmos entrar — nunca havia visto tanta gente espremida em um único lugar antes.

Mas, quando o trem chegou, todo mundo caminhou para dentro dele como uma onda gigante e nos levou junto. Tom agarrou meu braço, eu agarrei o dele e logo nos encontramos pressionados como recheio de sanduíche entre várias pessoas, todas parecendo ocupadas com seus telefones ou ouvindo música.

— Isso... é... bom... — disse Tom, seu rosto esmagado contra uma barriga grande. Tentei concordar, mas o livro de alguém estava apoiado na minha cabeça.

Vimos um monte de estações passando e diferentes pessoas subindo e descendo do trem. Finalmente, ouvimos o maquinista anunciar que a próxima estação seria a King's Cross.

— Temos de seguir a linha azul-escura — avisei para Tom depois que descemos na plataforma. Seguimos as placas para a linha Piccadilly e entramos em outro trem. Fácil!

Não estava me sentindo mais tão nervosa, aí percebi que estava com fome. Tinha passado tanto tempo empacotando um presente para a Rainha que havia esquecido de pegar a bolsa de doces de emergência.

— Acha que a Rainha iria se importar se comêssemos um dos biscoitos dela? — perguntei para o Tom.

Ele negou com a cabeça, ansiosamente.

— Ela deve ter vários na cozinha. Especialmente se toma chá todo dia!

Abriu o pacote e passou para mim um dos biscoitos grossos e quebradiços que estavam dentro. Era o mais gostoso que eu já havia comido, provavelmente porque eu sabia que era para ser comido pela Rainha.

Cada um de nós comeu mais um no trem, e, depois de alguns minutos, a moça anunciou:

— A próxima estação é Green Park. Por favor, desça aqui para as linhas Jubilee e Victoria.

Eu gosto da moça do trem. Ela tem uma voz legal. Imagino que ela se parece com a Mary Poppins e se senta bem na frente do trem, ao lado do maquinista, na sua cadeira especial. Deve ser divertido passar por todas as estações e dizer para as pessoas qual é a que virá a seguir.

Corremos para fora do trem e seguimos as placas para os táxis.

Subindo as escadas, encontramos uma longa linha de táxis pretos esperando em uma fila. Dentro do que estava na frente, havia um homem com um cabelo vermelho vibrante. Ele estava comendo um sanduíche e balançando a cabeça junto com a música da rádio.

Quando nos viu olhando para ele pela janela, rolou-a para baixo e inclinou-se.

— O que posso fazer por vocês dois?

— Por favor, precisamos ir para o Pa-lá-cio de Bu-cking-ham — falei tão alto e claro quanto podia, porque lembrava-me do meu tio Lenny dizendo que não havia nada que motoristas de táxi odiassem mais do que pessoas que não falavam onde queriam ir com clareza.

O taxista se inclinou para a frente e olhou ao redor.

— Por que estão sozinhos? — questionou, franzindo o rosto.

— É... Vamos encontrar nossa professora lá. Estamos em um passeio e nos separamos da nossa turma. A professora disse que, se alguém se perdesse, deveríamos encontrar os outros lá — disse Tom, apressado.

O taxista enrugou o rosto novamente e coçou o queixo.

— Tudo bem — disse eventualmente. — Entrem! E sejam rápidos. Não estou aqui para ser chofer de crianças perdidas o dia inteiro! A sorte de vocês é que é só a alguns minutos daqui e que eu também tenho meus próprios moleques.

Pulamos para dentro com pressa. O taxista trancou as portas e, com um único movimento, saiu da vaga. Enquanto dirigia para a pista principal, olhou para nós pelo retrovisor retangular engraçado que os carros sempre têm na frente. Tio Lenny diz que servem para que os motoristas possam ver o trânsito atrás deles. Mas acho que estão ali para que possam espiar as pessoas no banco de trás quando acham que ninguém está reparando.

— O que vocês vão fazer no Palácio de Buckingham hoje? — perguntou.

— Vamos encontrar a Rainha — respondeu Tom, antes que eu pudesse pará-lo.

— Vocês têm certeza? — perguntou o taxista, olhando pelo espelho novamente. Seus olhos sorriam. Tom colocou as mãos sobre a boca e não disse mais nada. Mas o homem apenas riu e disse: — Quando a virem, digam oi por mim.

Assenti e o taxista riu novamente. Depois de alguns minutos, o táxi parou em um engarrafamento. Ele olhou para o relógio.

— Ah... Eles farão a troca da guarda em breve. Acho que vocês terão de andar daqui. — Virou-se para nos encarar e apontou para sua direita. — Estão vendo aqueles arcos ali? Andem por baixo deles e sigam direto até a grande rua vermelha, ok? O palácio está bem no final disso, depois do chafariz.

Tom assentiu e pegou o dinheiro exato que dizia no taxímetro. O motorista negou com a cabeça.

— Não se preocupe. Essa é por minha conta! Diga para sua professora ter mais cuidado da próxima vez.

— Obrigado — respondeu Tom enquanto descíamos. — O senhor é o melhor taxista de todos!

Ele se foi, rindo.

— Gosto dos taxistas de Londres! — comentou, pegando outros dois dos biscoitos da Rainha e enfiando na boca. — Eles são melhores do que os de Nova Iorque.

— Eu também — comentei, vendo o táxi desaparecer de vista.

19

O palácio da Rainha

— São tantos policiais — sussurrou Tom enquanto caminhávamos para a estrada grande e vermelha. Em todo lugar que olhássemos, havia cones laranjas e policiais em casacos amarelos sentados em cavalos.

— Eu sei — sussurrei de volta. Não havia realmente necessidade de sussurrarmos, mas ver tantos carros de polícia e oficiais estava deixando nós dois nervosos, especialmente por não estarmos com um adulto. — Venha — falei, puxando Tom atrás de mim. — Precisamos ir!

Andamos o mais rápido que conseguimos. Mas a estrada vermelha era muito longa e parecia que tínhamos andado por milhas antes de finalmente vermos o chafariz que o taxista tinha falado.

— Veja! — falou Tom, apontando para os portões pretos gigantes do palácio.

Seu topo pontudo parecia ter sido banhado a ouro e havia centenas de pessoas em todo canto. Era parecido com isto:



— Deve estar acontecendo alguma coisa — comentei, olhando em volta.
— Não me lembro de estar tão cheio quando vim com a mamãe.

A estrada à nossa frente estava lotada com centenas de pessoas, várias delas com câmeras em volta do pescoço. Algumas estavam falando e acenando para os policiais, outras estavam subindo no chafariz gigante ou sentando nas paredes mais baixas. Ainda mais gente estava encostada contra as barreiras cinza que tinham sido colocadas nos lados das calçadas. Havia algumas com câmeras enormes repousando nos ombros, parecendo prontas para filmar algo, e grandes helicópteros que pareciam libélulas gigantes zumbindo no céu acima deles e fazendo o ar tremer.

— Talvez alguém especial venha visitar? — sugeriu Tom.

— Vamos até lá descobrir — falei, apontando para os dois maiores portões à frente do palácio.

Cada um deles tinha uma crista dourada que era quase tão grande quanto eu presa a eles e mostrava dois leões dançando na frente de algumas folhas grandes e pontiagudas. Dois policiais, vestidos todos de preto e com grandes estrelas no meio de seus chapéus, estavam sobre seus cavalos na frente dos dois portões, observando em silêncio a multidão.

— Esses são os policiais da rainha? — questionou Tom, apontando para eles. — Devemos perguntar a eles se podemos vê-la?

Neguei com a cabeça.

— A Polícia Mais que Especial da Rainha é a que usa jaquetas vermelhas e chapéus gigantes. Eles são os Guardas do Palácio, então temos que perguntar a um deles. Vamos. Mostrarei a você.

Segurando a mão um do outro, fizemos um ziguezague por dentro da multidão até encontrarmos um buraco pequeno em uma das barreiras cinza. Espremendo-nos por elas, corremos pela grande rua vermelha até chegarmos onde os grandes portões pretos e dourados estavam. Tentamos dizer “com licença” e “desculpe” enquanto encontrávamos nosso caminho pela multidão, o que era difícil, mas, depois de alguns minutos, finalmente chegamos aos portões do palácio.

— Está vendo? — perguntei, apontando através das grades. — *Aqueles* são os Guardas Especiais! Precisamos chegar perto de um deles.

Tom empurrou o rosto entre duas barras e encarou os guardas do palácio. Dava para dizer que eles eram mais especiais do que os policiais normais porque usavam casacos vermelhos e botões brilhantes, tinham moedas nas golas e enormes chapéus peludos que cobriam metade dos seus olhos. Também carregavam armas bem pontudas e permaneciam tão parados quanto estátuas dentro de casinhas pretas especiais.

Os guardas do palácio disseram “sentido” e marcharam pelo palácio, como soldados de brinquedo.

— Por que eles dizem “sentido”? — questionou Tom, assistindo de boca aberta.

— Porque precisam ir no mesmo sentido — falei, lembrando-me de quando a mamãe havia me contado por eu ter feito a mesma pergunta.

— Ah, legal — falou. — O que fazemos agora? Como vamos dar a eles o bilhete para a Rainha?

— Não sei — disse, percebendo que eu devia estar me lembrando das coisas errado.

Quando tinha ido com a mamãe, havia tido certeza de que os guardas estavam bem mais perto dos portões da frente. Naquele momento eles estavam tão longe que nós não podíamos nem mandar o bilhete pelo correio aéreo — mesmo se fizéssemos um aviãozinho que voasse direito!

Estava me perguntando o que deveríamos fazer quando, à distância, um sino tocou onze vezes.

Ao terminar, um homem com um agasalho azul parado perto de nós gritou.

— Vão começar a qualquer minuto! Preparem as câmeras!

Um grande grupo de pessoas paradas na nossa frente rapidamente pegou as câmeras e, em qualquer lugar que eu olhasse, centenas delas começaram a fazer o mesmo.

Então, automaticamente, todo mundo caiu em silêncio. Olhei pelos portões em frente ao palácio. Todos os Guardas do Palácio estavam ainda mais parados e, como uma embalagem de doce sendo esmagada a cada poucos segundos, ouvimos o som distante de uma marcha.

— VEJA! — gritou Tom, agarrando-se aos portões para ver melhor. Apontou para o chafariz à frente, onde, de longe, pontinhos vermelhos, pretos e dourados estavam marchando, tocando trombetas e tambores.

— Vamos chegar lá na frente — sussurrei, e, dizendo “desculpe” e “com licença, por favor”, encontramos caminho para perto das barreiras cinza.

— Veja, bem ali! — Tom disse, cutucando-me enquanto apontava para onde os dois grandes portões do palácio permaneciam fechados. — Não tem nenhuma dessas barreiras na calçada ali, olha! Talvez consigamos chegar aos guardas por lá.

Inclinei-me para a frente o máximo que pude e olhei mais de perto.

Tom estava certo.

Não havia barreiras naquela parte da calçada — o que significava que qualquer um parado ali poderia facilmente passar um bilhete para um dos guardas enquanto eles marchavam para dentro do palácio.

— Você está certo, vamos nos aproximar — falei.

Mas, antes que pudéssemos seguir pelas barreiras para o canto da calçada onde não havia ninguém, ouvimos um policial gritar:

— Todo mundo, cheguem para trás! Cheguem para trás! Os portões irão se abrir.

À medida que a multidão avançava e nos obrigava a pressionar as barreiras, vimos os portões enormes e de topo dourado começarem a se abrir. O jardim do palácio ficou cheio com vários guardas, que tinham silenciosamente se juntado aos dois que nós havíamos visto antes e estavam todos parados.

— Uau, isso é INCRÍVEL! — gritou Tom, seus olhos se arregalando e suas bochechas ficando rosadas enquanto ele apontava para trás na rodovia principal, em direção ao chafariz.

Aquilo que tínhamos visto como pequenos flashes de vermelho, dourado e preto à distância havia se transformado em centenas de soldados altos marchando ao mesmo tempo, tambores e trombetas preenchendo o ar. Liderados por um homem em uma jaqueta dourada cintilante, que estava carregando um bastão com um diamante no topo que era tão grande quanto uma maçaneta, todos marcharam pelos portões com uma onda de energia que fez o chão tremer.

Abri a boca, mas nada saiu. Eu nunca, nunca havia visto nada como isso na vida real antes.

— Sentido! — alguém gritou da parte de trás dos portões. Todos os soldados automaticamente bateram no chão com um pé e giraram em suas botas pretas para encarar os portões abertos.

— O homem com o casaco de ouro — falou Tom, cutucando meu braço. — Ele deve ser muito especial, vamos dar o bilhete a ele! Mas, veja, eles vão embora agora.

Todo mundo ao nosso redor disparou a câmera enquanto o homem de casaco dourado e os guardas do palácio atrás dele marchavam pelos portões.

— Ah! EU ENTENDI! — exclamou Tom. — Eles estão trocando! Então esses vão para casa e aqueles atrás do homem do casaco dourado ficarão aqui com a Rainha!

— Mas... — Girei ao redor. — Isso significa que os portões serão fechados assim que a troca terminar e... — E quando isso acontecesse, não teríamos outra chance de entregar nosso bilhete para a Rainha...

Tom olhou para mim com a boca aberta e devolvi o olhar com a boca aberta, e dava para dizer que nós dois tínhamos pensado a mesma coisa.

Sentindo minhas mãos começarem a tremer, peguei o bilhete do meu bolso e segurei-o. Tínhamos que fazer isso — nós tínhamos! Não era todo dia que você conseguia ir ao Palácio da Rainha ver sua Guarda Especial tão de perto. Mas,

mesmo que eu tentasse fazer minha voz sair, ela permanecia presa na minha garganta.

— Aquelas... aquelas são ENORMES! — disse Tom, olhando para as armas que os soldados seguravam em cima do ombro.

Eu estava olhando para elas também. Eram longas e pareciam mais afiadas, brilhantes e pontudas do que minutos antes.

O homem do casaco dourado e todos os guardas atrás dele estavam prestes a marchar perto de nós. Em poucos segundos, entrariam pelos portões. Depois que fizessem isso e os portões estivessem fechados, não haveria chance de falar para a Rainha sobre o Ahmet — e isso seria minha culpa.

Apertei o bilhete com mais força. Podia sentir meu coração batendo na garganta e os dedos começando a suar.

Mas aí, de alguma forma, comecei a me mover.

Acho que quando você está com mais medo do que já estive na vida e precisa fazer algo que nunca fez antes, seu cérebro se desliga e seus braços e pernas pensam por você, motivo pelo qual sente que está se movendo debaixo d'água. Foi o que aconteceu no momento em que comecei a correr. Senti meu peso tão grande quanto se estivesse correndo debaixo d'água, como se outra pessoa estivesse fazendo tudo por mim. Quando, é claro, não estava. Era tudo eu.

Senti-me subindo na barreira à minha frente e lentamente correndo pela estrada vermelha. Podia sentir os olhos das pessoas virando-se para me assistir e uma brisa repentina no meu rosto. De debaixo dos meus pés, pude sentir a superfície surpreendentemente saltitante da estrada como se fosse um tapete vermelho macio, e também pude sentir as pontas ásperas do bilhete em minhas mãos. Ao meu redor, o som dos tambores, das trombetas e das botas desapareceu. E, de repente, eu estava lá... de pé atrás da última fila de Guardas Especiais da Rainha enquanto eles entravam no palácio. Observei minha mão se erguer alto, mais alto e mais alto, até que finalmente tocou um ombro de tecido vermelho. E mesmo sem eu ter mandado, minha boca se abriu e disse:

— COM LICENÇA, SENHOR!

E foi aí que tudo ficou engraçado.

Porque, de repente, o mundo voltou acelerado e havia pessoas ofegando, câmeras piscando, cascos soando, helicópteros girando e, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, uma barreira de policiais com estrelas extremamente brilhantes em seus chapéus me rodeou, bloqueando o céu. Tudo começou a desaparecer em um mar preto e senti minhas pernas ficarem moles como uma grande gelatina. Um barulho no meu ouvido começou a rugir enquanto o chão vinha me encontrar.



Os guardas de Cold Stream

Quando meu cérebro acordou novamente e abri meus olhos, senti meu corpo deitado em algo macio e pude ver um borrão de luzes azuis brilhantes e vários carros de polícia por toda parte.

— Certo, vamos te colocar em uma ambulância — disse a voz.

Tom estava parado perto de onde meu pé estava. Ele chorava e dizia “amigo” várias vezes para uma policial de Londres. Mas, parados atrás dele, estavam dois dos Guardas Especiais da Rainha!

Esquecendo-me que estava com medo, sentei e gritei:

— Por favor! — E, segurando o bilhete que estava na minha mão, mas agora todo embolado, eu o estendi e continuei: — Por favor, você precisa entregar isso para a Rainha...

A policial de Londres, que estava falando com Tom, andou até mim.

— Ei, vamos com calma e pegue leve. Você fez algo perigoso hoje. Eles são soldados de combate treinados — falou, apontando para os Guardas Especiais da Rainha. — São preparados para parar qualquer um que esteja tentando machucar a Rainha.

— Mas... Mas nós não queríamos machucar a Rainha! — soluçou Tom, seu rosto ficando vermelho e molhado.

— Sabemos disso agora, filho, mas precisamos ser cautelosos — disse a oficial, sua voz menos rígida do que antes.

Um dos Guardas Especiais da Rainha veio até mim.

— Vamos dar uma olhada nesse bilhete — falou gentilmente, pegando da minha mão.

Entreguei a ele e observei seu rosto enquanto lia. Às vezes as pessoas não dizem o que realmente estão pensando, então você precisa olhar bem no rosto delas para ver se consegue pegar algumas dicas. Não esperava que o guarda fizesse nada com o rosto — especialmente não um que trabalhava para a Rainha —, mas esse deu uma risadinha e entregou para o outro soldado parado ao lado dele, que tinha mais medalhas no peito. Ele sorriu também. Não sei por que, pois não era para ser engraçado.

Era isto que o bilhete dizia:

Querida Alteza Majestade Rainha da Inglaterra,

Escrevemos uma carta para você na sexta sobre o Ahmet, nosso amigo que é um garoto refugiado, e colocamos três selos para que o Correio Real recebesse mais rápido. Viemos vê-la hoje porque já é quarta-feira e pensamos que o Correio Real pudesse ter perdido a carta e os portões irão se fechar na sexta, o que significa que não temos muito tempo para encontrar a família do Ahmet e trazê-la aqui para que todos possam viver juntos.

Estamos do lado de fora dos portões agora. Tom tem cabelo castanho e eu tenho cabelo castanho-escuro, estamos com os uniformes da escola, que são azul-escuro e cinza, com desenhos de um navio e um livro neles, assim você poderá nos ver com facilidade.

Não podemos ficar mais do que até uma e meia, porque, se não chegarmos em casa na hora da saída, nossas mães, o pai do Tom, a Josie e o Michael vão ficar preocupados. Por favor, deixe-nos entrar e ver você assim que terminar de tomar seu café da manhã.

Atenciosamente,

Eu e Tom.

Obs.: trouxemos saquinhos de chá extra.

— Esperavam tomar um chá com a Rainha por aqui? — perguntou o segundo Guarda Especial, enquanto negava com a cabeça. — Aqui, dê uma olhada nisso — falou, passando o bilhete para a policial que estava de pé do lado oposto.

Ela leu e disse:

— Bem, você não vê notas como essa todos os dias.

Uma paramédica vestindo um macacão verde-escuro leu o bilhete também.

— Owwnn, que fofo — disse. Depois me fez deitar de novo e começou a empurrar a maca para a ambulância.

— Mas eu não quero ir para o hospital! Por favor! Não! — gritei, começando a sentir medo. Não gosto de hospitais. A última vez em que vi papai foi quando ele estava internado e fez uma promessa para mim que nunca mais veria um. Nunca mais.

— Não se preocupe. Não vamos levar você ao hospital, a menos que precisemos, docinho. Mas preciso conferir se você está bem e se não tem uma concussão — a paramédica respondeu calmamente. Ela tinha um longo cabelo preto que estava preso em um rabo de cavalo, grandes olhos castanhos e um relógio de cabeça para baixo no peito. — Deite aqui para mim por alguns minutos e nós levaremos você embora daqui em pouco tempo — adicionou. A piscadinha que me deu e sua voz calma me fizeram sentir um pouco melhor, então fiz o que ela disse.

Depois de me empurrar para dentro da ambulância, a paramédica me disse que o nome dela era Davinder e me perguntou todo tipo de coisa. Por exemplo, como eu estava me sentindo, se estava com dor de cabeça, quem era Ahmet e sobre meus pais. Contei a respeito do meu pai e ela me disse que sentia muito. Segurou meu braço e checkou a pulsação, colocou um termômetro na minha boca e disse em seguida:

— Preciso auscultar seus batimentos. — Mas, quando levantou o suéter da escola, parou. — Blusa legal — falou, sua boca automaticamente parecendo que

estava sentindo cosquinha.

Olhei para baixo e lembrei na hora que tínhamos colocado nossas melhores roupas para a Rainha.

— É minha melhor blusa — contei, tocando a camisa pontilhada com estrelas prateadas brilhantes e planetas dourados. — Para quando formos ver a Rainha — expliquei.

— Ah! — A paramédica Davinder abriu um largo sorriso, abrindo três botões da minha camisa e colocando um disco prateado no meu peito. — Agora respire fundo... e expire... — Depois de ouvir por um momento, ela assentiu e disse: Você parece e soa completamente bem para mim. Tudo certo para ir?

Assenti, então ela me ajudou a descer da maca e segurou minha mão enquanto saíamos da ambulância. Ao longe, pude ouvir as pessoas comemorando, mas não sabia o motivo.

— Agora, acho que é hora de os dois irem para casa. A oficial Martina os levará naquele carro especial bem ali — disse ela. Apontou para a policial de Londres que estava parada perto de Tom e dos dois Guardas Especiais. Atrás dela havia um carro de polícia com luzes azuis no topo.

— *Sério?* — perguntou Tom, seus olhos se acendendo.

Eu estava sentindo uma empolgação também, mas lembrei-me do bilhete.

— Mas... E a Rainha? E o bilhete? — reclamei, olhando para todo mundo. — Se não dermos para a Rainha, ela não saberá que viemos, nem sobre Ahmet...

A oficial Martina sorriu.

— Ah, acho que ela saberá que vocês vieram! — disse.

O Guarda Especial que usava mais medalhas andou até mim e se ajoelhou para que o rosto ficasse no mesmo nível que o meu. Ele tinha olhos azuis brilhantes e uma grande covinha na bochecha como o papai costumava ter — só que meu pai tinha nas duas, não em uma só.

— Vossa Majestade não está aqui hoje — falou. — Ela está em seu outro castelo, em Windsor.

— A Rainha tem OUTRO castelo? — perguntou Tom, parecendo horrorizado.

— Não se preocupe. Irei me certificar de que ela saiba que estiveram aqui e que receba isso. — O guarda ergueu o bilhete. — Tudo bem?

— Promete? — pedi, sentindo-me feliz na hora. — Tipo, promete, promete *mesmo*?

— Você tem minha palavra! — Assentiu. — E um guarda da Coldstream nunca trai sua palavra.

— O que é um guarda da Cold Stream? — perguntei, já que *cold stream* significa rio gelado, imaginando vários deles mergulhando em rios congelantes com aqueles chapéus.

— Um guarda da Coldstream é o que nós somos — respondeu, ficando de pé. — Sou o tenente Chris Taylor, e ao lado do seu amigo Tom está o segundo-tenente Walter Kungu. — Olhei para o outro guarda, que estava nos saudando. — Somos parte de uma força muito especial que protege as duas casas da Rainha e o país.

— Podem dar a ela os nossos presentes também então? — perguntou Tom.

— Presentes? — questionou a oficial Martina.

— Sim, trouxemos para a Rainha — explicou Tom, puxando da minha mochila nosso pacote de biscoitos comido pela metade, a régua, o pacote de adesivos de futebol e a caixa amassada de chocolates.

— Sinto muito, mas não poderemos levar os presentes. — O tenente Kungu sorriu abertamente. — Mas falaremos sobre eles quando entregarmos seu bilhete para Vossa Majestade.

— Ah... ok. — Tom deu de ombros, colocando tudo de volta na minha mochila.

— Agora, crianças, hora de irem para casa — anunciou a oficial. — Falamos com a escola de vocês e seus pais sobre o que aconteceu.

— Ah, nããão... — disse Tom, torcendo as mãos. — Vamos estar tão encrencados!

Assenti miseravelmente.

— Não se preocupe — avisou a paramédica. — Tenho certeza de que estarão felizes apenas por vocês voltarem para casa em segurança. E eu *acho*... — adicionou, olhando para os helicópteros que estavam voando acima das nossas cabeças — que vocês podem ter ficado um pouco famosos!

Tom franziu o rosto para mim e eu devolvi, porque estávamos os dois nos perguntando o que poderia ter feito com que ficássemos famosos.

— Vão para casa em segurança, vocês dois — disse o tenente Taylor.

— E da próxima vez que quiserem mandar uma mensagem para a Rainha, não saiam correndo atrás de nenhum de nós, soldados — disse o tenente Kungu. — Uma carta é mais do que suficiente!

E, dando um aceno para Tom e para mim com uma saudação, a Guarda Especial Cold Stream da Rainha, que se tornou Super-Super Especial para Tom e eu, marchou de volta em direção ao palácio carregando o bilhete da Rainha.

— Certo, jovens soldados! Hora de irmos — avisou a oficial Martina assim que um carro com quadrados amarelos e azuis na porta e uma sirene enorme

no topo parou em frente a nós.

Passando um pedaço de papel dobrado, a paramédica Davinder disse:

— Esse é um bilhete especial para a sua mãe, para que ela saiba que você está completamente bem. Não se esqueça de dar a ela, ok? — Assenti. — Tchau então. — Sorriu e começou a acenar. — Vocês dois precisam se cuidar agora...

Entrando no banco de trás do carro de polícia, acenamos de volta. Um monte de gente também começou a comemorar e acenar para nós dos muros do palácio, então acenamos de volta para elas também, mesmo que não soubéssemos realmente o motivo.

Tom pegou um biscoito e começou a comer. Peguei um também, mas, mesmo que estivesse com fome, não conseguia comer. Meu estômago ficava se revirando por dentro. E quanto mais nos aproximávamos de casa, mais ele ficava se revirando.

Há algumas jornadas que a gente não consegue aproveitar, não importa quão empolgantes sejam — nem mesmo quando estamos em um carro de polícia de verdade. Porque, no fim de tudo, não dá para saber quando você vai receber pelo menos cem detenções e provavelmente não receberá mais nenhum dinheiro ou chocolate por dez anos.

Mas tudo bem. Porque não ter mais nenhum direito a chocolate de novo valeria a pena se a Rainha pudesse ajudar o Ahmet a encontrar a mãe e o pai dele. Isso era tudo que importava.

21

Os vizinhos e as notícias

Às vezes os adultos podem ser tão confusos que fazem você ficar coçando a cabeça.

Quando a oficial Martina me levou para casa, mamãe estava o mais brava que já vi na vida. No começo, foi assustador, porque ela continuava gritando coisas como: “não ACREDITO que você fez isso!” e “E SE ALGUMA COISA TIVESSE ACONTECIDO?”, mas aí ela me abraçava, segurando-me tão apertado que pensei que meus ossos seriam esmagados. Não tinha certeza se estava levando uma bronca ou não.

Quando mamãe se acalmou, fez uma sopa e disse para eu contar tudo para ela. Então falei sobre os desenhos do Ahmet e o que o homem e a mulher do ônibus tinham dito sobre os portões. Falei sobre a Melhor Ideia do Mundo, o Plano de Emergência e tudo que havia acontecido em frente ao Palácio da Rainha. Mamãe ficou quieta enquanto eu falava e, depois que terminei de contar tudo, sentou-se parada por um longo período e não falou nada. Fiquei com medo de dizer alguma coisa, então sentei por cima das minhas mãos e encarei a mesa.

Finalmente, ela abriu a boca para dizer algo, mas aí a campainha tocou.

— Quem será? — questionou-se.

Quando abriu a porta, a Sra. Gillingham, a vizinha que mora ao lado da Sra. Abbey, estava do lado de fora. Ela usava um monte de colares, esmalte rosa e brincos enormes. Gosto dela porque ela tem cheiro de massa folhada e sempre me dá um monte de doces no Natal.

— Oi, oi, amor! — falou. Deu-me um abraço. — Graças a Deus você está de volta bem e em segurança! Mas, minha nossa, aquilo foi corajoso, não foi? A mulher do jornal disse que foi para ajudar os refugiados!

— Perdão, Sra. Gillingham — chamou mamãe, franzindo o rosto —, você disse que ouviu isso no *jornal*?

— Aaah! Estava em todo lugar na TV! Em TODO lugar! — respondeu animada. — Acho que você irá receber chamadas dos repórteres em breve!

— Bem, sim... Obrigada por nos informar, Sra. Gillingham. — Mamãe começou a fechar a porta. — É melhor descansarmos um pouco. Foi um dia longo...

Ela acenou para a vizinha do lado de fora e olhou para mim.

— Hm, o jornal...

Bem quando a campainha tocou novamente.

— Quem é? — chamou mamãe.

— É o Sr. Rashid — disse uma voz masculina. Ouvimos um alto “ai!” antes que ele adicionasse: — *E* a Sra. Rashid!

Mamãe olhou surpresa para mim e abriu a porta novamente.

Dessa vez, exatamente onde a Sra. Gillingham havia estado parada, estavam o Sr. e a Sra. Rashid. Eles vivem um andar abaixo de nós e têm gêmeos. Dá

para dizer quando estão em casa porque sempre deixam o carrinho de bebê na passagem das escadas — é grande demais para passar pela porta da frente.

Normalmente só os vemos no elevador ou quando precisam de ajuda para passar o carrinho pelo portão principal, mas gosto deles. Especialmente a Sra. Rashid, porque ela usa as roupas mais coloridas possíveis. Uma vez ela usou um longo e esvoaçante vestido que tinha milhões de lantejoulas minúsculas e fazia com que ela brilhasse feito um peixinho dourado. Ela está sempre sorrindo e rindo com os bebês, e o Sr. Rashid gosta de gritar o resultado dos jogos de críquete para qualquer um que ele encontrar. Mas essa era a primeira vez que vinham ao nosso apartamento.

— Olá — disse a mamãe.

A Sra. Rashid ergueu o telefone.

— Acabamos de ler! — gritou, empurrando o aparelho na mão da mamãe e apontando a matéria com uma foto de vários dos guardas do palácio parados perto de alguém deitado no chão. — Você foi tão valente. Agora a Rainha não pode mais ignorar o que está acontecendo com aquelas famílias! Não tenho dormido por meses pensando nisso. Meses! Me deixa tão brava! Todas essas pobres pessoas com seus bebezinhos, apenas tentando... viver...

— Enviamos roupas de bebê e sapatos sempre que podemos, mas não temos muito dinheiro para esbanjar — continuou o Sr. Rashid, sua voz repentinamente pesada e vacilante.

— E agora... — A Sra. Rashid me viu por cima do ombro da mamãe e se ajoelhou. — Ah, amorzinho! Por favor, deixe-me te abraçar!

Hesitei por um momento — não gosto muito de ganhar abraços. Mas ela parecia legal, então lentamente andei até lá e deixei que me abraçasse, depois retribuí o abraço.

— Se seu amigo refugiado precisar de alguma ajuda, qualquer coisa, por favor, diga para nós — ela falou, tocando minhas bochechas. — Ok?

— Promete? — o homem insistiu, seus olhos grandes e sérios.

Assenti, porque sabia que Ahmet provavelmente gostaria do Sr. e da Sra. Rashid e não se importaria que eu pedisse ajuda a eles.

— Bom. E você se cuide. — Sorriu abertamente, enquanto ele e a Sra. Rashid davam meia volta e seguiam para as escadas.

— Nossa, este está se tornando um baita de um dia, não está? — Mamãe riu, olhando para mim e balançando meus ombros.

Mas, antes que ela pudesse fechar a porta, a cabeça enorme do Sr. Greggs surgiu.

Dei um passo para trás e escondi-me atrás da minha mãe, porque não gosto dele de jeito nenhum, mesmo que sempre se vista de terno e tire o chapéu ao

ver alguém que goste.

Dava para dizer que a mamãe não gostava dele também, porque nunca dizia “olá” quando o via, sendo que sempre dizia “olá” para todo mundo. Até mesmo o homem que dorme na porta da loja do Sr. Polezki na esquina da nossa rua.

— Sim, Sr. Greggs. O que posso fazer por você? — perguntou a mamãe em seu tom mais educado.

Ela apenas usa essa voz quando fala com pessoas que não gosta. Como a tia Christina ou o homem de prancheta que chama a si mesmo de Cenho Rio.

O Sr. Greggs limpou a garganta e disse:

— Passei apenas para dizer que essa sua criança deveria se preocupar com seus próprios problemas. Essas pragas desses refugiados estão aqui apenas porque querem uma parte dos nossos benefícios! Vocês deveriam saber, isso devia ter sido ensinado.

Olhei para o rosto da mamãe e vi que ele tinha ficado tão branco quanto nossos pratos de jantar enquanto ela encarava o Sr. Greggs sem piscar.

— Terminou? — disse em um tom que era tão frio que quase não reconheci.

— Tudo que estou dizendo é que essa criança quase foi *morta* hoje por causa de pragas imigrantes que querem uma vida mole sem ter que trabalhar todo dia! Quer dizer, sei que você não é exatamente branca, mas está aqui tempo suficiente para saber disso... certo?

— Sr. Greggs! Isso PASSOU dos limites! — disse a mamãe, sua voz fria e formal. O olhar se estreitou e as mãos se tornaram bolinhas apertadas. — Você e suas opiniões não são bem-vindas aqui. Por favor, saia.

Dando um passo para trás, mamãe bateu a porta tão alto quanto pôde, então, em um segundo o Sr. Greggs estava lá e no outro não. Podíamos ouvi-lo reclamando conosco do outro lado, mas, depois de poucos segundos, sua voz começou a ficar mais e mais fraca.

— Homem *desprezível*! — murmurou a mamãe, fechando o ferrolho extra da porta. — Com seu paletó e lenço de pescoço, tentando esconder sua intolerância...

— Por que ele está tão bravo, mamãe? — perguntei, deslizando minha mão para dentro das dela. — E por que ele chamou os refugiados de “pragas”?

— Porque ele é um homem sem coração, egoísta, que odeia demais todo mundo para querer ajudar alguém — ela respondeu. — Até mesmo crianças refugiadas como Ahmet.

— Ah — soltei, questionando-me como alguém podia odiar uma pessoa que estava fugindo de valentões e bombas. O Sr. Greggs claramente nunca tinha

conhecido alguém como Ahmet antes, porque, se tivesse, não teria dito algo tão horrível sobre uma pessoa que teve que se tornar um refugiado.

— Agora, vamos esquecer o Sr. Greggs e ver o que os jornais estão dizendo sobre você, certo? — Ela bagunçou meu cabelo e trocou o canal da TV, enquanto corri pulando no sofá.

Depois de alguns segundos, uma apresentadora surgiu na tela. Sua voz era calorosa quando disse:

— Hoje, um incidente no Palácio de Buckingham adicionou alguns passos extras à cerimônia da Troca da Guarda, quando uma criança de nove anos correu e interceptou um dos guardas da Coldstream.

Enquanto ela falava, a imagem trocou e eu apareci na tela correndo do público e alcançando o braço do guarda do Palácio com Tom apenas alguns passos atrás de mim. Meu rosto parecia tão assustado que me fazia perguntar como eu havia feito aquilo. Nunca tinha visto alguém que eu conhecia na televisão antes e foi a coisa mais estranha do mundo não apenas me ver lá, mas ter feito alguma coisa que a apresentadora estivesse falando.

— Descobriu-se que a criança em questão queria entregar um bilhete para a rainha pedindo ajuda para um garoto refugiado que procura por seus pais após fugirem juntos dos conflitos que acontecem na Síria. Estamos esperando uma resposta oficial do Palácio de Buckingham ainda esta noite.

Mamãe rapidamente trocou de canal. Outro apresentador estava falando e atrás dele estava uma foto minha, parecendo em choque e com medo.

— A Guarda da Rainha teve um encontro inesperado hoje, quando uma criança passou pelas barreiras durante a famosa cerimônia de Troca da Guarda. Diz-se que o ataque foi feito em protesto contra a má condução do governo na crise dos refugiados.

— Mas eu não ataquei ninguém! — gritei. Mamãe assentiu, mas não disse nada, e, em vez disso, trocou de canal para outro noticiário.

O terceiro apresentador me confundiu mais, porque disse:

— Uma criança de nove anos disparou um alerta terrorista hoje depois de atrapalhar a cerimônia da Troca da Guarda e levantou questões mais amplas sobre segurança...

Mamãe se inclinou e colocou no mudo.

— Mas eu não quis machucar ninguém! — falei, tentando não chorar. — Por que eles acham que eu sou ter... terro... terrorista?

Mamãe suspirou com tristeza e, abrindo os braços, puxou-me na sua direção.

— Há pessoas tolas no mundo, amorzinho. Pessoas que têm tanto medo de qualquer um que não se pareça ou se vista como elas, que coma a mesma comida

que elas, que chamam o outro, mesmo crianças como você, de todo tipo de nome tolo.

— Mas eu como de tudo! — retruquei, sentindo a confusão. — Exceto brócolis e feijão cozido. E o que há de errado com o que eu visto?

— Nada de errado — falou. — Mas eles ainda se assustam com você, porque não se parece com eles — terminou, acariciando minha mão.

— Então... eu *assusto*? Só porque sou diferente? — questionei.

— Sim. — Mamãe assentiu. — Bobagem, né?

Encostei-me na mamãe e caí em um Pensamento Profundo. Isso acontece quando seu cérebro cai dentro de um buraco gigante bem no meio da sua mente e tem que tentar colocar todas as partes de um pensamento no lugar para que ele faça sentido. E já que seu cérebro está trabalhando tanto, não dá para pensar, falar ou ver nada mais. Tudo o que você realmente consegue ter na cabeça é o Pensamento Profundo.

O Pensamento Profundo em que minha mente se encontrava envolvia perguntas de como alguém podia se assustar comigo só porque eu não me parecia com ele. Todo mundo na escola tem aparências diferentes e gosta de coisas diferentes — além de ter pais que vieram de lugares distintos. Os pais do Tom vieram de lugares diferentes nos Estados Unidos — um chamado Flórida e outro chamado Califórnia. A mãe do Michael veio de um lugar chamado Nigéria e o pai dele é da França, razão pela qual sempre viaja nos feriados e já viu uma girafa e um elefante na floresta. A mãe da Josie veio de Barking e o pai, de Bradford, motivo de falarem de forma diferente e o pai dele sempre soar como se estivesse fazendo uma pergunta, mesmo quando não está. Mamãe e tio Lenny nasceram em um lugar bem longe, em que eu nunca estive, chamado Indonésia e o papai nasceu na Áustria. A Sra. Abbey disse uma vez que eu tinha sorte de ter pais de lugares diferentes, porque significava que nunca teria que sair de férias para me bronzear.

Gosto de parecer que tenho um bronzado e que todo mundo se pareça diferente. Seria chato se todos fossem iguaizinhos.

— Mãe? — perguntei, porque o Pensamento Profundo começou a me dar Dor de Cabeça. — Isso significa que os Guardas Especiais da Rainha ficaram assustados comigo também?

Encarando-me, perguntou:

— Eles *pareciam* assustados com você?

— Não — respondi depois de pensar bastante. — Eles foram legais.

— Bem, então — replicou, acariciando meu cabelo. — O que você precisa sempre se lembrar é de que, para cada pessoa tola que tem medo de você, existem vinte que não são nada tolas.

— Ok — respondi, sentindo-me melhor. Era bom saber que existiam mais pessoas legais no mundo do que pessoas tolas.

Foi então que um rosto conhecido surgiu na tela da TV.

— Mãe! Olha! É o taxista! — gritei, demonstrando minha animação. — Ele nos levou da estação até o Palácio da Rainha... e não pegou dinheiro da gente!

Mamãe tirou do mudo e nós ouvimos, enquanto uma grande faixa vermelha apareceu com “Stan O’Connell, motorista de táxi” debaixo da imagem do seu rosto sorridente.

— Eram apenas crianças — disse, empolgado. — Crianças inocentes, sabe?

Um homem próximo a ele, que devia ser o repórter, já que estava segurando um microfone, disse:

— E você não teve a impressão de que estavam planejando nenhum tipo de protesto ou ataque?

Mamãe soltou um som bravo com a garganta e a vi negando com a cabeça.

Mas Stan, o taxista, sorriu novamente e respondeu:

— Não tive essa impressão, porque não foi o que aconteceu. Pode me perguntar outras cinco vezes se quiser!

Isso fez a mamãe explodir em uma risada, depois dizer que estava feliz por eu ter conhecido um taxista que era tão bom e divertido quanto meu tio Lenny.

Logo em seguida, o telefone começou a tocar. Era meu tio para confirmar se eu estava bem. Depois dele, várias outras pessoas ligaram também, mas era gente que não conhecíamos — repórteres dos jornais. No final, mamãe desligou o telefone e disse que era hora de colocar essa aventura para dormir — porque o amanhã traria uma nova aventura para nós.

Ela me deixou ir para a cama trinta minutos mais tarde naquela noite, porque eu queria assistir aos jornais de novo. Um monte de gente havia tirado fotos e feito vídeos enquanto eu corria na estrada. Era estranho ver coisas que eu não tinha conseguido ver por conta própria na hora, mesmo que estivesse lá e que tudo tenha acontecido comigo. Não tinha percebido quão empolgante foi. Assim que corri pela estrada, a polícia começou a gritar e empurrar o público para trás, cercando-me em um grande círculo, e todos os guardas pararam de tocar seus tambores e trombetas, fechando as portas do palácio. Parecia que eu estava assistindo a um filme estrelado por alguém que se parecia comigo, mas não era eu de jeito nenhum.

Deitei na cama naquela noite tentando dar sentido a tudo que tinha acontecido. Mas meu cérebro parecia confuso e cansado, então, no final, eu desisti e fechei os olhos. Nada disso realmente importava, de todo jeito. O que importava era

que eu tinha entregado nosso bilhete para o guarda, que havia me dado a palavra de que contaria para a Rainha sobre Ahmet.

E assim que ele fizesse isso, ela mandaria a Guarda Especial dela para encontrar a família do Ahmet. Antes que os portões se fechassem e fosse tarde demais.



Siguros no mundo inteiro

Em vez de ir trabalhar na manhã seguinte, mamãe decidiu caminhar até o ponto de ônibus comigo. Ela disse que era porque Tom e eu éramos famosos agora e, mesmo que provavelmente isso não passasse de um dia, precisávamos ser cuidadosos.

— Só quero ter certeza de que você não vai sofrer perseguição de repórteres — disse, ajudando-me a colocar o casaco. — Alguns deles são boas pessoas fazendo seus trabalhos, mas *outros* não possuem absolutamente nenhum escrúpulo!

Segui mamãe para fora do apartamento perguntando-me o que era “escrúpulo”, porque ela tinha parecido brava quando havia dito a palavra, então eu sabia que era ruim não ter nada disso. Também me perguntei por que repórteres poderiam nos perseguir. Tintim, que é um dos melhores repórteres do mundo, apenas perseguiu sequestradores, ladrões ou pessoas que tinham feito algo errado.

Quando chegamos ao ponto de ônibus, encontramos a mãe do Tom e o pai dele lá também. Mamãe foi falar com eles, Tom e eu ficamos juntos.

Ele falou que seus pais haviam dito que, se fugisse da escola novamente, ficaria trancado de castigo e nunca mais veria a luz do dia outra vez.

— Mas falei para minha mãe que a luz passa pelas cortinas de qualquer jeito, mesmo quando estão fechadas. Aí, quando assistimos ao jornal, ela gritou, me abraçou e disse que fui muito corajoso — contou, coçando a cabeça. — Eu não entendi.

Contei que também não tinha entendido e sobre tudo que havia acontecido comigo depois que eu tinha chegado em casa — todos os vizinhos que tinham aparecido, o horrível do Sr. Greggs e que mamãe tinha ficado brava em um momento, depois, feliz; e que ela tinha rido do que Stan, o taxista, havia dito.

— Ah, sim. Papai o aplaudiu também. — Tom sorriu abertamente. — Nunca o vi aplaudir ninguém. Exceto quando deixamos minha avó no aeroporto depois de ela ter ficado conosco por um mês.

Ouvimos passos e Josie e Michael vieram correndo para nos encontrar.

— Vimos vocês nos jornais.

— Entregaram o bilhete a eles? O que disseram?

Assim que os dois terminaram de fazer as perguntas, Tom e eu nos revezamos para responder. Enquanto falávamos, um grupo nos rodeou, perguntando se Tom e eu éramos as crianças dos jornais. Estávamos prestes a dizer que sim, quando o pai do Tom nos chamou.

— Escutem — começou a falar, abaixando-se. — Vai haver *um monte* de gente querendo fazer todo tipo de perguntas a vocês sobre ontem. E mesmo que possam contar para a Josie, o Michael e a Sra. Sanders sobre tudo...

— E para a Sra. Khan? — adicionei.

— Sim... E para a Sra. Khan...

— E para a Srta. Hemsí? — perguntou Josie.

— Ok, para ela também — assentiu, coçando a cabeça do mesmo jeito que Tom faz quando está pensando. — Mas, se *mais* alguém perguntar o que aconteceu, quero que digam exatamente o que adultos dizem quando são famosos e precisam manter segredo. Devo dizer a vocês o que é?

Todos assentimos e olhamos uns para os outros, animados.

— Adultos famosos sempre dizem “sem comentários” quando querem manter segredo — continuou ele. — E é isso que quero que vocês façam. Vamos todos praticar agora. Tom, você primeiro.

— Sem comentários! — Tom obedeceu, empinando o nariz.

— Sem comentários! — Josie falou, sorrindo.

— Sem comentários! — Michael disse, sério.

— Sem comentários! — finalizei, bem alto.

— Ótimo — disse a mamãe. — Se alguém perguntar por que foram ao Palácio de Buckingham, ou o que a polícia disse a vocês, ou qualquer coisa sobre ontem, vocês dirão...?

— SEM COMENTÁRIOS! — todos gritamos, fazendo as pessoas no ponto de ônibus olharem para nós.

Minha mãe e os pais do Tom estavam sorrindo.

— Agora, outra promessa que queremos que todos façam — mamãe continuou. — Queremos que prometam que não irão olhar os jornais hoje.

Nós nos encaramos, franzindo um pouco o rosto, mas assentimos.

— Prometem? — questionou a mãe do Tom. — Nenhum jornal?

— Prometemos — respondemos juntos, apesar de que vi Josie com os dedos cruzados atrás das costas.

— Excelente — disse o pai do Tom, dando-nos um joinha.

— Nós conversamos com a Sra. Sanders esta manhã — avisou a mãe dele. — E um professor, provavelmente a própria Sra. Sanders, irá encontrá-los nos portões para se certificar de que não serão incomodados por um repórter ou dois. Serão levados direto para o escritório dela, porque ela precisa ter uma palavrinha com vocês antes das aulas começarem.

— Ah, não — reclamou Michael. — Estamos todos com problemas... Meus pais vão ficar sabendo?

— Vai ficar tudo bem, filho — falou o pai do Tom, dando tapinhas no ombro do Michael. — Eu prometo.

— Agora vão em frente, tenham um bom-dia — desejou mamãe, enquanto nosso ônibus fez uma parada barulhenta em frente a nós. — Vemos vocês à noite, venham todos direto para casa! — gritou.

Assentimos e acenamos, correndo para o nosso lugar de sempre. Os outros passageiros olharam para Tom e eu com o rosto franzido antes de voltarem a encarar os jornais e roubarem outro olhar para nós. Passamos apressados por eles e sentamos juntos em um pequeno amontoado.

Sussurrando, Josie e Michael contaram sobre o dia anterior. Foi animador também. Josie disse que precisou inventar uma história sobre comida chinesa e incontáveis baldes de vômito para fazer a Sra. Khan acreditar que eu estava doente, mas voltaria no dia seguinte. Michael fingiu que tinha perdido a voz para não ter que dizer nada para a Sra. Khan quando ela perguntou onde Tom estava. Mas, é claro, ele continuava esquecendo que devia estar sem voz, então Josie teve que chutá-lo várias vezes para fazê-lo lembrar. Mas aí, quando a polícia ligou para contar à Sra. Sanders o que tinha acontecido, ela os tirou de sala e os fez falar tudo.

— É... A Sra. Sanders disse algo sobre nos dar detenção? — perguntou Tom.

Nossos amigos negaram com a cabeça.

— Mas a Sra. Khan parecia brava — avisou Josie, olhando para baixo. — Eu me senti mal mentindo para ela.

— Eu também — revelou Michael.

— Talvez devêssemos fazer um cartão para ela — sugeriu Josie.

— Sim. E ainda temos alguns biscoitos da Rainha que sobraram. Podemos dar a ela para a hora do chá — adicionou Tom.

Mas, quando chegamos à escola, esquecemos a Sra. Khan, porque o local estava cercado por centenas de vans com uma antena redonda enorme no teto, além de luzes, microfones e coisas fofas cinza em um bastão. Encarando-nos, havia centenas de câmeras com pernas, parecendo insetos de um olho só que poderiam dar um zoom para aumentar e diminuir e mover suas cabeças em qualquer direção que quisessem. Todos tinham pessoas pulando para cima e para baixo por trás deles. Enquanto caminhávamos em direção aos portões, uma mulher gritou:

— Aqui estão eles! — E começou a correr para nós.

Pude ver o Sr. Irons parado perto dos portões, encarando-nos, seus olhos estreitos e o nariz apontado para o ar. O bigode estava enrugado.

— Sem comentários! — gritou Michael, correndo em direção aos portões.

Corremos também, mas, antes que pudéssemos chegar lá, várias câmeras, braços e pernas nos rodearam e bloquearam nosso caminho.

— Que mensagem vocês estavam tentando mandar para o governo?

— Foi um ato de protesto pelas crianças refugiadas ao redor do mundo?

— O que estava no bilhete?

— Quem mandou vocês fazerem isso?

— De onde vocês são? Nasceram neste país?

— Quer nos vender sua história?

Em todo lugar para onde olhávamos, havia lentes, luzes e sons de clique. Agarrei-me à Josie, Michael e Tom enquanto as máquinas de um olho só nos empurravam juntos em um círculo. Comecei a ouvir a respiração da Josie ficar mais forte — ela não gostava de espaços apertados — e minhas mãos estavam começando a suar. Michael e eu gritamos “SEM COMENTÁRIOS”, mas acho que ninguém conseguiu nos ouvir.

— TODOS PARA TRÁS AGORA MESMO! — veio o grito. Tão rápido quanto as câmeras, os repórteres e os microfones assustadores nos cercaram, eles se moveram instantaneamente para longe e conseguimos respirar novamente. — QUE FALTA DE VERGONHA! — berrou a mesma voz familiar, que estava chegando mais e mais perto de nós. — COMO SE ATREVEM A ASSEDIAR MINHAS CRIANÇAS? — Vimos a Sra. Sanders empurrando as câmeras como um touro de rosto vermelho e esticando as mãos para nós. — FIQUEM FORA DA PROPRIEDADE DA ESCOLA! E, SE EU VIR ALGUÉM PERTO DESSAS CRIANÇAS NOVAMENTE, CHAMAREI A POLÍCIA E A GUARDA DA RAINHA!

Agarrando minha mão, a Sra. Sanders entrou pelos portões da escola como uma tempestade, puxando-nos como a linha de uma pipa atrás dela. Ela parou brevemente na frente do Sr. Irons, que estava parado na porta interna da escola.

— SR. IRONS! VOCÊ FOI ESPECIFICAMENTE INSTRUÍDO A ESPERAR E TRAZER ESSAS CRIANÇAS EM SEGURANÇA. ONDE VOCÊ ESTAVA?

O professor nos deu um olhar frio, seu nariz em silêncio mortal.

— Temo não tê-los visto — respondeu, seu olhar nos fuzilando e seu bigode começando a se retorcer.

— VOCÊ NÃO OS VIU?! FIQUE AQUI! FALAREI COM VOCÊ MAIS TARDE.

Empurrando as portas, a diretora nos levou para dentro e parou para nos olhar com cuidado. Ela estava o mais brava que já vi e todo seu rosto tinha um tom extra de vermelho.

— Vocês estão todos bem? — perguntou, a voz voltando ao volume normal, mas ainda tremendo.

Todos assentimos, surpresos demais para falar qualquer coisa.

— Alguém ferido?

Negamos com a cabeça.

— Bom. Agora, todos direto lá para cima, no meu escritório — ordenou, olhando por cima dos óculos para nós. — Encontrarão a Sra. Khan lá, junto com o Ahmet, sua mãe adotiva e a Srta. Hemsí, além de dois policiais que querem dar uma

palavrinha rápida. Estarei lá em um minuto. Preciso falar com o Sr. Irons! — Afastando-nos com a mão, ela correu para fora novamente.

Acho que há dois tipos de medo no mundo. O primeiro é quando você fez algo errado, como quebrar o vaso favorito da sua mãe por acidente e ter medo de ela descobrir, mas, ao mesmo tempo, por ser sua mãe, você sabe lá no fundo que ela nunca irá puni-lo de forma horrível porque sabe que acidentes acontecem.

Mas há outro tipo de medo. É quando algo que você nunca imaginou que aconteceria simplesmente acontece. E a ideia disso é tão horrível que você quer fugir. Só senti esse tipo de medo uma vez antes. Foi quando vi mamãe parada no corredor do hospital chorando e soube bem ali que algo ruim tinha acontecido com meu pai.

Estava sentindo o segundo tipo de medo novamente e isso me fazia querer vomitar por todo o chão. Nunca havia pensado que a Melhor Ideia do Mundo nos colocaria em problemas com a polícia. E nunca tinha imaginado que isso deixaria Ahmet em apuros também. Não queria que ele ficasse bravo conosco. Mas, e se ele nos odiasse por não termos contado o plano para ele — e por as pessoas dos jornais agora saberem a seu respeito, mesmo que não tivéssemos essa intenção?

— Vamos lá — disse Josie, colocando o braço por cima do meu ombro.

Juntos, andamos em silêncio até o escritório da Sra. Sanders. Respirei fundo e, temendo o pior, abri a porta.

Mas, em vez de olhares de raiva e acenos de desaprovação, encontramos todo mundo sorrindo para nós. A Sra. Khan correu e nos deu um abraço, assim como a Srta. Hemsî. Ahmet olhou para nós com seus olhos de leão enormes e nos deu um aceno. A mãe adotiva dele estava segurando as mãos perto dos lábios, como se estivesse rezando, e ficava dizendo: “crianças queridas!”. Dois policiais estavam parados perto da porta, mas também não pareciam bravos e apenas assentiram e sorriram para nós.

— Venham se sentar — chamou a Sra. Khan, guiando-nos para as quatro cadeiras que estavam espremidas na frente da mesa da Sra. Sanders.

Todos nos sentamos. Eu estava sentindo uma inquietação por dentro, mas, pelo menos, não estava me sentindo doente mais.

— Assim que a Sra. Sanders voltar, queremos ouvir tudo o que aconteceu ontem — a professora explicou. — A Srta. Hemsî irá traduzir tudo para o Ahmet. E queremos que falem devagar, porque tudo é muito importante.

— Mas, professora... e o primeiro tempo? — sussurrou o Michael, mostrando a ela seu relógio, que começava a piscar em azul. Assim que ele o ergueu, o sinal começou a tocar.

— Não se preocupe. — Sorriu. — A Srta. Stevens ficará com a turma esta manhã.

Imediatamente nos sentimos mal por todo mundo da turma. A Srta. Stevens estava estudando para ser professora, mas era muito chata e sempre passava tanto tempo escrevendo no quadro que todo mundo torcia para que ela nunca se formasse.

A Sra. Sanders entrou e, espremendo-se para passar por todo mundo, sentou-se em sua grande cadeira que tinha um travesseiro amassado de veludo verde.

— Certo! — disse, batendo palmas uma vez. — Comecem!

Devagar no começo, depois ficando mais e mais rápido, começamos a falar. Contamos sobre como ficamos amigos do Ahmet e que queríamos ajudar após descobrirmos onde seus pais poderiam estar. Falamos sobre termos ouvido que os portões da fronteira iriam ser fechados e sobre os planos que havíamos criado para ajudar. Deu para ver a Sra. Hemsî explicando tudo para o Ahmet e seus olhos ficando cada vez maiores. Mas, só quando peguei meu livro de exercícios e mostrei a Melhor Ideia do Mundo e o Plano de Emergência, ele pulou da cadeira e veio ficar perto de mim. A Srta. Hemsî ficou de pé também enquanto seguimos falando sobre a carta para a Rainha, os presentes que pretendíamos dar a ela, o taxista Stan, a paramédica Davinder e os guardas Super-Super Especiais da Coldstream, que tinham feito uma promessa para nós.

Ninguém nos fez perguntas. Nem mesmo uma. Eles apenas ficaram sentados escutando e assentindo enquanto a Srta. Hemsî murmurava o que estávamos dizendo no ouvido do Ahmet. Era estranho ter tantos adultos sentados, ouvindo como se nós fôssemos eles e eles fossem a gente, mas era uma sensação boa também.

Quando dissemos tudo que havia para dizer, a Sra. Sanders assentiu e uniu as mãos.

— Bem — começou, encostando-se na cadeira. — Quase não sei o que dizer. — Ela se inclinou para a frente e pegou meu livro de exercícios com a Melhor Ideia do Mundo. — Mas, o que eu posso dizer é que Ahmet é muito, *muito* sortudo por ter amigos que estão tão motivados a ajudar a ele e sua família.

A Sra. Khan concordou e vi os dois policiais fazendo o mesmo.

— Mas, para ser clara... — continuou, olhando por cima dos óculos para nós. — O que vocês fizeram é extremamente perigoso. E o seu plano, ou qualquer outro parecido, não deve nunca, *nunca* ser colocado em prática novamente. Entenderam?

Assentimos em silêncio. Conseguia sentir minhas bochechas ficando quentes e vi as orelhas do Tom ficarem instantaneamente vermelhas.

— Vocês mentiram para a Sra. Khan, deixaram a escola sem permissão e colocaram-se em grande perigo. Comportamentos como esses normalmente

levariam à suspensão temporária da escola.

Josie ofegou e Michael estremeceu. Pude ouvir Tom engolindo nervosamente e até Ahmet parecia assustado.

A Sra. Sanders continuou:

— Entretanto, conversamos com seus pais e conseguimos entender completamente que pensaram que isso era uma emergência. Então...

Olhei para a diretora e pude sentir todo mundo fazendo o mesmo.

— Nesse caso, vocês não serão suspensos.

Tom gritou um pequeno “siiim!”, Josie soltou um enorme bufo que estava fazendo suas bochechas incharem e Michael deu um longo suspiro. E, assim que a Srta. Hemsli disse o que tinha acontecido para Ahmet, ele comemorou e aplaudiu. Mas, mesmo me sentindo feliz, não conseguia ficar completamente contente, porque ainda queria saber uma coisa.

— E a família do Ahmet? A Rainha já os encontrou?

A Sra. Sanders negou com a cabeça e lentamente se inclinou para a frente.

— Acho que vocês devem saber que a Rainha... Bem, há coisas que nem mesmo ela pode fazer.

— Mas ela é a *Rainha*. — Tom franziu o rosto. — Ela pode fazer o que quiser!

Pude ver Ahmet encarando a Sra. Sanders como se o que ela havia dito também não fizesse sentido para ele.

Mas a diretora negou com a cabeça.

— Temo que isso não seja verdade. Tenho certeza de que a Rainha adoraria tentar ajudar Ahmet de alguma forma, mas duvido muito que ela tenha permissão de enviar mais pessoas para encontrar a família dele. Especialmente já que ninguém sabe onde eles estão.

Ao ouvir as palavras da Sra. Sanders, senti algo pesado me atingir no meio do peito. Queria dizer que ela estava errada — que a Rainha poderia ajudar a qualquer um se realmente quisesse. Mas, mesmo que minha boca tivesse se aberto, não consegui dizer nenhuma palavra.

— Sei que pode ser uma grande decepção — falou a Sra. Sanders, olhando para todos nós e passando mais tempo em mim. — Mas Ahmet tem um monte de gente tentando ajudá-lo a encontrar seus pais. Acho que, mesmo se eles o encontrarem, pode levar muito tempo até que possam vir para cá. Meses, talvez anos. É por isso que ele está morando com a Srta. York por enquanto — adicionou, acenando para a mãe adotiva dele.

Permanecemos em silêncio. Mesmo que eu não quisesse, pude sentir meus olhos ficarem molhados e meu nariz começando a coçar, além de algo pesado afundando no meu estômago.

Tudo que fizemos havia sido por nada. E a Melhor Ideia do Mundo era a Mais Estúpida Ideia do Mundo. Na verdade, era provavelmente a Mais Estúpida Ideia do Universo Inteiro! E eu sabia que todo mundo estava pensando nisso também.

— E agora — a diretora disse gentilmente —, quero mostrar algo a vocês. — Ela pegou o jornal de dentro da bolsa e colocou em cima da mesa, em frente a nós.

Olhei para Michael, Tom e Josie, mas achava que deviam ter esquecido a promessa que havíamos feito, porque imediatamente começaram a ler o jornal. Então sequei os olhos e olhei também. Sabia que devia ser ok quebrar uma promessa para a sua mãe se a diretora dissesse para fazer.

Uma manchete enorme nos encarava na página principal e, junto disso, havia uma imagem borrada do momento em que eu estava correndo até o Guarda da Rainha com Tom atrás. Dava para dizer que era eu por conta da minha mochila azul, mas não dava para ver meu rosto direito.

O jornal se parecia com isto:

LONDON *News*

10 de Maio

10 de Maio de 2015

10 de Maio

QUEM É AHMET? E COMO PODEMOS AJUDAR?

A TEMPESTADE DE 9 ANOS DE
IDADE NO PALÁCIO QUE TENTOU
AJUDAR UM GAROTO REFUGIADO

Uma tempestade de 9 anos de idade no palácio que tentou ajudar um garoto refugiado

Uma tempestade de 9 anos de idade no palácio que tentou ajudar um garoto refugiado



A matéria dizia que o jornal iria fazer um apelo internacional para encontrar os pais do Ahmet, o que fez Josie sorrir e sussurrar:

— Viu?

Era isso que dizia:

Ontem à tarde, vimos séculos de tradição serem desfeitos quando a cerimônia da Troca da Guarda foi interrompida por duas crianças de nove anos. Ultrapassando as barreiras, elas tentaram dar a um dos guardas do palácio de Sua Majestade uma nota escrita pedindo para a Rainha ajudá-las a encontrar a família de um garoto refugiado conhecido apenas como “Ahmet”.

As ações decisivas dessas crianças serviram para nos lembrar da hesitação vergonhosa e do medo que geralmente governam nossas atitudes — e as daqueles no governo.

Então, quem é Ahmet e onde está sua família?

Este jornal está determinado a ajudar e pede aos leitores, aos nossos líderes e políticos para fazerem o que for possível não apenas para encontrar a família perdida desse jovem garoto, mas também para reuni-los aqui, em solo britânico.

Talvez sejam as ações dessas crianças que irão inspirar políticos ao redor do mundo a finalmente dar atenção à situação das crianças refugiadas em todos os lugares. Uma resposta adequada para uma jovem criança, cuja história ainda temos de conhecer, que ganhou fama pelo ato ousado de uma amizade verdadeira. Pedimos a todos vocês para não deixarmos as atitudes corajosas dessas crianças serem em vão. Ajudem-nos a encontrar a família do Ahmet!

Depois que terminamos, a Sra. Khan colocou o jornal para baixo e olhou para nós com as sobrancelhas erguidas.

— Então, viram? — disse, unindo as mãos e colocando-as debaixo do queixo. — Nem tudo está perdido. Mesmo se a Rainha não puder fazer tanto quanto ela gostaria, há um mundo inteiro sussurrando o nome do Ahmet e tentando pensar em como ajudar.

Mais tarde naquela manhã, enquanto me sentava na aula, pensei sobre o que a Sra. Sanders tinha dito. Pensei nos Sussurros no Mundo Inteiro sendo feitos naquele momento e me perguntei quanto tempo demoraria a chegar até as pessoas nos portões das fronteiras — e nos pais do Ahmet também.

Nunca tinha pensado em quão alto um sussurro poderia ser se houvessem vários e vários dele. Então, naquele dia inteiro, sussurrei “ajudem o Ahmet” em voz alta também, sempre que podia. Assim como Tom, Michael e Josie. E sempre que fazíamos isso juntos, nossos sussurros faziam com que soássemos como um oceano.

23

*Brendan Valentão e as
notícias urgentes*

Existem alguns dias que você não quer esquecer nunca. Como aniversários, passeios da escola e dias de aventura.

E existem outros dias em que você quer esquecer tudo que aconteceu. Tipo quando os valentões o incomodam ou quando adultos te dão bronca por ter feito algo que não fez. Ou quando alguém que você ama morre do nada.

E, então, existem os Dias de Montanha Russa. São aqueles que em um momento você está tão feliz quanto se fosse seu aniversário, mas, a seguir, sente-se tão triste que quer se esconder na cama até que tudo acabe.

Aquela sexta-feira, o dia após o que descobrimos sobre os Sussurros no Mundo Inteiro, foi um Dia de Montanha Russa.

Depois da chamada daquela manhã, a Sra. Khan imediatamente disse para todo mundo deixar as coisas na mesa, porque tínhamos que ir a uma assembleia escolar de emergência. Só tínhamos esse tipo de reunião quando algo ruim acontecia — tipo uma briga ou algo que tivesse sido roubado de um professor. Mas Josie bateu as mãos e perguntou:

— Não acha que podem ter achado os pais do Ahmet?

Aquilo fez meu coração pular e senti que estava voando — talvez a assembleia de emergência *fosse* por isso. Olhei para Ahmet e dei a ele um aceno animado.

Mas não era por causa disso. A Sra. Sanders apenas queria dizer para todo mundo se comportar o máximo possível — até mesmo os professores — porque os repórteres em volta da escola claramente “não iriam a lugar algum tão cedo” e tinham colocado a escola “no radar mundial”. Escutar isso fez todo mundo sentar direito, apenas para o caso de ter um radar gigante sendo enviado do espaço sideral para nos espionar.

Então a diretora disse que, se alguém falasse com um repórter sobre mim, Tom ou Ahmet, ou nos fizesse perguntas a respeito do que tinha acontecido, a polícia saberia e a pessoa poderia ser expulsa. Isso fez com que todo mundo se virasse para nos encarar e ouvi a Jennie dizendo em voz alta:

— Viu? Falei que era verdade! Eles invadiram a casa da Rainha!

E alguém respondeu:

— Eles deviam ter usado uma máscara! Aí não seriam pegos.

Mas não nos importamos — Josie e Tom até começaram a agir como pessoas famosas, acenando para todos.

Mas, quando estávamos saindo do auditório, Brendan Valentão nos empurrou e sussurrou “saco fedorento de refugiado!” para o Ahmet. Chris e Liam socaram os punhos nas mãos, o que significava que iriam nos bater.

Pensei que deveríamos ter dito para à Sra. Khan e a Sra. Sanders bem na hora, mas Ahmet disse para eu não fazer. Falou que valentões faladores são

melhores que aqueles que realmente batem, porque palavras não machucam tanto. Não concordei. Papai sempre dizia que palavras podem doer mais do que socos, porque, quando você fica machucado ou com um hematoma depois, tudo desaparece após um tempo e você consegue esquecer. Mas palavras podem ficar com você por um longo tempo. E as palavras mais maldosas eram as que mais duravam.

Tom também não achava que Ahmet estava certo e disse que deveríamos abaixar as calças do Brendan Valentão na Educação Física. Josie falou que deveríamos juntar todo nosso dinheiro guardado e pagar um dos valentões mais velhos para incomodá-lo por nós. Mas Michael lembrou que incomodar um valentão é algo idiota e que deveríamos apenas ignorar. Então, foi o que concordamos em fazer.

Só que não deu.

Porque, no primeiro recreio, Brendan Valentão começou a fazer algo que me fez odiá-lo mais do que qualquer coisa que já odiei na minha vida inteira. Mais do que beterraba e o Sr. Irons. A Sra. Khan tinha dito que não devemos nunca odiar alguém, porque fazer isso pode nos corroer por dentro e faz mal para o coração. Mas, às vezes, não dá para evitar. Eu não consegui, especialmente quando ouvi Brendan, Liam e Chris cantando uma música que eles tinham inventado.

Era mais ou menos assim:

Ahmet, o refugiado, tem cheiro de caca!

Vamos colocá-lo dentro de uma mala,

E depois vamos dar descarga!

Fiquei com tanta raiva que, assim que ouvi, gritei para que calassem a boca e deixassem Ahmet em paz, assim como Michael, Josie e Tom fizeram. Mas isso só os fez cantar mais e mais alto, o que deixou o rosto do Ahmet mais e mais vermelho.

Olhei em volta procurando por um professor, mas o Sr. Irons era o único por ali e deu para ver na hora que ele tinha ouvido a música do Brendan Valentão também e não faria nada a respeito. Ele ficou lá parado, assistindo-nos com o nariz empinado.

Quando Brendan ia cantar a música pela quarta vez, acho que todos nós esquecemos o que a Sra. Sanders tinha dito sobre nos comportarmos, sobre o radar gigante e sobre haver vários repórteres em todo lugar. Porque, na mesma hora, sem nem pensar sobre isso, saí correndo na direção dele — meus amigos fizeram o mesmo! Nós batemos uns nos outros e, caindo no chão, começamos a bater e chutar Brendan Valentão, Liam e Chris o mais forte que podíamos. Devo ter levado socos e chutes também, mas estava com tanta raiva que não senti nada.

Ahmet ficou congelado e nos assistiu sem saber o que fazer, mas, depois de alguns segundos, ele rugiu, pulando em cima de Brendan, dando socos nele o mais forte que podia.

A luta não durou mais de um minuto, porque, poucos segundos depois de termos caído no chão, conseguimos ouvir um sussurro apressado na nossa direção e barulhos de cliques sendo pressionados. Vários pares de mãos começaram a nos afastar. Fomos puxados para o interior da escola e para o andar de cima. Quando percebi, estávamos no escritório da diretora, sendo encarados com raiva não apenas por ela, mas também pela Sra. Khan e a Srta. Hemi.

Não consegui entender o que estavam dizendo, porque minhas orelhas ficaram muito quentes, mas acho que ouvi as palavras “envergonhados”, “nunca na história da escola” e “seus pais” serem ditas. Pegamos detenção por brigar — até mesmo o Ahmet. Mas não foi de todo ruim. Quando meus ouvidos esfriaram, Josie contou que a diretora tinha ouvido a música e havia dado ao trio duas semanas de detenção, dizendo que ligaria para os pais deles também!

Mas, acabou que a punição do Brendan se tornou mais séria do que poderíamos imaginar, porque, mais tarde naquela noite, ele e o Sr. Irons estavam nas notícias urgentes.

Em todos os canais e nos jornais do fim de semana, as manchetes eram: “Vídeo de valentão atacando garoto refugiado desperta revolta”, “Professor não faz nada enquanto valentão ameaça garoto refugiado” e “Valentão humilha garoto refugiado”. Estava em todo lugar, então, na segunda-feira de manhã, a escola foi rodeada de ainda mais câmeras, repórteres e vans com antenas no topo do que antes.

Brendan Valentão, Liam e Chris não foram para a escola por três dias após terem virado notícia. Quando apareceram, seus pais os acompanharam e os fizeram se desculpar com Ahmet na frente de todo mundo em uma assembleia matinal. Eles ainda tiveram que cumprir detenção todos os dias por duas semanas! Ficamos todos felizes por eles terem sido pegos pelos jornalistas.

Brendan ainda olhava para Ahmet com uma careta horrível sempre que achava que ninguém estava vendo. Uma vez, no refeitório, ele caminhou na direção do Ahmet com o punho levantado como se quisesse socá-lo. Mas, em vez de ficar com medo, Ahmet apenas o olhou com seus olhos de leão e sorriu. Depois disso, Brendan Valentão nunca mais ficou perto dele.

E, quando achei que as coisas não poderiam ficar melhores, naquela semana o Sr. Irons e seu nariz barulhento desapareceram e nunca mais ouvimos falar dele. A chata da Srta. Stevens assumiu a turma dele, o que provavelmente fez os alunos ficarem mais tristes do que nunca. Porém, ninguém mais se importou, porque todo mundo estava livre para gritar e rir o tanto que quisesse nos intervalos.

Então fizemos isso, só que gritamos e rimos mais alto, por mais tempo e com mais força do que já tínhamos feito antes.

Porque, quando você está brincando com seus amigos e não tem nenhum valentão com quem se preocupar, é exatamente isso que você estará fazendo.



Entrevista

Apesar de Brendan Valentão não estar mais incomodando Ahmet e o Sr. Irons ter ido embora, eu ainda me sentia preocupada. Oito dias inteiros haviam se passado desde a nossa Aventura de Emergência e os pais do Ahmet ainda não tinham sido encontrados. E mesmo que a Sra. Sanders tenha dito que a Rainha não poderia realmente nos ajudar, eu sabia lá no fundo que ainda tinha esperanças de que ela faria alguma coisa.

A parte mais difícil era tentar fazer Ahmet entender que a Rainha não tinha conseguido ajudar. Toda manhã, assim que nos via no parquinho, ele perguntava:

— A Rainha vai encontrar hoje, sim?

Depois de alguns dias tendo que dizer “não” a ele e vendo-o ficar triste, começamos a dar de ombros e dizer “talvez” com tanta esperança quanto podíamos.

— Os portões iam ser fechados na sexta passada — Josie falou em tom baixo, enquanto dava um puxão irritado no rabo de cavalo. Mesmo que não costumássemos fazer Educação Física na quinta-feira, a professora decidiu nos presentear, então estávamos todos sentados em um banco esperando nossa vez no brinquedo de escalada e nos sentindo tristes.

— Ahmet, sua vez — avisou Tom, apontando para o espaço vazio no brinquedo.

Ele correu para as barras e saltou no degrau mais alto que pôde alcançar. Ele era muito bom de escalada assim como era de futebol. Quando perguntei como conseguia pular tão alto e subir tão rápido, ele deu de ombros e respondeu apenas: “cercas”.

— Se os portões já estão fechados e não há ninguém nos ajudando a encontrar a família do Ahmet, por que você acha que os jornalistas ainda estão aqui? — perguntou Michael, cuidadosamente batendo nas laterais do seu cabelo para que ficasse no lugar quando fosse a hora de subir no brinquedo.

Essa era a pergunta que todo mundo estava fazendo a si mesmo, porque, ainda que houvesse menos repórteres do que na semana passada, eles continuavam nos interrogando sobre Ahmet sempre que nos viam.

— Talvez achem que tentaremos fazer algo a mais para ajudar Ahmet a encontrar a família dele e estão esperando para ver o que é — sugeriu Josie.

Pelo restante do dia, demos nosso máximo para não pensar neles, no pedido dos jornais e na Rainha, mas, no caminho para casa, uma repórter inesperadamente gritou:

— Crianças! O que vocês acham da visão do Sr. Fry sobre as crianças refugiadas como o Ahmet?

E outra completou:

— Vocês querem responder? Querem dizer algo para ele?

Nós respondemos “sem comentários”, como sempre fazíamos, mas demos olhares confusos um para o outro. Nenhum de nós sabia quem era o Sr. Fry ou o que ele tinha a ver conosco ou com Ahmet, mas prometemos um ao outro que tentaríamos descobrir naquela noite.

Quando cheguei em casa à tarde, encontrei vários repórteres em frente ao apartamento. Foi estranho, porque costumava ter apenas um ou dois, mas naquele momento havia pelo menos cinquenta e eles estavam todos fazendo perguntas para mim sobre o Sr. Fry! Corri para longe deles o mais rápido que pude e vi mamãe parada do lado de dentro da porta principal do prédio procurando por mim.

— Mamãe! — gritei, correndo e abraçando-a assim que ela abriu a porta. — Chegou cedo!

Ela me abraçou de volta e me apressou para dentro. Quando chegamos ao nosso apartamento, vi que a televisão estava ligada, o que era outro sinal de que algo estranho estava acontecendo, porque ela só assiste TV de noite.

Rapidamente desligando a tela, ela se abaixou e me olhou de perto, perguntando:

— Você está bem? Pode ser assustador ter tantas pessoas perseguindo você e fazendo perguntas.

Eu assenti.

— Mas, mamãe, por que você está em casa cedo?

Acariciou minha bochecha antes de responder:

— Porque eu preciso que você faça algo *bem* importante que vai ajudar o Ahmet.

Sinalizando para que eu me sentasse à mesa da cozinha, mamãe colocou um sanduíche de pasta de amendoim enorme na minha frente e um copo de leite. Meu estômago roncou, porque ele ama sanduíches de manteiga de amendoim. Mesmo que deixe minha boca pegajosa.

— Amor, você sabe quem é o Sr. Fry? Ele foi até a sua escola uma vez, há muito tempo. É o deputado da região.

Franzi o rosto e sacudi a cabeça em negativa.

— Mas os repórteres estavam perguntando sobre ele.

Mamãe concordou.

— Aposto que sim — falou, balançando a cabeça enquanto se sentava do lado oposto a mim. Pegando alguns jornais da bancada da cozinha, ela os abriu na minha frente. — Esse é o motivo — completou. Sua voz estava calma, mas as bochechas ficaram rosas, então eu sabia que ela estava zangada com alguma coisa.

Olhei os jornais. Eram diferentes, mas todos tinham a mesma foto na primeira página. Um homem de cabelo grisalho usando um terno escuro e uma gravata azul. Acima dele, em letras grandes, as manchetes eram: “Chega! Fluxo de

refugiados está lotando o Reino Unido!”, “Britânicos precisam vir em primeiro lugar” e “Deputado Fry chama as crianças do Palácio de Buckingham de ‘refugiados radicais terroristas’”.

Meu coração bateu forte com a manchete, mas, antes que eu pudesse ler mais alguma coisa, mamãe juntou os papéis novamente.

— Vamos colocar isso de lado agora, amorzinho. Não quero que leia os artigos, porque a maioria é um monte de baboseira sem sentido. — Observei-a colocar os jornais de volta no balcão e me encarar novamente. — A razão para eu tê-los mostrado a você é porque quero que veja o tipo de manchetes que o Sr. Fry ajudou a criar hoje e para que você entenda que há algumas pessoas que, assim como ele, pensam que crianças refugiadas como o Ahmet não deveriam ser permitidas no país.

— Mas por que não, mamãe? — perguntei, sentindo irritação. — Elas não fizeram nada de errado!

— Eu sei disso. Tenho certeza de que, lá no fundo, eles também. Mas, se lembra do que eu disse sobre algumas pessoas terem medo de quem é diferente delas?

— Então você está dizendo que o Sr. Fry e outras pessoas como ele são iguais ao Sr. Greggs? — questionei, coçando o nariz como se este nome fedesse.

— Sim, exatamente. — Sorrii abertamente. Depois de alguns segundos, o sorriso desapareceu. — E há mais uma coisa que você precisa saber. O Sr. Fry, veja bem, disse que o Ahmet fez você e Tom irem ao Palácio de Buckingham naquele dia e...

— Mas isso é mentira! — gritei, sentindo minhas bochechas começarem a queimar.

— Sei que é, meu bem. Assim como um monte de gente sabe. Mas é por isso que tive uma longa conversa no telefone com a Sra. Sanders e... Bem, bolamos um plano.

Eu me sentei direito e, empurrando o prato do sanduíche para longe, disse para meus ouvidos escutarem com cuidado extra. Afinal, qualquer plano da minha mãe seria o melhor de todos!

— Achamos que pessoas como o deputado Fry não deveriam estar nas primeiras páginas de *nenhum* jornal. É a sua história e do Ahmet que as pessoas precisam ouvir. Então, como você se sente sobre conversar com um repórter hoje e contar a ele tudo sobre a carta para a Rainha, sobre Ahmet tentar encontrar a família e todas as coisas que fizeram um pelo outro?

— Mas... Você me falou para dizer “sem comentários”...

— Eu sei que falei — disse a mamãe. — Quero proteger você e o Ahmet. Mas, quando pessoas como o deputado estão contando mentiras, é hora de falar a

verdade.

— Então você quer que eu conte a eles sobre a Melhor Ideia do Mundo, o Plano de Emergência, a Rainha e *tudo mais*? — quis confirmar, sentindo medo e empolgação.

— Sim — mamãe falou. — Mas não será apenas você. Tom, Josie, Michael e Ahmet estarão lá também. Os cinco poderão compartilhar suas histórias juntos.

Bati palmas.

— Mãe, esse é o MELHOR plano do mundo inteiro!

Ela riu e, ficando de pé, disse:

— Fico feliz que pense assim. Agora, termine seu sanduíche e vamos voltar para a escola. A diretora sugeriu que fizéssemos a entrevista na sua sala, então precisamos estar lá em... — mamãe olhou para o relógio — meia hora. Tempo suficiente para você lavar o rosto e se ajeitar. *Xô* daqui!

Empurrei o sanduíche de pasta de amendoim, engoli meu copo de leite, lavei o rosto, penteei o cabelo, limpei os sapatos da escola e, conferindo se estava com a Melhor Ideia do Mundo na mochila, pedi para a mamãe amarrar minha gravata da escola corretamente. Achei que tinha feito tudo em três minutos, mas aí ela disse:

— É o suficiente para dez minutos! — Isso me fez olhar o relógio e balançar a cabeça negativamente. Descendo as escadas para a porta principal, ela segurou minha mão e completou: — Teremos que correr bem rápido para o ponto de ônibus, ok? Vamos fingir que todos os jornalistas são zumbis que querem nos pegar!

Assenti e segurei sua mão com força. Tentei dizer ao meu coração para parar de bater tão alto, porque não existiam zumbis de verdade por ali, mas ele não me ouviu. Assim que ela abriu a porta, corri o mais rápido que pude, puxando-a por trás. Eu a ouvi dizer “Estamos com pressa! Sem comentários!” no caminho para o ponto.

Chegando na escola, andamos até nossa sala. Tom, Michael e Josie já estavam lá com seus pais. Ahmet estava com a mãe adotiva e a Srta. Hemsí. A Sra. Khan estava conversando com duas pessoas que eu nunca tinha visto antes, mas Michael disse que eram um advogado e uma Assistência Social.

— Sobre o que acha que estão conversando? — Josie quis saber, olhando para todos os adultos parados em um canto sussurrando.

— Provavelmente sobre o deputado horrível que disse que Ahmet nos fez ir ao Palácio de Buckingham — respondi.

— Sério? — ela questionou. — Meus pais não me falaram nada sobre isso! Eles só disseram que, se eu ajudasse a contar a história, nós ganharíamos mais

dinheiro para um feriado decente.

Logo a Sra. Sanders entrou na sala, seguida por uma mulher de terno e um homem com uma câmera.

— São eles — Josie sussurrou em tom alto. — Os repórteres!

— Atenção — pediu a diretora, indicando seus convidados. — Esses são a Srta. Hall e o Sr. Myers.

Olhamos para eles, que sorriram e acenaram para nós.

— E essa é a assistente social do Ahmet, a Sra. Khalid — apresentou a diretora, apontando para a mulher de óculos parada perto da mãe do Michael.

Todos sorrimos.

— Vamos começar? — sugeriu, batendo palmas uma vez. — Primeiro, a Srta. Hall irá falar com vocês quatro sobre a Melhor Ideia do Mundo. Depois ela vai conversar com o Ahmet; claro, com a ajuda da Srta. Hemsí. O Sr. Myers irá filmar vocês e depois fará fotos dos planos. Você os trouxe?

— Bem aqui — avisou mamãe, segurando minha mochila.

Depois que a diretora e todos os outros terminaram de arrumar nossos cabelos, golas das camisas, suéteres e gravatas, sentamos em fila para A Entrevista começar.

Levou apenas dez minutos, mas pareceu muito, muito mais. A Srta. Hall perguntou para nós o que fazia de Ahmet alguém tão especial e por que nós quisemos ajudá-lo. Foi difícil responder mais de uma pergunta ao mesmo tempo — especialmente com tantos adultos e uma câmera enorme nos encarando. Mas Tom falou que era porque Ahmet era o único garoto que ele conhecia que tinha visto bombas e armas e que havia tido que correr rápido o suficiente para fugir disso; Michael disse que qualquer um que tivesse andado milhões de quilômetros para ir à escola merecia ajuda; Josie revelou que ele era o melhor jogador de futebol que ela já tinha visto — melhor até que ela — e que não era justo que não soubesse onde os pais estavam; e contei que ele era a pessoa mais corajosa que já conheci, porque, mesmo tendo fugido de uma guerra na vida real, tido dificuldades para falar inglês e sentisse falta da família o tempo inteiro, ele ainda era o tipo de amigo que qualquer um gostaria de ter.

Depois disso, a repórter perguntou sobre a Melhor Ideia do Mundo e o Plano de Emergência, então mostramos para ela e para a câmera os desenhos, falando sobre o motivo de termos ido até a Rainha pedir ajuda, porque pensamos que ela pudesse fazer alguma coisa.

— E vocês ficaram desapontados porque a Rainha não entrou em contato com vocês? — perguntou a Srta. Hall.

Todos assentimos.

— O que diriam a ela se pudessem... Na verdade, o que diriam a todo mundo lá fora que está escutando vocês agora? — questionou.

— Que os portões precisam ficar abertos! — disse Tom, sem hesitar.

— Sim — concordou Michael. — Eles deveriam ficar abertos para todo mundo como o Ahmet.

— E todo mundo precisa ajudar o Ahmet a encontrar seus pais — Josie adicionou. — Porque não é culpa de ninguém eles terem se perdido.

A Srta. Hall concordou e, olhando para mim, esperou por uma resposta.

Eu queria dizer um monte de coisas para a Rainha e a Primeira Ministra. Mas, em vez disso, disse:

— Eu... Eu acho... Todos deveríamos ajudar qualquer um que seja um refugiado, como a minha avó Jo fez...

Ouvi mamãe ofegar e a repórter se inclinou para a frente.

— Sua avó Jo ajudou refugiados também? — perguntou, parecendo interessada.

Assenti.

— Na Guerra Mundial... a segunda.

— E como ela os ajudou? — quis saber, gentil.

Olhei para a mamãe, que assentiu para mim, seus olhos arregalados e molhados.

— Ela fugiu das pessoas nazistas e depois ajudou outras pessoas a fugirem delas também.

A Srta. Hall limpou a garganta e, dando-me um sorriso, virou-se para Ahmet, para perguntar a ele sobre tudo o que havia visto e tido que fugir.

Assisti enquanto a Srta. Hemsli o ajudava, traduzindo o que dizia para inglês, mas gostei mais da última resposta dele. Porque, quando a repórter perguntou o que ele tinha sentido sobre o que nós havíamos feito, ele olhou para nós e, sem nenhuma ajuda, disse:

— Eu feliz de ter melhores amigos do planeta. — E, bem assim, eu soube a resposta para a minha última pergunta.

Quando cheguei em casa naquela noite, mamãe me colocou na cama e disse que estava orgulhosa da mim. E que, onde quer que o papai e a vovó Jo estivessem, eles estariam orgulhosos também.

— Na verdade, acho que, se sua avó estivesse viva hoje, ela daria um beijão em você e diria exatamente o que disse ao seu pai quando ele tinha a sua idade — revelou, bagunçando meu cabelo.

— O que ela disse, mamãe?

— Que o mundo inteiro é cheio de corações que procuram um lugar para chamar de lar. Mas que os refugiados são diferentes, porque eles não procuram

apenas por um lar, eles buscam paz também. E, por causa disso, possuem os corações mais especiais que qualquer um poderia ter.

Ouvir o que minha vó Jo tinha dito ao meu pai me deixou tão feliz que não consegui dormir por muito tempo. Não até que eu ouvisse uma coruja em algum lugar bem longe.

Na manhã seguinte, acordei bem mais cedo e pulei da cama. Achei que mamãe ainda poderia estar dormindo, mas ela estava sentada à mesa da cozinha bebendo chá. E, em frente a ela, havia um jornal.

— Bom dia! — saudou, sorrindo enquanto sua caneca de chá deixava os óculos úmidos. — Pensei em correr e comprar o jornal. Olhe... — Ela o segurou para mim.

Encarando-me de volta, na primeira página estava uma foto minha com Tom, Josie e Michael, sentados um ao lado do outro. Tom e eu estávamos segurando a Melhor Ideia do Mundo, enquanto Josie e Michael erguiam o Plano de Emergência. Ao lado, havia uma foto ainda maior do Ahmet sorrindo. Acima das nossas cabeças, em letras pretas e em negrito, estavam as palavras:

AHMET: O GAROTO REFUGIADO MAIS FAMOSO DO MUNDO

*EXCLUSIVO: AS CRIANÇAS POR
TRÁS DO PROTESTO DO PALÁCIO
DE BUCKINGHAM*

— Venha até aqui — pediu, abrindo os braços. — Leia junto comigo. A escola só começa em duas horas, então temos bastante tempo...

Espremendo-me na cadeira da mamãe, li o artigo com ela. Corria por duas páginas inteiras, mas gostei mais das partes em que Ahmet falava. Ele contou sobre a família, onde eles poderiam estar e sobre seu sonho de ser um jogador de futebol algum dia. Mas também revelou sobre sua irmã estar no mar e como foi difícil sofrer bullying e ter músicas horríveis sendo cantadas sobre ele.

— Espero que isso cale os outros valentões também! — murmurou a mamãe, irritada, quando leu aquele trecho.

— Mãe, olha! — gritei enquanto virava a página para ler a segunda metade do artigo. — É você!

Inclinei-me para ver melhor a foto. Mamãe estava parada perto dos pais do Tom, que estavam perto dos pais do Michael, que estavam perto dos pais da Josie, que estavam perto da mãe adotiva do Ahmet. As palavras abaixo diziam:

**PAIS SE UNEM PARA LUTAR
CONTRA O RACISMO E PELOS
DIREITOS DOS REFUGIADOS**

*RACISTAS COMO O DEPUTADO
FRY NÃO TÊM DIREITO DE
SEPARAR FAMÍLIAS INOCENTES!*

— Mãe? — chamei, depois de terminar de ler o artigo inteiro.

— Hm?

— Acha que a Rainha, a Primeira Ministra e as pessoas nas fronteiras vão ver isso? Acha que vão se importar em ajudar agora?

Mamãe me abraçou apertado.

— Não sei, amorzinho. Mas o que sei é que, ao dividirmos nossa história, muito mais pessoas irão falar sobre o assunto. E isso é uma coisa boa.

Abaixei as mãos para o jornal e depois pensei em outra coisa.

— E acha que isso fará mais pessoas como o Sr. Fry e o Sr. Greggs terem menos medo do Ahmet?

— Não tenho certeza — respondeu, sorrindo. — Mas, quando se trata de pessoas, a gente nunca sabe!

Não sei nada sobre o Sr. Fry ou o Sr. Greggs, mas, no caminho para a escola naquele dia, Josie disse que, depois de a mãe e o pai dela terem ouvido a história do Ahmet, eles falaram que ela estava certa em ser amiga dele.

E aquilo me fez ter um Pensamento.

Talvez não importasse se pessoas *realmente* horríveis como o Sr. Fry ou o Sr. Greggs não gostassem do Ahmet. Talvez elas nem merecessem conhecê-lo. Mas pessoas como os pais da Josie mereciam, porque eles não eram nada horríveis, só tinham ficado nervosos de fazer um novo amigo.

25

A mensagem da Rainha

Pensei que estávamos bem famosos antes da entrevista, mas pensei errado.

Foi só depois de nos tornarmos “manchetes” que descobri o que era realmente ganhar fama. Aonde quer que fôssemos, Tom, Michael, Josie, Ahmet e eu recebíamos acenos, sorrisos, tapinhas na cabeça e joinhas de muita gente que não conhecíamos. As pessoas no ponto de ônibus e nas ruas vinham até nós e diziam coisas como: “Deus abençoe vocês”, “Estamos com você, Ahmet!” e “Acabei de assinar uma petição! O parlamento terá que nos ouvir! Vocês verão!”.

Até o Sr. Banik, que é dono da banca de jornal perto do ponto de ônibus da escola e é famoso por odiar crianças, vinha até nós sempre que nos via e nos dava um ovo de chocolate. De graça. E não apenas por um dia, foi por uma semana inteira!

Mas, mesmo que fosse empolgante ter fama e a amizade do Garoto Refugiado Mais Famoso do Mundo, o que aconteceu poucos dias depois foi ainda mais surpreendente.

Na manhã da quarta-feira, seis dias depois de termos feito A Entrevista, chegamos à escola prontos para jogar futebol, mas não conseguimos achar o Ahmet em lugar nenhum no parquinho. Quando o sinal tocou, fomos direto para a sala. Mas, quando chegamos lá, ele também não estava. Nem a Srta. Hemsí.

— Provavelmente ele só está atrasado. — Josie deu de ombros, enquanto nos sentávamos.

Mas Ahmet nunca se atrasava. Olhei para a Sra. Khan e questionei-me se deveria perguntar para ela. Vi que estava ocupada fazendo a turma se sentar, mas parecia feliz e não conseguia parar de sorrir, mesmo quando estava brigando com a Clarissa por estar atrasada.

Depois da chamada, a Sra. Khan disse que a Srta. Borneville iria ficar conosco no primeiro tempo, porque ela tinha algo para fazer. Depois, aproximou-se de mim e dos meus amigos, dizendo-nos para ir com ela.

— Estamos em apuros? — sussurrou Tom enquanto a seguíamos pelo corredor.

— Mas não fizemos nada, né? — Josie falou, também baixinho.

A Sra. Khan bateu na porta da Sra. Sanders e esperou pelo “pode entrar” antes de empurrar a porta.

A primeira pessoa que vimos foi o Ahmet. Ele estava empoleirado em uma cadeira, o rosto surpreso, sério e feliz, tudo de uma vez. Sentada de um lado dele estava a Srta. Hemsí, cujas bochechas estavam mais rosadas do que nunca, e do outro lado estavam dois homens. Cada um me deu um largo sorriso. Por um momento, não consegui me lembrar deles, mas logo Tom ofegou.

— São os Guardas da Rainha! — gritou, socando-me no braço.

Ele estava certo! Eles realmente eram Guardas da Rainha! Só que estavam vestidos de terno e não pareciam tão gigantes porque não usavam o chapéu preto!

Enquanto entrávamos, eles ficaram de pé e nos deram um aceno com as mãos. Josie deu um gritinho de alegria e Michael estava tão animado que apertou as mãos dos dois ao mesmo tempo.

Olhei para Ahmet que, ao ver que nós conhecíamos os homens, sorriu completamente.

— Entrem, entrem — falou a Sra. Sanders, acenando para nós de sua cadeira e olhando-nos por cima dos óculos.

— Crianças, esses cavalheiros têm uma mensagem muito especial para entregar a vocês — disse a Sra. Sanders.

— Certamente temos — disse o segundo-tenente Kungu. — É um prazer para mim presentear-vos com esta mensagem muito especial de Vossa Alteza, a Rainha... — Ele pegou um envelope de dentro do terno e ergueu-o. — E, já que a Melhor Ideia do Mundo foi sua, que tal *you* abrir isso? — perguntou, esticando-o para mim. Era largo, quadrado e da cor creme, além de ter a letra mais cursiva que já vi na vida.

Assim que peguei, todo mundo se juntou ao meu redor para observar.

Eu o virei. Na parte de trás havia uma grande gota de cera vermelha. Parecia ter sido derramada por acidente, mas havia um “EIIR”[\[5\]](#) estampado no meio da cera, então devia ter sido feita de propósito.

— Vá em frente — sussurrou Josie, recebendo um aceno do Ahmet, do Michael e do Tom.

Cuidadosamente, tirei a gota de cera e abri a carta. A escrita era muito cheia de curvas e pontas e eu sentia tanto nervosismo que não conseguia ler as palavras. Vendo minha dificuldade, nossa professora veio e parou atrás de mim. Dei a ela a carta para que pudesse ler em voz alta.

Era isto que ela dizia:

Queridas crianças,

O tenente Chris Taylor e o segundo-tenente Walter Kungu fizeram a gentileza de me informar sobre suas corajosas — porém bem perigosas! — ações realizadas para ajudar seu amigo refugiado, Ahmet. Agora também recebi a carta que vocês tinham escrito sobre o assunto anteriormente. Obrigada pelo envelope colorido e os adoráveis selos. Roxo é mesmo a minha cor favorita!

Fiquei muito triste de ouvir a história do Ahmet — ouvi a de vários meninos e meninas como ele. Graças às suas bravas atitudes, várias pessoas ao redor do mundo estão trabalhando juntas para localizar a família dele. Sei que todos estarão

se esforçando ao máximo e estou ansiosa para ouvir sobre a chegada segura deles ao Reino Unido em breve.

Meus tenentes me disseram que vocês trouxeram chá, biscoitos e presentes, querendo dividi-los comigo. Essa é uma ideia adorável.

Infelizmente, tenho agendada uma pequena turnê pela Grã-Bretanha esta semana, mas, quando eu retornar na próxima quinzena, adoraria convidá-los para tomar chá comigo no palácio.

Até lá, quero pedir que, por favor, não corram atrás de mais nenhum soldado. Foi muito perigoso e estou muito aliviada por não terem se machucado. Todas as cartas enviadas para mim sempre chegam às minhas mãos e eu recebo meu correio — especialmente as que são decoradas com tanto cuidado.

Com meus melhores votos,

Elizabeth

(92 anos de idade)

Depois que a Sra. Khan terminou de ler em voz alta e a Srta. Hemsî contou ao Ahmet tudo que dizia, nós nos sentamos em silêncio. Acho que existem algumas coisas que nem mesmo os adultos encontram palavras para responder — uma mensagem da Rainha é uma delas.

[5] São as letras para a sigla do nome da monarca do Reino Unido, Elizabeth II Regina, conhecida em inglês como Royal cypher.



Opresente

Fazia duas semanas desde que havíamos estado nos jornais e recebido a carta da Rainha e, de várias maneiras, as coisas pareciam estar como antes. Mamãe não ia mais ao ponto de ônibus comigo e estranhos tinham parado de nos encarar com olhares engraçados no rosto. Ainda estava esperando vencer o primeiro lugar para a fotossíntese da minha planta, mesmo que a do Ahmet estivesse crescendo mais rápido do que a de qualquer um de novo. Ele estava me ensinando algumas palavras em curdo, como “cresça mais”, “aumente de tamanho”, “amo você demais”, e achava que estava funcionando!

Mas, de várias maneiras, havia coisas que não estavam nada normais. Tia Christina aparecia com mais frequência e comprava presentes para mim também. Achava que ela tinha passado a gostar de nós porque havíamos aparecido no jornal. Eu ainda não gostava dela. Sempre que ela vinha, eu a ignorava e fazia o tio Lenny jogar Palavras Cruzadas comigo e com a mamãe como estávamos acostumados.

O Sr. e a Sra. Rashid do andar debaixo tinham convidado mamãe e eu para jantar no fim de semana, o que significava que ela poderia ter encontrado uma nova melhor amiga.

Na semana seguinte, iria com o Tom, a Josie, o Michael e o Ahmet ao Palácio de Buckingham para tomar chá com a Rainha. Às vezes sentia tanta empolgação pensando nisso que tinha que ficar pulando o mais alto que podia até me acalmar por dentro. Achava que meu interior sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas depois de você ter chá com a Rainha.

Mamãe me perguntou o que eu gostaria de levar de presente para a Rainha e pensei sobre isso por três horas. No final, decidi que, mesmo que ela não precisasse de nada, eu não poderia comprar diamantes ou rubis, então compraria uma romã para ela do homem com o coração de um rei. Porque achava que a melhor coisa depois de usar joias deveria ser comer um monte delas.

A outra coisa que estava mudando era que eu tinha feito dez anos. Acordei muito, muito cedo naquela manhã e encontrei um cartão de aniversário na mesa da cozinha.

Era um cartão muito velho. Tinha sido o último que meu pai havia me dado antes de morrer e todo ano a mamãe o colocava na mesa para que ele estivesse lá para me parabenizar quando eu acordasse, assim como fazia enquanto estava vivo.

Não tinha muito escrito por dentro. Apenas:

Para o meu chuchuzinho,

FELIZ ANIVERSÁRIO!

Tente não crescer tão rápido!

Com amor, papai <3

Estava feliz que minha mãe tinha que sair para trabalhar cedo, porque ver aquele cartão sempre me fazia querer sentar e chorar. Então fiz isso. Fui para o meu quarto e coloquei uma das músicas favoritas do papai em seu antigo disco. Aquilo me fez sentir melhor também. Às vezes você só precisa ir a algum lugar para chorar sem que ninguém saiba.

Não tinha lembrado a ninguém de que era meu aniversário, porque não teria festa e não tinha nada para levar para a aula comigo. Josie levou um bolo enorme no aniversário dela e a mãe do Michael sempre dava uma sacola de doces para todo mundo. Mas a minha mãe não tinha tempo para cozinhar e sacolas de doces são caras. É por isso que era mais fácil fingir que não era meu aniversário.

Encontrei Tom, Josie e Michael no ponto de ônibus como sempre e, quando eles não falaram nada sobre o meu aniversário, senti-me triste e feliz ao mesmo tempo. Tive medo de que a Sra. Khan pudesse dizer algo, mas ela não o fez. Meu tio Lenny normalmente me mandava algo pelos correios, então, quando eu chegasse em casa, provavelmente iria encontrar um cartão com algum dinheiro ou chocolate, como ele havia feito no ano anterior. Se fosse isso, ia ser legal.

No recreio da tarde, Josie, Tom, Michael, Ahmet e eu falamos sobre o que iríamos vestir no Palácio de Buckingham na próxima semana. A mãe da Josie iria comprar um vestido novo e um par de chuteiras para ela. Michael vestiria um terno e uma gravata borboleta. Tom disse que tinha um terno roxo que o tio dele o fizera vestir em um casamento em São Francisco, mas poderia não servir mais. E Ahmet disse que a mãe adotiva iria comprar algo no fim de semana, mas que também iria levar a mochila.

— Você não pode levar sua mochila — Josie disse. — Está velha, rasgada e tem um buraco no bolso da frente! A Rainha pode nem deixar isso entrar no palácio.

— Mas importante! — falou Ahmet, parecendo em pânico. — Meu pai me deu de aniversário antes da guerra e trouxe da Síria, então próxima vez que eu ver, vou contar que foi visto pela Rainha!

— Ah — soltou Josie, parecendo triste por ter falado algo.

— Então você precisa levar — comentei. — A Rainha vai querer ver.

— Sim — Tom falou. — E seu pai vai amar.

Ahmet sorriu e disse:

— Sei que vocês entendem.

O sinal do último tempo começou a tocar, mas todos fomos para a sala e encontramos a Srta. Hemsí no corredor. Ela estava animada e seus olhos pareciam vermelhos. Assim que nos viu, ela correu e, sussurrando algo no ouvido do Ahmet, rapidamente levou-o pela mão para longe.

— Para onde ela o está levando? — questionou Josie, enquanto Ahmet nos olhava por cima do ombro com o rosto confuso.

Nenhum de nós conseguiu pensar em uma resposta, então encontramos nosso caminho para a sala. Após todos pegarmos nossos livros de soletração e passarmos dez minutos aprendendo o significado e soletrando três novas palavras — possessão, depressão e objeção —, houve uma batida de leve na porta.

Olhamos para ver o que era. Depois de poucos segundos, a cabeça da Srta. Hemsî apareceu na porta e, após a Sra. Khan dar um joinha, desapareceu novamente.

A professora sorriu e, batendo palmas, disse:

— Atenção, todo mundo! Fechem seus livros, por favor. Tenho um anúncio muito importante para fazer.

Todos caímos em silêncio e esperamos uma explicação sobre o que estava acontecendo — e sobre onde Ahmet estava.

— Hoje é um dia muito importante — continuou. — E nós temos um convidado muito especial para nos ajudar a comemorar.

Todo mundo se virou para ver se alguém estava na porta, mas não havia ninguém lá ainda.

— Olhos aqui na frente, por favor — ordenou. — Agora, antes que nossos convidados cheguem, quero que todos prometam que ficarão muito bem comportados.

— Prometemos, Sra. Khakaan — gritamos, perguntando-nos quem eram os convidados.

— Você acha que é a Rainha? — sussurrou Josie.

— Talvez sejam os Guardas da Rainha novamente! — opinou Tom.

Mas os dois estavam errados, porque era a minha mãe! Carregando um bolo com velas em cima. E, atrás dela, estavam a diretora, a mãe adotiva do Ahmet, a Srta. Hemsî, a mulher que estava no dia da Entrevista, que Michael tinha dito que era a Assistência Social, e outra mulher que nunca havia visto antes e estava andando com a mão no ombro do Ahmet. Dava para dizer que ele estava feliz, porque sorria, mas seus olhos pareciam molhados e estavam vermelhos também — assim como a Srta. Hemsî tinha feito no corredor.

E, em poucos segundos, a turma inteira estava cantando “parabéns” para mim tão alto quanto podia.

Depois de a mamãe ter ajudado a soprar as velas, Ahmet, a Srta. Hemsî e a mulher que ainda estava com a mão no ombro dele pararam na frente da turma com a Sra. Khan.

— Acalmem-se, por favor! — pediu a professora. — Iremos cortar o bolo em poucos minutos, mas, antes, gostaria que todos dissessem “boa tarde” para nossa

convidada superespecial, a Srta. Duncan.

A mulher que estava ao lado do Ahmet deu um passo à frente e todo mundo gritou: “boa tarde, Srta. Duncaaan!”. Estava vestindo um terno azul e tinha um cabelo curto cinza e um anel verde de diamante.

— A Srta. Duncan está aqui hoje, vindo de muito longe, porque ela tem uma notícia muito importante para dividir com todos nós — avisou. — É com você, Srta. Duncan.

A mulher assentiu e olhou direto para mim com um sorriso, antes de olhar para os outros.

— Boa tarde a todos. Sou do Ministério do Interior, que é um departamento do governo que controla quem entra e sai do país.

— Tipo a polícia? — perguntou Dean.

— Não, não é tipo a polícia. — Ela sorriu. Esperou por mais perguntas, mas ninguém disse mais nada.

Todo mundo tinha caído em silêncio e eu podia sentir o meu peito batendo com tanta força que era como se alguém estivesse tocando bateria dentro da minha barriguinha.

A Srta. Duncan continuou:

— Hoje tive o prazer de trazer para o Ahmet algumas notícias bem legais. E ele gentilmente disse que gostaria de dividir isso com todos vocês. Ahmet?

Ela segurou um envelope branco que não tinha um endereço, oferecendo a ele.

Mas Ahmet não pegou e sussurrou para a Srta. Hemsí.

Ela franziu o rosto primeiro, mas, depois, rindo e chorando de uma vez, gesticulou para que eu fosse até lá.

— Ele gostaria que sua melhor amiga lesse para todo mundo — explicou.

Por um momento, não consegui me mover. Aí Josie me deu um chute por debaixo da mesa, que me fez levantar e lentamente andar até onde ele estava parado.

A Srta. Duncan esperou até que eu estivesse de pé em frente a ela e, segurando o envelope para mim, disse:

— Feliz aniversário, Alexa, de todos nós. Graças a você, e à Josie, Michael e Tom, é claro, milhares de pessoas escreveram, assinaram petições e ligaram para o nosso escritório apenas para se informar sobre como poderiam ajudar o Ahmet e várias outras crianças refugiadas como ele. E, por causa disso... Bem... Lá vai...

Ahmet assentiu e adicionou:

— Feliz aniversário, melhor amiga.

Abri minha boca, mas acho que todas as minhas palavras deviam ter desaparecido e meu cérebro devia ter parado de funcionar, porque não conseguia pensar em mais nada.

Ahmet colocou o envelope na minha mão e disse:

— Você lê! Para mim...

Tentei pegar o pedaço de papel para fora do envelope, mas havia tantos olhos encarando-me, que os olhos do Ahmet pareciam ser tão grandes que meus dedos ficaram nervosos e começaram a tremer.

— Aqui, querida... Deixe-me ajudar — sussurrou a mamãe, aproximando-se e rapidamente tirando o papel de dentro do envelope. Abrindo, segurou-me por perto enquanto lia em voz alta. Ali dizia:

STATUS – RESUMO DE INVESTIGAÇÃO FAMILIAR: AHMET SAQQAL (9 ANOS)

PAI: MOHAMED SAQQAL

IDADE: 43

PROFISSÃO: PROFESSOR DE ENGENHARIA

PAÍS DE ORIGEM: SÍRIA

STATUS: LOCALIZADO

CAMPO DE REFUGIADOS DE CALAIS, FRANÇA

MÃE: SAMIRA SAQQAL

IDADE: 45

PROFISSÃO: JORNALISTA

PAÍS DE ORIGEM: SÍRIA

STATUS: LOCALIZADA

SURUC, TURQUIA

IRMÃ: SYRAH SAQQAL

IDADE: 3

STATUS: FALECIDA, TRAVESSIA DO MEDITERRÂNEO

PARECER DO M.I.: CONCEDIDO ASILO PERMANENTE NO REINO UNIDO. REUNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA IMINENTE.

Olhei para a mamãe, depois para Ahmet e voltei para a mamãe.

— O que significa asilo?

Minha mãe sorriu, mas seus olhos estavam úmidos.

— Isso significa que eles podem viver aqui, amorzinho... Os pais do Ahmet virão morar no Reino Unido! Eles foram encontrados!

Encarei Ahmet, que estava assentindo, animado.

Depois olhei para Josie, Tom e Michael, que estavam todos me encarando de volta com a boca aberta.

Aí virei-me para a Sra. Khan, que estava fazendo uma oração, e para a Srta. Hemsí, que chorava tanto que tinha agarrado a Sra. Sanders e a feito ficar com o rosto vermelho.

E, do nada, Michael pulou da cadeira e gritou:

— CONSEGUIMOS!

E a turma inteira começou a comemorar, gritar, pular e bater palmas, tudo de uma vez.

Sei que aquela tarde foi uma das melhores que terei na vida. Não porque era meu aniversário, mas porque era o final de uma das melhores aventuras que uma criança de dez anos poderia ter, além de o início de um conjunto de novas aventuras que aposto que nem o Tintim teve!

E tudo isso graças ao garoto que veio e sentou no fundo da nossa sala e me deixou ser sua melhor amiga.

Um agradecimento especial
para todas as crianças (e
os adultos superlegais) que
leram este livro

Sabia que, ao ler e sussurrar bastante sobre este livro, você ajudará crianças refugiadas e as famílias delas a receberem presentes preciosos?

Isso porque a autora irá doar uma parte de todos os royalties* que ela receber para algumas pessoas maravilhosamente corajosas que passam todos os seus dias tentando salvar e reconstruir a vida de refugiados em todo o mundo.

Então, seja comida, água, roupas quentes, cobertores — ou um montão de chocolate para ajudar o interior deles a se sentir melhor, obrigada por todos os presentes que vocês irão ajudar a entregar para crianças refugiadas como o Ahmet e suas famílias sobreviventes.

*Caso você esteja se perguntando o quanto de realeza existe nos royalties da autora, ficamos muito desapontados em informar que isso não inclui nenhum presente da família real ou da Rainha! Na verdade, royalty é apenas um termo para descrever qualquer dinheiro que a autora fará com as vendas de cada livro. Só, de novo, se você realmente pensar a respeito, todas as moedas e notas impressas no Reino Unido sempre têm uma foto da Maior Integrante da Realeza na Terra, então cada moeda realmente é meio que da realeza... É daí que o termo royalty vem! (Talvez você deva dar uma olhada na história da palavra por conta própria e nos contar se estivermos errados...).

Você sabia?

Há atualmente mais de 65 mil refugiados tentando fugir de guerras acontecendo, desastres ambientais causados pelo homem, miséria econômica ou perseguição política.

É mais do que o número total de refugiados que fugiram dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (ACNUR, 2016).

Descrita como “a maior crise de refugiados de todos os tempos” pelo secretário geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, as guerras atuais na Síria, Iêmen, Iraque, Afeganistão, Sudão (e vários outros) significam que há um número crescente de pessoas tentando encontrar um lar seguro em qualquer lugar.

7 perguntas para ter
Pensamentos Profundos a
respeito (sem dar uma Noz de
Cabeça a si mesmo...)

1. Já conheceu uma criança refugiada?

Se sim, ela já contou sua história?

Se não, como você tentaria ajudá-la, se pudesse?

Se você é uma criança refugiada, qual é a coisa mais difícil sobre conhecer novas pessoas?

2. Se tivesse que fugir de uma guerra, deixar sua casa e escola para trás para sempre, quais são as três coisas que você levaria junto?

3. A maioria das crianças refugiadas precisa aprender um novo idioma bem rápido depois de deixar o país e acha muito difícil se acostumar com os sons e a maneira como todos ao redor estão falando. Se você tivesse que ir para outro país onde ninguém fala sua língua, o que gostaria que as pessoas fizessem para que conseguisse entendê-las melhor?

4. Já leu alguma história no jornal sobre refugiados ou ouviu adultos falando sobre eles? Que palavras eles usaram para descrever os refugiados e como isso fez você se sentir?

5. Se você pudesse dar a uma criança refugiada um presente para ajudá-la a se sentir feliz, o que seria?

6. O que você acha que deveria ser feito para ajudar a parar a crise de refugiados — e para quem você pediria ajuda?

7. E, finalmente, se pudesse ser famoso e estar nas notícias por um único dia, por qual atitude seria?

Qual é o significado de uma
palavra?

A palavra “refugiado” tem um significado muito especial e é diferente da palavra “imigrante”.

Um “imigrante” ou “migrante” é alguém que deliberadamente se mudou para um novo país (imigrante) ou para outra parte da sua nação (migrante), porque é isso que ele quer, foi escolha dele. Há várias razões para as pessoas quererem se mudar para outras partes do mundo. Elas podem querer viver em uma casa mais legal (como a família da Dena) ou em algum outro lugar com mais árvores. Pode ser que elas encontrem um novo emprego ou queiram simplesmente ficar próximas das pessoas que amam.

Mas um refugiado não é um “imigrante” ou “migrante”, porque ele foi forçado a deixar sua casa e país subitamente, correndo o risco de morrer se não o fizesse. De acordo com as leis internacionais, é legal abandonar o seu país para tentar encontrar segurança em outro lugar — e viajar quão longe seja preciso até encontrar um lar.

Eu nasci em...

Meus pais vieram de....

Minha coisa favorita para comer é...

Se eu pudesse viajar para qualquer lugar no sistema solar, eu iria para...

Se eu fosse visitar a Rainha, iria usar...

Minha melhor amiga no mundo inteiro é...

A coisa que eu faço melhor é...

Na minha família, a pessoa mais engraçada é...

Quando eu crescer, quero ser como...

Sigam no mundo inteiro

Contrariando os sussurros que você deve ter ouvido, o Reino Unido recebeu menos de 1% dos refugiados do mundo.

De fato, a maioria dos países fora da Europa acolheu quatro de cada cinco refugiados no mundo.

Você consegue adivinhar quais?

Turquia, Líbano, Paquistão e Etiópia escolheram abrigar milhões de refugiados, superando juntos o número dos que foram recebidos por todos os 50 países da Europa combinados.

Nota da autora

Até setembro de 2015, nunca pensei realmente no que as palavras “crise dos refugiados” significavam. Mesmo que isso fosse algo que estivesse sendo falado nas notícias todos os dias, parecia uma crise invisível — algo que estava acontecendo em países bem, bem longe e para pessoas que eu não sabia praticamente nada a respeito.

Mas, às 11h da manhã do dia 02 de setembro de 2015, tudo isso mudou. Não apenas para mim, mas, como descobri mais tarde, para milhares de pessoas ao redor do mundo. Porque foi naquela manhã que praticamente todos os jornais do mundo divulgaram a história de Alan Kurdi, um jovem garoto que morreu aos três anos tentando atravessar o Mar Egeu com a família dele.

Ler aquela história me encheu com uma série de perguntas sem fim. Como isso foi permitido de acontecer? Por que não fiz nada antes? E o que eu poderia fazer agora? Porque sabia que tinha que fazer algo — não importava quão pequena aquela coisa pudesse ser.

Essas perguntas me fizeram agir. Fui atrás de agências que estavam trabalhando para salvar as vidas de refugiados e levantei o tanto de doações que eu podia para entregar a eles. Depois daquilo, decidi visitar os campos de refugiados mais próximos que podia encontrar e entregar ajuda diretamente. Comecei a me aventurar pelos campos em Calais sempre que eu podia.

A força silenciosa do Ahmet é uma mostra das várias crianças que tive a honra de conhecer nas florestas, tendas destruídas, planícies lamacentas, cabanas e abrigos improvisados em Calais e Dunkirk, cidades da França. Mesmo depois de ter sobrevivido a horrores e crueldades, a capacidade de cada uma das crianças de ser atrevida, de rir, de encontrar alegria ou passar isso para os outros é um presente que permanecerei sempre maravilhada ao receber.

Dentre os muitos rostos daquelas lindas crianças, decidi dedicar este livro para Raehan, “o bebê de Calais”: um bebê de apenas algumas semanas de vida, que a mãe sobreviveu à destruição da vila onde morava e viajou milhares de quilômetros enquanto estava grávida. Depois da demolição do acampamento oficial de Calais, o bebê Raehan e a família dele desapareceram e não consigo parar de torcer todos os dias para que eles tenham chegado sãos e salvos à família que têm no Reino Unido.

Até então, o legado de Alan Kurdi e do bebê Raehan seguem pelo trabalho de centenas de corações gentis que ajudam os refugiados não apenas a sobreviver, mas a encontrar segurança e um lar onde todos possam chamar de seu novamente.

Agradecimientos

Agradecer a todas as pessoas que fizeram parte do incrível furacão que foi essa jornada será mais difícil do que escrever e editar este livro combinados! Simplesmente porque foi preciso um exército de corações maravilhosos para me trazer até aqui. Então lá vai...

Antes de mais nada, por colocarem no lugar todas as minhas partes mais malucas, por cuidarem de mim durante duas cirurgias e uma década de dor, por correrem para pegar chocolate para mim, minhas comidas favoritas e os remédios que eu precisava para seguir em frente e por nunca desistirem de mim, mesmo quando eu já o fiz, meu amor e eterno agradecimento para minha mãe maravilhosa, Salma Shirin Raúf, e meu irmão Zakariah (Zak, uma vez você comentou que eu provavelmente teria morrido de estupidez e fome se não tivesse sido por vocês dois. Não consegui responder, porque nós dois sabíamos que você estava certo!).

À minha agente/defensora em segredo, Silvia Molteni, que me aceitou mesmo que tenha enviado o primeiro manuscrito com uma carta de apresentação que começava com “Caro querido”, minha gratidão infinita pela sua calma e perseverança e por plantar a semente que nos guiou para este livro. Nunca esquecerei o momento que me ligou para me dizer que isso iria acontecer e estou em choque que você conseguiu. Não há palavras suficientes.

À Lena McCauley, minha editora e ser humano mais paciente na face deste pequeno planeta chamado Terra. Agradeço por aturar minha capacidade consistente de desaparecer quando estou estressada, recorde de problemas no computador e ioiô sem fim. Você tornou este livro muito mais do que ele era e devo a você tratamentos de spa por toda a vida (no mínimo!). Minha confiança em você é profunda e não há ninguém que eu imagino que poderia ter lidado com este livro melhor.

À família Orion Children’s Books, apresentada a mim pela Helen Thomas, obrigada a todos por me receberem de forma tão acolhedora como fizeram. Meu amor e agradecimentos especiais para Dominic Kingston por ser tão apaixonado sobre escrever cartas, papel de pergaminho e selos de cera como eu, e por parecer passar todas as suas horas acordado divulgando este livro, mesmo quando existiam cinquenta outros para promoverem também!

À Pippa Curnick, obrigada por deixar os desenhos tão perfeitos que chegam a ser assustadores. E para minha editora “Lady Genevieve Herr” (como eu a chamo na minha cabeça), por sua honestidade e medo inquestionáveis.

Eu sou, acredito, uma das almas mais sortudas neste mundo, enriquecida como sou diariamente pelas almas infinitamente mais inteligentes, gentis e valiosas do que a minha. Para a verdadeira Selma Avcı, agradeço por acreditar na minha escrita desde o Dia Zero (quase duas décadas atrás!) e por amar minhas histórias

não importa quão ruins elas sejam e continuem a ser! Espero que você e Turgay Ozcân nunca parem de ler e rir. Nunca. Mesmo se estiverem rindo de mim!

Remona Aly, nos últimos dez anos em que fui abençoada com essa amizade, meu universo se expandiu de maneiras únicas. Obrigado por cada memória, as orações infinitas feitas para mim e pela sua fé inabalável. Sou muito grata por termos fingido nos casar na Irlanda!

Àquela com quem compartilho meus sonhos literários, Sughra Ahmed, e minha prima alma gêmea, Piya Muqit, obrigada por me encorajarem, ficando comigo nos momentos difíceis e dando-me os pontapés amorosos de que eu precisava para ter este livro concluído.

À Caroline C. Cotett, a personificação da calma em uma tempestade e cofundadora do Centro Feminino de Refugiadas (CFR) de Dunkirk: sinto-me muito honrada de ter conhecido você e serei eternamente grata a Timothy Gee e os Quakers da Grã-Bretanha por essa bênção. Mal posso esperar para ir trabalhar com vocês para ajudar os refugiados para quem vocês se doam completamente, todas as horas de todos os dias.

À minha primeira e eterna equipe de ajuda aos refugiados: Dahlia Basar (que faz os melhores sanduíches paninis); Atif Butt (o Capitão!); Homaira Sofia Khan e a imparável Yasmin Ishaq; e todo voluntário ou membro da equipe que foi comigo para Calais e Dunkirk: obrigada por sempre dizerem “é... ok”, mesmo quando achavam que eu estava louca, pelas arrecadações de dinheiro e alimentos sem fim, por cozinhareм, embalarem, abastecerem, fazerem compras e serem corajosos o suficiente para dirigirem do lado errado da pista. Nunca teria embarcado nessa jornada sem vocês. Agradecimento especial para Khola Hassan e o grupo de Mulheres Islâmicas de Ilford; Taiba Shah; Anoushka Khan; Yasir Mirza, minha Nurun Khala e cada coração querido que doou e apoiou a mim e minha equipe sempre que o pedido de ajuda era feito.

À minha equipe de cuidados gerais e sanidade: Ayisha Malik, autora suprema, por (A) ser a razão pela qual eu cheguei na PFD e na Sílvia em primeiro lugar e por (B) me acalmar quando acho que não conseguirei seguir; Satdeep Grewal e Alex Thomas por sua fé tranquila na minha escrita e senso de humor perverso; Jacquely Shreeves-Lee por ler o primeiro rascunho do livro com tanta alegria; Nadia Abouayoub por escrever comigo nos primeiros dias da Wallace Collection, antes de encontrar seus falcões e começar a desaparecer nas Terras Altas; Sumiya Hemsı pelo seu coração, risada e amar a mamãe quase tanto quanto eu; Batool pelo cuidado passional que você transmite; Yasmeen Akhtar pela sua elegância, estilo Audrey Hepburn; Asha Abdillahi; Rabia Barkatulla; Shaista Chisty; Sajeda Quereshi e Mockbul “Mycroft” Ali; Julie Siddiqi e incontáveis outros corações que me mantiveram inspirada e rindo. Vocês sabem quem são.

Ao John Crawford (meu amadopai adotivo) e Victoria Dyke, obrigada por lerem isso aqui no primeiro rascunho (inclusive com alguns desenhos incrivelmente ruins) e por me fazerem assinar uma cópia, acreditando que valia o tempo de vocês fazer ambas as coisas. Amo os dois infinitamente.

A todas as minhas sobrinhas e sobrinhos: Inara, cujos murmúrios me animaram durante o primeiro rascunho; Kamilah, com seu belo coração que anseia por fazer amizades que sempre me faz sorrir; Zahir, que me questionou sobre a Segunda Guerra Mundial e me inspirou (e as perguntas não foram nada cansativas de responder!); Eshan, o atrevido; e os dois donos do meu coração, Kasheefa e Maeesha, agradeço por fazerem o meu mundo tão mais alegre.

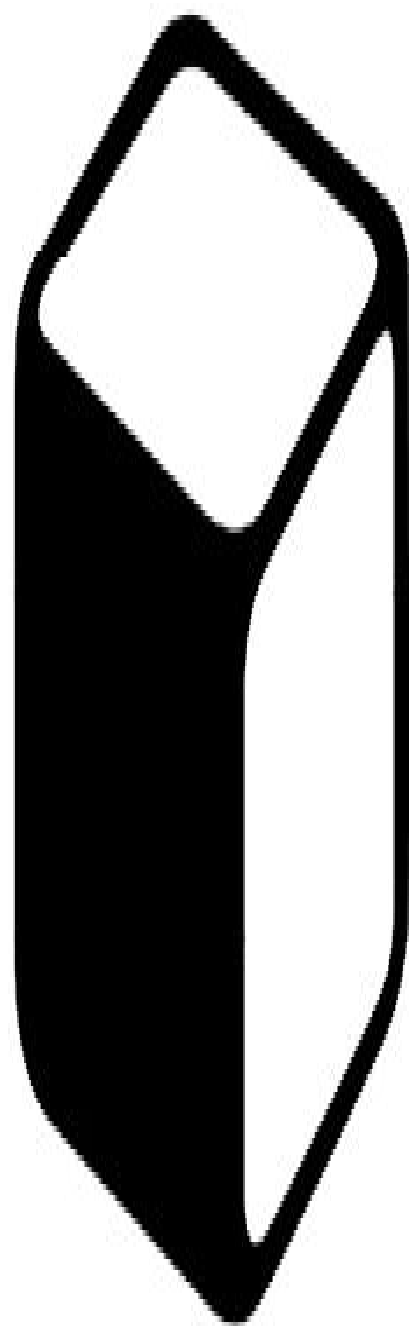
A todos os refugiados que foram forçados a procurar por paz longe do lugar que chamavam de casa: há mais amor para vocês do que consigo imaginar. Continuem. A paz virá.

E para coroar tudo isso, meu coração deve agradecer de joelhos a Deus. Por atender minhas orações, fazer isso acontecer, me permitir viver e dizer “ainda não” quando isso é o que mais preciso ouvir.

Sobre a autora

Onjali Q. Raúf é a fundadora do Making Herstory, uma organização que encoraja homens, mulheres e crianças a trabalharem juntos para criar um mundo mais justo e igual para mulheres e garotas em todos os lugares. Em seu tempo livre, entrega kits de emergência para famílias refugiadas que vivem em Calais e Dunkirk e pode ser encontrada geralmente com a cabeça enfiada em um livro na livraria local. O garoto do fundo da sala é seu primeiro livro.





The GiftBox

E D I T O R A

A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

[Facebook.com/thegiftboxbr](https://www.facebook.com/thegiftboxbr)

Instagram: [@thegiftboxbr](https://www.instagram.com/thegiftboxbr)

Twitter: [@thegiftboxbr](https://twitter.com/thegiftboxbr)

Skoob: http://bit.ly/TheGiftBoxEditora_Skoob